



Instituto Politécnico de Lisboa  
Escola Superior de Comunicação Social  
**Mestrado em Jornalismo**

# Jornal Record: o destaque concedido aos 'clubes pequenos'

Relatório de estágio submetido como requisito parcial para a obtenção do grau de  
Mestre em Jornalismo

António Pedro Mourinha Barradas

Orientação de:  
Professora Doutora Anabela de Sousa Lopes

Lisboa, setembro de 2017

## **Declaração anti-plágio**

Declaro que o presente trabalho, requisito para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, é exclusivamente da minha autoria. Informo ainda que todas as citações e referências a outros autores estão devidamente identificadas, segundo a norma de Harvard.

Este relatório de estágio, de nome “*Jornal Record: destaque concedido aos ‘clubes pequenos’*”, é publicado pela primeira vez no dia 22 de setembro de 2017, na Escola Superior de Comunicação Social. A presente publicação nunca foi submetida a qualquer outra instituição de ensino superior para obtenção de um grau académico ou qualquer outro tipo de avaliação. Por outro lado, também não deverá ser utilizado posteriormente sem a devida citação identificada.

Declaro ainda ter consciência de que o plágio é crime e de que o mesmo pode levar à anulação do trabalho agora apresentado.

O candidato,

António Pedro Mourinha Barradas, aluno nº 9052

## Resumo

Tendo por base um jornalismo desportivo português tão tripartido entre Benfica, Sporting e FC Porto, importa perceber onde reside o espaço para os restantes 15 clubes na imprensa escrita portuguesa, mais precisamente no jornal Record, onde realizei o meu estágio.

O presente relatório de estágio foi desenvolvido no âmbito do Mestrado em Jornalismo da Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa, tendo com o objetivo e finalidade a obtenção do grau de mestre.

Após três meses de estágio (9 de janeiro de 2017 a 6 de abril) na publicação desportiva da Cofina, no jornal Record, a pergunta de partida: “*qual o espaço dos clubes ‘pequenos’ nas manchetes do Record?*”, foi respondida ao longo do trabalho e o que poderia ser entendido como uma informação conhecida à partida, com o desenvolver da investigação e do estágio, acabou por ser mais do que isso. A relação dos restantes 15 clubes da 1ª Liga ao destaque em manchete prende-se, quase na totalidade, com a alavanca dos ‘três grandes’, sendo que nunca nenhum surge sozinho nas manchetes. Tudo isto tendo por base uma escolha em termos de critérios de noticiabilidade algo dúbia.

O relatório contém várias abordagens, contrapontos e visões dos mais diferentes autores sobre aspetos essenciais na construção das manchetes e do jornalismo em si: a objetividade, os critérios de noticiabilidade e a génese da notícia.

**Palavras-chave: objetividade; critérios de noticiabilidade; notícia; Record; Manchetes e ‘clubes pequenos’.**

## **Abstract**

Based on a portuguese sports journalism so divided into Benfica, Sporting and FC Porto, it is important to know where can we find the space for the 15 remaining clubs in the portuguese press, more precisely, in the newspaper where the internship was: Record.

The present work is part of a Master's in Journalism and was developed in the Superior School of Communication and Media Studies (ESCS) of Lisbon, with the objective of obtaining a master's degree in Journalism.

After three months of internship (from January 9 to April 6 2017) in the sports newspaper of the company Cofina, called Record, the initial question: "*what is the space for 'small clubs' in the headlines?*" is answered throughout the report, and what could be understood mainly as an information known since the beginning, with the development of the investigation and of the internship, it ended to be much more than that. The connection of the 15 remaining clubs of the portuguese first football division with the highlights in the headline is attached, almost everytime, with the three major clubs in the portuguese football league. None of which appears alone in the headline, with a selection of news-value somehow questionable.

This report contains various approaches, counterpoints and visions of a wide variety of authors on key aspects in making headlines and on journalism itself: objectivity, news-value and basis of news.

**Keywords: objectivity; news-value; news; Record newspaper; headlines and 'small clubs'.**

## Agradecimentos

Como todas as jornadas que começam, o caminho é sempre mais tortuoso do que a própria chegada. Durante estes 17 anos nos quais frequentei todos os níveis de ensino até chegar ao Mestrado, houve colinas mais sinuosas, vales mais pacíficos e estradas com lombas que me obrigaram a regular a velocidade. Nunca a travar. Hoje, agradeço aos que me ajudaram, à sua maneira, a chegar ao corolário de uma viagem extensa, mas proveitosa. A eles, o melhor do mundo. Do meu mundo.

*“The reasonable man adapts himself to the world: the unreasonable one persists in trying to adapt the world to himself. Therefore all progress depends on the unreasonable man.”* (Shaw, 2000). Procurarei continuar a ser sempre “não razoável”.

Ao meu pai, por me ter permitido sempre continuar a estudar e, à sua maneira, ter o maior orgulho do mundo em mim.

Ao meu irmão Fred, por me ajudar a viajar num mundo menos aborrecido do que o real.

Ao Cruz, por ser um dos meus pilares e partilhar a utopia sonhadora de um futuro que ambos perspetivámos.

Ao João, por me chamar à realidade quando esta insiste em fugir e estar sempre na primeira fila dos meus falhanços para me agarrar.

À Joana, por ter sempre a palavra certa quando as mesmas me falham e acreditar mais em mim do que eu próprio.

À Professora Doutora Anabela de Sousa Lopes, por ter ouvido as minhas lamúrias, anseios e ter tido sempre a capacidade de me orientar da forma mais adequada possível neste trabalho.

À Sofia, por me ter ajudado a abrir os olhos sempre que estes tendiam a fechar e por ter uma forma de ver o mundo tão idêntica à minha.

Ao Tomás, por ter o mundo para conquistar, mas preocupar-se mais que o meu não desabe e por ser a pessoa que melhor me compreende em todas as situações.

À Vera, por ter a força de mil homens quando é preciso agarrar-me e demonstrar-me que as coisas não são assim tão más e que, no fundo, ficarei sempre bem.

À minha mãe, que é, foi e sempre será, o meu tudo.

# Índice

<b>Declaração anti-plágio .....</b>	<b>I</b>
<b>Resumo .....</b>	<b>II</b>
<b>Abstract .....</b>	<b>III</b>
<b>Agradecimentos.....</b>	<b>IV</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>5</b>
<b>Capítulo I: Apresentação da empresa .....</b>	<b>7</b>
1. Cofina, uma empresa que não se confina ao desporto .....	7
2. Record: o jornal para todas as classes .....	9
<b>Capítulo II: Enquadramento teórico dos pilares do jornalismo .....</b>	<b>14</b>
1. Jornalismo desportivo: uma editoria menor? .....	14
1.1 Futebol: Um elemento identitário .....	15
1.2 As particularidades do jornalismo desportivo .....	17
2. Do acontecimento à notícia .....	21
3. Notícia: Muito mais do que uma novidade .....	22
4. Valor-notícia: a luta pelo espaço mediático .....	26
5. Objetividade no jornalismo: Ser ou não ser?.....	28
5.1 Procura pela objetividade .....	30
5.2 O escudo da objetividade .....	31
5.3 Os obstáculos à objetividade .....	33
5.4 A importância da utópica objetividade.....	36
<b>Capítulo III: A experiência de estágio.....</b>	<b>38</b>
1. Jornalismo online: Será um futuro adiado?.....	38
1.1 O papel do editor no online .....	41
1.2 A importância das redes sociais no jornalismo online .....	43

2. Estágio online .....	44
3. Descrição da secção .....	47
4. Secção de Futebol Nacional .....	49
4.1 A dependência dos colaboradores.....	51
5. As diferenças entre os dois mundos: online e papel. ....	53
6. A redação: o centro do jornalismo .....	55
7. Trabalho realizado .....	56
<b>Capítulo IV: A problemática em estudo .....</b>	<b>60</b>
1. Análise dos resultados: destaque dado aos ‘clubes pequenos’ nas manchetes do jornal Record.....	60
1.1 Meses em análise (de janeiro a abril de 2017).....	63
1.1.1 Mês de janeiro de 2017: .....	63
1.1.2 Mês de fevereiro de 2017: .....	65
1.1.3 Mês de março de 2017: .....	67
1.1.4 Mês de abril de 2017: .....	69
<b>Considerações finais.....</b>	<b>71</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>74</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>77</b>
<b>1. Entrevistas exploratórias: .....</b>	<b>78</b>
<b>1 a)</b> Sofia Lobato, Editora do Online, no jornal Record:.....	78
<b>1 b)</b> Nuno Miguel Ferreira, Editor Futebol Nacional, jornal Record: .....	82
<b>1 c)</b> Bernardo Ribeiro, diretor adjunto, jornal Record.....	85
<b>2. Notícias escritas no online.....</b>	<b>89</b>
<b>2 a)</b> Notícia escrita no dia 10 de janeiro de 2017: .....	89
Notícia escrita no dia 10 de janeiro de 2017:.....	89
Notícia escrita no dia 10 de janeiro de 2017:.....	89
Notícia escrita no dia 10 de janeiro de 2017:.....	89

Notícia escrita no dia 10 de janeiro de 2017:.....	89
Notícia escrita no dia 10 de janeiro de 2017:.....	89
Notícia escrita no dia 10 de janeiro de 2017:.....	90
Notícia escrita no dia 12 de janeiro de 2017:.....	90
Notícia escrita no dia 12 de janeiro de 2017:.....	90
Notícia escrita no dia 12 de janeiro de 2017:.....	90
Notícia escrita no dia 12 de janeiro de 2017:.....	90
Notícia escrita no dia 12 de janeiro de 2017:.....	90
Notícia escrita no dia 30 de janeiro de 2017:.....	90
Notícia escrita no dia 7 de fevereiro de 2017.....	90
Notícia escrita no dia 15 de fevereiro de 2017:.....	91
Notícia escrita no dia 21 de fevereiro de 2017.....	91
Notícia escrita no dia 21 de fevereiro de 2017:.....	91
<b>2 b) Notícia assinada online (decidido pelo editor): .....</b>	<b>92</b>
<b>3. Manchetes a destacar .....</b>	<b>93</b>
<b>4. Notícias escritas para o jornal em formato papel .....</b>	<b>97</b>
<b>5. Artigo Premium escrito para o site.....</b>	<b>105</b>



## Índice de Figuras

Figura 1- Logótipo da Cofina .....	7
Figura 2 - Logótipo do Record .....	9
Figura 3 - Menções nas manchetes no mês de janeiro.....	63
Figura 4 - Menções nas manchetes no mês de fevereiro.....	65
Figura 5 - Menções nas manchetes no mês de março .....	67
Figura 6 - Menções nas manchetes o mês de abril .....	69

## Introdução

“*No entanto ela move-se*”. Galileu Galilei foi obrigado a desmentir a sua teoria heliocêntrica de que a Terra girava em torno do sol, perante uma intransigente Inquisição, porém, afirmou que esta se movia, reiterando a sua posição. Tal como o que foi afiançado pelo astrónomo em 1633, o mundo não pára o seu movimento e está em constante evolução. O mesmo se passa com o jornalismo. Uma profissão em permanente mutação que evolui ao sabor do tempo e com as ideias do mundo. Desde os primórdios da notícia que se passava através da conversa, até aos noticiários *online*, tudo se tem alterado numa das profissões que mais abre horizontes e mais permite à humanidade continuar a evoluir, sobretudo o seu conhecimento.

Dentro do jornalismo há uma área que tem sido alvo de várias mudanças com o passar das décadas: o jornalismo desportivo. Em Portugal passou-se de uma era em que a velocipédia e o tiro faziam as manchetes e davam nome às publicações desportivas, para uma época em que nenhum desporto além do futebol faz manchete total nos três principais diários desportivos: Record, A BOLA e O JOGO. Dentro do espectro alargado que é o futebol, o desporto mais popular do mundo, em Portugal há uma preferência quase exclusiva por três clubes que juntam a totalidade da atenção mediática: Benfica, Sporting e FC Porto. Essas três potências desportivas aglomeram destaques e veem girar à sua volta todo o foco dessa área do jornalismo. Importa entender que os critérios de noticiabilidade: da relevância, novidade e atualidade (a título de exemplo), são para cumprir e a pluralidade e isenção têm de continuar a ser o baluarte da profissão, não podendo ser relegados para segundo plano em virtude de um jornalismo virado apenas para o que vende. Dessa forma, importa mostrar aos leitores o que realmente é relevante nas capas e não somente o que terá mais hipóteses de gerar lucro nas bancas.

Este relatório terá como missão central perceber não só o espaço que as restantes 15 equipas da Primeira Liga portuguesa têm nas manchetes do jornal Record – local onde foi realizado o estágio –, mas de que forma é concedido esse destaque aos ‘clubes pequenos’. A forma como um jornalismo que se afirma plural e, em grande parte, transporta a bandeira da objetividade, lida com uma constante tripartição noticiosa, onde o conteúdo transposto para o rosto do jornal – que é a manchete – acaba por ser quase sempre igual e em torno dos mesmos protagonistas. O objetivo primordial da presente investigação é entender de que forma é possível aos clubes fora do espectro de Benfica,

Sporting e FC Porto, granjearem de atenção mediática e, em caso de existir esse destaque, quais os motivos para tal.

O escrutínio das manchetes será apenas uma das partes da dissertação académica realizada. Além da parte empírica realizada de 9 de janeiro a 6 de abril de 2017, existirá também uma contextualização teórica, onde serão revistas e contrapostas várias ideias e teorias sobre a notícia, a objetividade no jornalismo e o valor-notícia, aspetos que serão fulcrais para retirar conclusões da análise efetuada. A parte do relato do estágio será um conjunto de algumas aceções retiradas dos 3 meses como jornalista estagiário no Record, que serão sustentadas com alguns autores que perfilham de teorias e opiniões similares ou, em alguns casos, distintas do que foi retirado do período de estágio.

A primeira parte do relatório incidirá na apresentação tanto da empresa agregadora em si, a Cofina, como na da publicação na qual foi realizado o estágio, o jornal Record. Logo após a apresentação, segue-se a contextualização teórica, onde estarão presentes as mais diversas visões e teorias sobre a objetividade, a notícia e o valor-notícia, como foi suprarreferido. Esta será a parte mais teórica e extensa do relatório, e que terá um papel essencial, permitindo que seja possível descortinar as razões dos destaques noticiosos aos 15 clubes da Primeira Liga, além de tentar estabelecer uma relação de causalidade e critério noticioso entre todas as manchetes. A terceira parte será a recapitulação dos meses de estágio, com incidência na secção Futebol Nacional e *Online* – secções por onde passou a experiência jornalística.

Será também revisto o papel do editor no *online*, o funcionamento da redação, o trabalho realizado, além das disparidades entre o papel e o digital. Após um enquadramento teórico e uma descrição empírica da experiência, é tempo de finalizar com a quarta e última parte, que estará destinada à análise do objeto de estudo, neste caso: as manchetes. Vistas e analisadas através de uma tabela, terão também de ser escrutinadas textualmente. Feita que está a observação e compreensão das manchetes, o relatório encerrará com as considerações finais, que visam responder à pergunta de partida: “*de que forma é dado destaque aos ‘clubes pequenos’ nas manchetes do jornal Record?*”.

Além da análise de conteúdo como metodologia escolhida para desenvolver o trabalho, também a entrevista exploratória (descriminada nos anexos) foi determinante na obtenção de respostas, visto o presente relatório privilegiar o discurso direto dos intervenientes no processo jornalístico, desde editores, até à chefia, conferindo-lhes voz e traçando uma linha de pensamento através de todas as respostas obtidas.

# Capítulo I: Apresentação da empresa

## 1. Cofina, uma empresa que não se confina ao desporto



Figura 1- Logótipo da Cofina

Foi no ano de 1995 que surgiu a *Cofina Media*, uma empresa nacional dedicada à área dos *media* e conteúdos, mais precisamente à publicação de jornais e revistas, sendo líder em Portugal no domínio da imprensa. Desde 1998, encontra-se cotada na *Euronext* de Lisboa – antiga bolsa de valores de Lisboa - no fim dos anos 90 a Cofina ainda era uma *holding* diversificada, uma vez que, além da sua atividade na área dos *media*, detinha também negócios na indústria do aço, pasta de papel e vidro, cristal e porcelana. No ano de 1999, a Cofina dá um passo fundamental nesta área dos *media* para atingir o patamar no qual se encontra hoje, em 2017. Junta-se ao Banco Português de Investimentos (BPI) e cria a Investimentos, Media e Conteúdos. Esta junção levou a uma parceria que permitiu que lançassem uma OPA<sup>1</sup> à *Investec*, adquirindo assim a *holding* de *media* que detinha o jornal *Record*. No ano seguinte, a parceria com o BPI permitiu que se virasse para a *Presslivre*, que detinha o *Correio da Manhã* e assim passar a deter também a publicação que é agora ex-líder de vendas no mercado atual<sup>2</sup>. Já em 2000/2001, Paulo Fernandes, que era líder do grupo, reafirmava a empresa como “*voltada para os media e as novas tecnologias*” (Faustino, 2004: 162), isto depois de ter aumentado a sua participação noutras empresas ligadas aos *media*. Foi em 2001 que a *Investec* acabou por aproveitar a integração da *Presslivre* e da *Edisport* no grupo Cofina e finalizou a reestruturação do *Correio da Manhã* e do *Record* (Faustino, 2004). Outro marco importante foi o ano de

<sup>1</sup> Informação consultada no seguinte link: <http://www.jornaldenegocios.pt/empresas/detalhe/cofina-e-bpi-lancam-opa-sobre-a-investec> . Último acesso: 20/5/2017.

<sup>2</sup> Informação consultada no seguinte link: <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2017-04-27-Expresso-torna-se-o-jornal-mais-vendido-em-Portugal> Último acesso: 20/5/2017.

2004, em que aproveitou para relançar a revista Sábado, que significou um passo fulcral no mercado das *news magazine*, que tinha como principal rival a revista semanal da Impresa, a Visão. Finalmente em 2005, procedeu-se à cisão destes negócios, ficando exclusivamente o sector *media* em plano principal.

Como grande aglomerado que é – o maior em Portugal, superiorizando-se à Impresa – a Cofina demonstra o seu poder através das várias publicações detidas. Quatro jornais (Correio da Manhã, Record, Jornal de Negócios, Destak), depois de recentemente, em setembro de 2016, ter fechado o jornal Metro; cinco revistas (Máxima, TV Guia, *Flash* - que funciona apenas *online* -, Sábado, Semana Informática) e um canal de televisão por cabo (CMTV).

Para reforçar a rentabilidade, o grupo Cofina tem como foco primordial:

1. Manter uma excelente qualidade editorial;
2. Aumentar de uma forma sustentável as receitas;
3. Apostar no segmento de *news media*;
4. Monitorizar os investimentos realizados e controlar os custos;
5. Proceder a uma gestão ativa de recursos e portefólio, otimizando dessa forma a sua estrutura funcional.

De salientar ainda que o grupo Cofina aproveita as sinergias que existem na linha editorial e edita revistas de grupos empresariais nacionais, como por exemplo Caixa *Woman* (Grupo Caixa Geral de Depósitos), NOS (guia mensal de programação NOS), Lusitana (Grupo Fábricas Lusitana), *We HPP* Saúde (Grupo HPP Saúde), *Tecnifor*, *To You* (Grupo Toyota), Mude (catálogo com a coleção de Francisco Capelo) e Olhar (Grupo Optivisão).

A empresa tenta fazer uso do espaço moderno e vasto para conseguir criar sinergias entre as publicações do mesmo grupo, sendo que, para tal se verificar, existe uma preferência por manter todas revistas, jornais e canais de televisão do grupo dentro do mesmo meio, que se situa na Rua José Maria Nicolau 3, 1500-374 Lisboa. Uma vez lá inserido, é possível observar a convivência entre as várias publicações e o desejo da direção que exista essa cooperação.

Os objetivos da empresa são passados à chefia de cada publicação numa reunião que é tida anualmente, sendo que, à medida que os meses vão avançando, vai existindo algum controlo sobre os números e os valores que foram exigidos, de forma a monitorizar

o sucesso ou insucesso do plano traçado, tendo de igual forma a possibilidade de reformular ideias e repensar o posicionamento estratégico no mercado. Segundo Bernardo Ribeiro, diretor adjunto do Record:

*“[os objetivos e a forma como são passados no jornal Record] Sim, advêm sempre de uma conversa entre a direção e a administração. Caso contrário, imagina, o jornal vende 35 mil e eles pediam-te para vender 50 mil, isso tem de ser falado e tens de explicar que não é possível”* (Anexo 1 c), página 88)

Com esta afirmação do diretor adjunto, é possível perceber que as metas têm de ser pensadas e estudadas pela empresa, que tem uma equipa estruturada por trás que representa os interesses do grupo em geral e de cada publicação em específico. Como é quotada em bolsa, a Cofina tem objetivos e metas distintas de outros grupos de media mais pequenos. Neste caso concreto, a estrutura é coesa e abrange os mais diversos níveis da comunicação, não se findando apenas na imprensa.

## **2. Record: o jornal para todas as classes**



*Figura 2 - Logótipo do Record*

Antes de iniciar a descrição do jornal Record importa perceber o contexto no qual a publicação, criada em 1949, se inseria aquando do seu nascimento.

*“Não podemos esquecer que foram os jornais desportivos aqueles que mais cresceram, quer em termos de vendas, quer em termos de centralidade social, ao longo do século XX, ocupando no final deste o lugar cimeiro das publicações mais vendidas em Portugal”* (Pinheiro, 2006: 34).

Desde 1893, data da fundação da primeira publicação de cariz desportivo, que deu pelo nome de *Velocipedista*, até 1985, altura em que foi fundado o jornal O JOGO, a última grande publicação desportiva diária a surgir, a imprensa desportiva portuguesa passou por períodos conturbados e, sobretudo, em que era difícil seguir um rumo no que ao desporto concernia. A primeira revista desportiva dedicava-se, tal como o próprio

nome indica, à velocipedia, assim como as restantes publicações à data na Europa (Pinheiro, 2006). É importante ter presente que o futebol não era, de todo, o desporto de eleição do século XIX e que só começou a ter algum destaque após a I Guerra Mundial (1914-1918), sendo um processo gradual que levou até ao fenómeno que assistimos no século XXI.

Com uma curiosa história, o jornal Record teve o seu nascimento no ano de 1949, quatro anos volvidos do fim da II Guerra Mundial e de um período algo catastrófico para a imprensa. Manuel Dias, atleta olímpico e vendedor de jornais, levou avante a sua iniciativa de criar um jornal desportivo – que começou por ser semanário – e foi o grande financiador e impulsionador da publicação que surgiria a 26 de novembro de 1949, intitulada, até aos dias de hoje, de Record. Apesar de alguns períodos algo conturbados e crises vividas, o jornal conseguiu granjear sempre de algum sucesso e de leitores fieis, que se vão mantendo até hoje. Em 1989, o Record viria a dar um dos passos mais importantes da sua, já vasta, história: a privatização. A publicação deixa de ser um meio familiar gerido por um só dono e torna-se uma empresa privada, com diferentes objetivos e compromissos. Os resultados foram visíveis pouco tempo volvido da privatização. O crescimento do jornal viria a ficar consagrado 6 anos depois de se tornar privado, visto a 1 de março de 1995 passar a ser diário, já após ter passado por semanal, bi-semanal, cinco vezes por semana e, finalmente, todos os dias.

Em 1999 é adquirido pela Cofina, empresa de *media* da qual faz parte até então. Este passo foi um dos mais importantes de toda a sua história, quer pelo peso que representa em termos de estrutura, quer pelas mudanças das quais foi alvo, visto pertencer a um aglomerado de *media* onde têm de existir sinergias com as restantes publicações, sendo levado num grande barco que alberga quatro jornais (Correio da Manhã, Record, Jornal de Negócios, Destak), cinco revistas (Máxima, TV Guia, *Flash* - que funciona apenas *online* -, Sábado, Semana Informática) e um canal de televisão por cabo (CMTV). É também no ano anterior ao de 2000 que o Record assume a modernidade, tendo criado o seu *website* nesse mesmo ano de 1999, a 20 de abril. O *online* do Record tem acumulado alguns prémios ao longo dos anos, sendo galardoado, em 2017, uma distinção do CNID (Associação dos Jornalistas de Desporto), recebendo o prémio *On-Line*<sup>3</sup>. Além do prémio, importa referir que o *site* passou as 30 milhões de visitas em agosto de 2015, um sinal claro de crescimento do *digital* e da fidelização dos leitores a um *site* em clara ascensão.

---

<sup>3</sup> Informação recolhida do seguinte *website*: <http://www.record.pt/fora-de-campo/detalhe/record-distinguido-com-premio-online-do-cnid.html> . Data de acesso: 15 de maio de 2017.

Em termos de chefia, o Record era um jornal relativamente estável, com diretores que duravam alguns anos no cargo, até passar por uma crise na direção do jornal a partir de 2013, que parece agora estar a estabilizar sob a direção de António Magalhães. Os diretores durante os 68 anos de história do jornal foram (por ordem cronológica): Fernando Ferreira (1949-1963), Artur Agostinho (1963-1974), José M. Poças (1975-1986), Rui Cartaxana (1986-1998), João Marcelino (1999-2001), José M. Delgado (2001-2003), Alexandre Pais (2003-2013), João Querido Manha (2013-2014) e António Magalhães (2014 -...)<sup>4</sup>.

*“O Público, Record e Tal & Qual são os únicos jornais que, no lapso de tempo compreendido entre 1995 e 2003, não conseguiram atingir os níveis de circulação de 1994”* (Faustino, 2004: 35). O Record presenciou a partir de 2000 um declínio nas suas vendas, mas não o suficiente para afetar o seu posicionamento no mercado dos diários desportivos, onde enfrenta a competição da A BOLA e do O JOGO. Nos dias de hoje, com o poder do *online* e devido à grave crise financeira que o país atravessou, vende consideravelmente menos do que em 2003. Porém foi uma crise que afetou quase toda a imprensa, com o *online* a ganhar o domínio das leituras e a ser, esse sim, o ponto forte do Record.

*“O Record era uma empresa de um só dono, muito familiar, acabou por mudar muita coisa. Os jornais mudaram muito. A voracidade da internet e das redes sociais mudou muita coisa. Em termos de posicionamento estratégico foi ótimo o Record ter sido comprado pela Cofina. Agora está num grupo e isso é excelente. Agora o Record é mais organizado e profissional, mas em termos de papel vende menos, mas tem mais leitores, tudo isso graças ao online”* (Anexo 1 c), página 88).

Com esta declaração de Bernardo Ribeiro, diretor adjunto da publicação Record, podemos olhar para a chegada da Cofina de uma perspetiva diferente, uma vez que o jornal – como a imprensa escrita *per se* – vende menos no formato papel, mas granjeia de um maior sucesso, muito graças ao trabalho desenvolvido *online*, que é agora a principal fonte noticiosa. Segundo o diretor adjunto do jornal, a grande vantagem prende-se com o facto de a organização ser maior e a gestão em termos de *marketing* e posicionamento no espaço da imprensa portuguesa ser gerida pela Cofina em si e não pelos jornalistas ou direção, que apenas ficam a cargo com as questões jornalísticas. Os próprios jornalistas fora da secção *online* – que funciona de forma distinta em certos aspetos -, afirmam não

---

<sup>4</sup> Informação recolhida do seguinte *website*: <http://www.record.pt/ficha-tecnica/detalhe/20151126-1605-ficha-tecnica.html> . Data de acesso: 20 de abril de 2017.



ter o peso relativo aos objetivos a cumprir, algo que poderia ser normal num aglomerado de *media*, apesar de ser passada uma ideia de melhoria de resultados e alguma preocupação com o lucro, sobretudo aos editores, como nos confirma Nuno Miguel Ferreira, editor da secção Futebol Nacional:

*“Há a figura do acionista, visto a Cofina ser quotada em bolsa, e essa pressão existe. Do lucro, dos resultados, é o que nos passam, mas não noto isso no dia-a-dia. Ninguém me diz ‘faz isto que vai vender mais’. A interferência é quase nula. Há alguns eventos que apoiamos para dar visibilidade à marca, como os torneios de futebol jovem agora na Páscoa”* (Anexo 1 b), página 84)

Porém, a questão no *online* já é diferente, uma vez que é a grande aposta do jornal – como me foi transmitido ao longo dos três meses de estágio – e é mais fácil quantificar os objetivos a atingir, visto haver outro tipo de ferramentas das quais o papel não dispõe. As formas utilizadas para aferir a popularidade do *site* são várias: como saber os artigos mais lidos, o que prefere o leitor, tempo médio gasto no *site*, notícias mais procuradas, entre outros aspetos diferenciadores do papel, onde não é possível realizar uma análise tão extensiva dos mais diversos parâmetros. Tudo isto é feito através de um *site* ao qual apenas os editores da secção e os diretores têm acesso à conta e analisam diariamente, de seu nome: *Chartbeat*. Dessa forma, a preocupação é distinta e os métodos utilizados também tendem a ser mais eficientes. A contratação de um gestor de redes sociais é um desses exemplos da aposta e controlo dos objetivos do *online*. Talvez por esse motivo exista uma pressão distinta e mais presente no *online*, como é confirmado por Sofia Lobato, uma das editoras da secção:

*“[os números ditam o jornalismo atual] Sim, no online sim. Sei que se fizer um título ‘clickbait’ vou ter muito mais alcance e pageviews do que se fizer um título morto, mas acho que devemos continuar com essa política. Há muito bons trabalhos online, com boas infografias, conteúdo e qualidade e que são assentes nesse tipo de títulos. O que acontece é que são precisos meios para os fazer e neste momento não os tens. Precisas de cumprir objetivos e números. Tens de ser bom nas duas coisas e viras-te para onde?”* (Anexo 1 a), página 80)

Com a exceção da parte *online* do jornal, onde a presença e a pressão em termos de objetivos são maiores, a empresa Cofina não parece influenciar o trabalho jornalístico no dia-a-dia, nem na forma de agir, nem coagindo de forma condizente com certo ou determinado clube, como em tempos foi a realidade dos factos, tal como relata Bernardo Ribeiro.

*“Em determinado momento da sua história, o Record foi um pouco o jornal do Sporting, assim como A BOLA do Benfica e O JOGO do Porto, mas conseguiu libertar-se disso. Isso está mais na cabeça dos mais velhos. Essa mentalidade mudou muito e o Record conseguiu*

*libertar-se bem disso. Fazemos quase diariamente manchetes com o Benfica e com o Sporting, que são os dois clubes comercialmente mais interessantes para nós, mas o FC Porto tem uma boa cobertura dentro do jornal, tendo algumas capas na edição norte do que na sul.”* (Anexo 1 c), página 85)

Este é um dos pontos de maior enfoque das críticas que surgem às publicações desportivas e sobre as quais residem as principais polémicas: o clubismo. Afirmada que está a pluralidade do jornal, foi vincado por membros da chefia e jornalistas no seu geral, que, em 2017, é possível confirmar que entre os três clubes mais representados em Portugal, o Record não dá primazia a nenhum clube específico. Como se verá mais à frente no trabalho, através da análise das manchetes, conclui-se que não existe uma preferência declarada. Não é visível que seja feita uma escolha deliberada, sobretudo entre os dois rivais de Lisboa: Benfica e Sporting.

A política editorial do jornal Record está muito ciente e vincada pela sua chefia: *“Cada jornal tem a sua política editorial. A política editorial do Record é muito clara: dar notícias de todos os quadrantes, de todos os clubes, chegar primeiro, ser verdadeiro”* (Anexo 1 c), página 86). Através desta resposta concisa de Bernardo Ribeiro, se vê que o Record se procura distinguir das restantes publicações desportivas (A BOLA e O JOGO) pela celeridade noticiosa e pelos exclusivos que tem. Sejam reportagens, entrevistas ou conteúdo multimédia, é certo que a publicação procura sempre destacar-se das demais.

Também o grafismo adquire uma relevância diferente no Record, que é muitas vezes destacado por esse ponto, demonstrando que mesmo com o conteúdo certo, se não existir algum cuidado a nível gráfico, o público não terá o mesmo interesse, nem será cativado da mesma maneira. Ao longo do estágio foi várias vezes afiançado pela redação e confirmado pelo editor da secção Futebol Nacional, Nuno Miguel Ferreira.

*“Para mim isso nota-se [o destaque do Record relativamente às restantes publicações desportivas] sobretudo graficamente. Somos um jornal mais arrumado e mais fácil de ler. Somos também o mais rápido a responder (...) Damos um ar mais fresco às coisas, os outros são máquinas menos ágeis a responder, parece-me”* (Anexo 1 b), página 84).

Por fim, na redação a opinião relativa ao Record parece ser mais ou menos unânime, quer pelo poder histórico de um jornal com quase 70 anos, como pelos profissionais creditados que fizeram carreira na publicação desportiva. *“O Record é um jornal popular, que atravessa todas as classes e faixas etárias. Não é um ‘Jornal de Negócios’ que interessa mais às elites”* (Anexo 1 c), página 86). Quem o afirma é Bernardo Ribeiro, diretor-adjunto. É esta a ideia que é passada, um jornal que abrange os

mais diversos estratos e as mais diversas classes, não escolhendo – em termos sociais – um campo específico de incidência.

## Capítulo II: Enquadramento teórico dos pilares do jornalismo

### 1. Jornalismo desportivo: uma editoria menor?

É um debate que costuma constar no seio da opinião pública: jornalismo desportivo é ou não uma editoria menor do jornalismo? Mesmo com algumas opiniões divergentes, o certo é que o jornalismo desportivo tem ganho algum impacto ao longo dos anos. “*Para perceber os media, precisamos de saber acerca do desporto; para perceber o desporto, temos de saber acerca dos media*” (Cricher, 1987: 130). No entanto, as coisas nem sempre foram desta forma para esta área do jornalismo.

*“Encarado como o toy department no jornalismo – numa designação atribuída por Howard Cosell (um jornalista desportivo norte-americano) – tal analogia deve-se ao facto de se considerar os brinquedos e brincadeiras como algo pouco sério e importante, o que faz com que o jornalismo desportivo não seja uma das editorias mais prestigiantes” (Henriques, 2014: 33).*

Este “*toy department*” (Henriques, 2014) tem ganho alguma relevância concedida por vários estudos feitos na área, no entanto, não os necessários para poder alcançar algum renome na academia científica. “*Sendo alvo aqui e ali de ocasional interesse, o jornalismo desportivo não tem, entre nós, uma tradição de estudos académicos, nem costuma ser alvo de reflexões aprofundadas por parte da classe jornalística*” (Serrano e Pereira, 2006: 8). Apesar de ser uma vertente do jornalismo em expansão e que, graças ao sucesso português no futebol (exemplo do Campeonato da Europa de 2016, onde Portugal se sagrou campeão) tem existido um maior interesse em explorar este campo, ainda existe muita estranheza à pouca intromissão relativa a estudos sobre o jornalismo desportivo na academia, parecendo tratar-se de um ‘jornalismo menor’, como defendem Felisbela Lopes e Sara Pereira (2006). Raymond Boyle (2006) refuta a ideia de que o desporto se afasta do jornalismo e do que é a sua função primordial.

*“Se o jornalismo for relativo a disseminar informação e facilitar a discussão no âmbito dos problemas de ordem social, política, económica e cultural, que são pertinentes para a sociedade, então o desporto, mesmo que muitos académicos discordem, é parte desta mistura” (Boyle, 2006: 13)*

Rowe (2004) vai mais longe e sublinha que, apesar de terem bases diferentes e de utilizarem diferentes sensações e objetivos distintos, os *media* e o desporto são, neste momento, indissociáveis, contribuindo de forma igualitária um com o outro.

Nomes como Luís Sobral (1999), João Nuno Coelho (2001), Pedro Magalhães (1999) ou Francisco Pinheiro (2006), são alguns dos que se foram debruçando sobre o estudo do jornalismo desportivo em Portugal e que ajudaram a descortinar uma editoria que nem sempre suscitou a atenção dos teóricos do jornalismo. De igual forma, é também possível observar que a expansão da cobertura mediática do futebol por parte da imprensa de ‘qualidade’ – fora dos tabloides – tem crescido nos últimos 15 anos (Crolley e Hand, 2002). Não só em Portugal, mas na Europa em geral. O desporto é olhado de outra forma, com o futebol a assumir-se como a mais importante fonte de notícias, sendo a força motriz que faz vender jornais – no caso da imprensa escrita – e que dá audiência às emissoras televisivas.

### **1.1 Futebol: Um elemento identitário**

Ignorar o jornalismo desportivo na sociedade contemporânea “*seria como ignorar o papel da igreja na Idade Média ou ignorar o papel da arte no Renascimento*” (Real, 1998: 15 *apud* Nicholson *et al*, 2015: 10). Os autores vão mais longe e afirmam que “*os textos dos media desportivos podem influenciar a forma como as pessoas percebem o mundo à sua volta*” (Nicholson *et al*, 2015: 11). O sentimento de pertença e de identidade nacional é muitas vezes referido como sendo reforçado pelo desporto e, conseqüentemente, pela difusão das notícias desportivas nos *media*. Carlos Daniel (2006) vai mais longe e frisa o futebol como “*elemento identitário*” (2006: 38) de um país e que ajuda a propalar um sentimento de pertença e de orgulho numa nação que se une nos grandes eventos desportivos (exemplo máximo o Euro 2004 em Portugal). Vinca também a identidade nacional, muitas vezes perdida no tempo e no espaço. É também ressaltado o predomínio das conversas quotidianas e o facto de atravessar classes, servindo assim como fator de inclusão social, uma vez que é transversal a todos os indivíduos presentes em determinada sociedade (Daniel, 2006). A sociedade na qual nos inserimos está visivelmente marcada pelo futebol como fator comum às vivências de cada cidadão e à sua forma de interagir com os restantes, sendo o desporto – em particular o futebol – um dos primeiros temas a emergir quando existem conversas e debates sobre a atualidade.

Rowe (2004) fala do desporto como um substituto da guerra, no que toca a gerar a consciência coletiva de união entre os habitantes do mesmo país, que formam o mesmo povo, funcionando assim como alavanca de união à volta do mesmo propósito.

Estrela Serrano (2006) considera o futebol um espetáculo mediático por excelência em virtude de todas as paixões, emoções e sensações que desperta, apelando ao seu carácter físico, estético e lúdico, afetando as pessoas nos vários planos tanto a nível comportamental, como afetivo e cognitivo (2006: 162). Esses níveis nos quais o futebol tem influência direta, mexem com a forma distinta como é vivida a modalidade e tudo o que se escreve sobre ela.

No entanto, a temática que me proponho explorar não é única e exclusivamente assente no estudo do jornalismo desportivo por si só. A ideia do meu relatório de estágio – que foi realizado no jornal Record de 9 de janeiro a 6 de abril de 2017 – é tentar descortinar de que forma é dado o destaque nas manchetes do jornal onde efetuei o estágio (Record), aos clubes fora dos ‘três grandes’ (Benfica, Sporting e FC Porto). É senso comum afirmar-se que Portugal vive “*apaixonado pelos três grandes*”, como afirmou João Rosado<sup>5</sup>, e essa verdade inquestionável prende-se pelo número de adeptos, títulos ganhos e paixões despertadas. O futebol é um fator de união cultural e étnica que se tem propagado ao longo do tempo (Coelho, 2001). Dessa forma existe uma necessidade de dar maior destaque e, de certa forma, promover os clubes que dominam e, face ao seu vasto número de adeptos e simpatizantes, acabam por atrair mais atenção. Contudo, qual é o espaço dos clubes pequenos num jornalismo que se diz plural? De que forma é concedida essa janela de destaque aos clubes fora da tripolarização clubística? Terão destaque sempre que confrontam os grandes? Será o destaque apenas concedido em alturas de crise? De grandes contratações? O cerne do relatório de estágio incidirá aí, nos critérios de noticiabilidade utilizados, no valor concedido às notícias fora do espectro que se presume habitual no desporto e à objetividade dos jornalistas que têm um papel decisor na escolha desses destaques noticiosos.

O que me proponho a realizar inicialmente é uma análise dos autores que já escreveram sobre a génese das notícias, do seu acontecimento ao seu nascimento, da sua importância, do seu papel na sociedade, além do critério de noticiabilidade. Também a objetividade, a sua existência e pertinência nos dias de hoje, algo que se torna cada vez mais relevante, sobretudo no jornalismo desportivo. Uma definição tão sinuosa e com

---

<sup>5</sup> Durante uma sessão da unidade curricular de Seminários Temáticos em Jornalismo a 25 de outubro de 2016

diferentes pontos de vista e leituras da mesma palavra, que é transversalmente alvo de inúmeras críticas. Ir-se-á procurar entender de que forma ainda podemos referir a objetividade como um conceito a ser valorizado e imprescindível no jornalismo e, em específico, no jornalismo desportivo. Todos estes conceitos serão fulcrais na realização do presente trabalho, visto o tema escolhido estar intrinsecamente ligado ao valor-notícia, à notícia na sua génese e à existência ou não de objetividade jornalística.

Terá de existir um contraponto de diferentes visões sobre os mesmos conceitos e uma apresentação de diferentes contextos, para ser possível alcançar diversas definições, que me permitirão construir uma base sólida para chegar a uma – ou várias - resposta às questões iniciais, assim como me permitirá munir de conhecimento para sustentar melhor as conclusões retiradas no fim do relatório.

## **1.2 As particularidades do jornalismo desportivo**

No jornalismo desportivo os critérios de noticiabilidade não se regem exatamente pelo mesmo diapasão que se regem as publicações generalistas. Quem o afirma é Chas Critcher (1987) que refere, partindo da lista clássica de Galtung e Ruge(1965 *apud* Sousa, 2001), que é utilizada como base no que concerne ao valor-notícia, ser possível elencar uma lista específica para o desporto, que se divide em três subcategorias: organização de notícias, seleção de notícias e apresentação de notícias.

No que concerne à organização de notícias, o desporto exige – como suprarreferido – mais velocidade na publicação e uma maior abrangência em termos de cobertura, uma vez que existem sempre vários eventos a ocorrer ao mesmo tempo, logo, é necessário definir prioridades. O segundo ponto prende-se com o facto de que as notícias devem enquadrar-se todas nas categorias pré-concebidas, não havendo muito espaço para acontecimentos que saiam da órbita previamente definida. Os jornais, visto terem prazos mais curtos e apertados, são mais rígidos neste ponto. “*Do ponto de vista da organização, o desporto ocorre ao ritmo certo, nos locais previstos e enquadra-se nas categorias de notícias escolhidas*” (Critcher, 1987: 135). Isso foi muito verificável durante o estágio no jornal Record, em que tudo o que saísse fora do estrito plano editorial definido, não teria sequer hipóteses de ver a luz do dia (mais informação no Capítulo III).

Para Galtung e Ruge (1965 *apud* Sousa, 2001), há vários critérios que definem o processo de seleção noticiosa, quatro dos quais se aplicam ao desporto em específico, segundo Critcher (1987). A imprevisibilidade, a presença da elite, a negatividade e a

relevância. O da presença da elite é muito utilizado na imprensa portuguesa, como se verá mais à frente no trabalho. No que toca a imprevisibilidade, é possível afirmar que o desporto é o ideal para recolher notícias imprevisíveis. “*Um evento previsível com um desfecho imprevisível é a notícia perfeita*” (Critcher, 1987: 135). A incerteza inerente ao resultado, ao que pode acontecer durante o jogo ou o evento, torna essa questão essencial como critério de noticiabilidade. Temos também a relevância que é algo comum ao desporto e a todos os meios noticiosos. Tudo o que forem informações que mexam com o *status quo* vigente e granjeiem de muita atenção mediática, são obviamente noticiáveis por terem relevo e impacto na sociedade. Um impacto que é imediato e que se repercute nas vendas dos jornais, por exemplo. Quanto maior for o interesse e quanto mais destabilizar o quotidiano, mais possibilidade tem de ser comprado e difundido. No que diz respeito à presença de elites e figuras públicas, o desporto pauta-se de uma forma diferente do restante jornalismo.

Como afirmou Nowell-Smith (1979 *apud* Critcher, 1987: 135) o mapa geopolítico do desporto nada tem a ver com o geral. Num mundo dominado pelas superpotências como os Estados Unidos, a China e a Rússia, o desporto foge à ‘regra’. Esses países não têm o mesmo peso, sendo mais importante o que se passa em Inglaterra, França, Itália, Alemanha ou Espanha, por exemplo, que tem uma cultura desportiva muito maior e mais impactante em todo o mundo. Assim como o domínio nas diferentes modalidades, que não está em nada relacionado com o domínio político-económico do globo. Por fim, a negatividade, que o autor considera o mais importante critério de noticiabilidade e o que distingue o desporto de outras editoriais do jornalismo (Critcher, 1987). De acordo com o autor, o desporto oferece uma boa imagem do mundo, mesmo com alguns percalços políticos, de confrontos entre adeptos ou meteorológicos. Isso é o que acaba por distingui-lo do resto das áreas do jornalismo, essa ‘falta’ de negatividade que leva a alguma abstração do panorama económico-social vigente.

“*A importância dada a um acontecimento depende da perceção que os jornalistas fazem do interesse que os destinatários poderão encontrar nele*” (Serrano, 2006: 26). Com esta frase, Estrela Serrano está a demonstrar que são os jornalistas, baseados no público que compra o jornal e que vê o que escrevem, que definem o que terá interesse e será noticiável, sendo que a negatividade é, mais uma vez, um dos critérios mais referidos, somando a isso o sensacionalismo e a vertente polémica do conteúdo noticioso, que é afetado segundo a visão de cada jornalista e dos meios de comunicação em que se insere.

Uma visão do jornalismo em geral contrastante com alegada ‘pouca negatividade’ no jornalismo desportivo, defendida por Critcher (1987).

A apresentação de notícias na área desportiva é inequívoca. Não há nada mais factual que um resultado, o número de adeptos ou o tempo de jogo. Critcher (1987) afirma que, se esses forem os valores da sociedade Ocidental, o desporto é uma das suas mais puras expressões e os *media* só têm de ter a preocupação de passar os ideais presentes na catividade desportiva. O que não é feito com exatidão e, isso sim, leva a tantos problemas e críticas ao jornalismo desportivo.

A visão de Critcher tem alguns opositores com opiniões distintas. A análise dos jogos de futebol na Europa já há muito que deixou de ser meramente explicativa do que se passou no jogo. São analisados lances, táticas, o ambiente, a arbitragem, os jogadores um por um e até os episódios caricatos fora do campo. Tudo isso é escrutinado e revisto. Tal como adiantam Sobral e Magalhães (1999). O público afeto ao desporto, e ao futebol em concreto, tornou-se mais exigente e consumidor de outro tipo de informação que não a que é meramente estatística (Crolley e Hand, 2002).

*“O futebol oferece um imenso manancial de fait divers aliciantes para jornalistas e leitores, como sejam os relatos das ‘estórias’ do ‘balneário’ e da vida privada dos atletas, as ‘picardias’ entre dirigentes, e as colunas dos especialistas e dos ‘treinadores de bancada’ “* (Serrano, 2006: 162).

Com esta citação, Estrela Serrano sumaria com muita minúcia quais são realmente os pontos de foco do jornalismo desportivo e que, conseqüentemente, alimentam várias páginas e duram durante diversas edições da mesma publicação diária. Além do espetáculo e do que lhe está inerente, os leitores dos jornais desportivos têm um grande interesse no ‘fora de campo’ e o que faz mexer esta máquina poderosa que é o futebol e o seu universo próprio.

As críticas específicas às publicações desportivas têm ganho outro peso. Com o evoluir do *online* e o domínio das redes sociais, é mais fácil criticar e ser criticado. Num jornalismo cada vez mais virado para uma lógica comercial de grandes empresas que detém publicações de *media* (exemplo do Record que é detido pela Cofina), a opinião dos leitores conta cada vez mais. A relação entre o desporto e os *media* tem tido benefícios recíprocos. *“Os media transformaram o desporto de um evento amador numa indústria hiper-comercializada, enquanto o desporto deu audiências enormes e receitas publicitárias aos media”* (Nicholson *et al*, 2015: 9). A relação entre o desporto e os *media*



intensificou-se de tal maneira que é difícil discernir onde começa um e acaba o outro. Por esse motivo é possível dizer que:

*“O futebol é certamente um elemento importante no discurso dos media. Como prova da importância socioeconómica na Europa continua a subir e é cada vez mais impensável que uma publicação com o título de ‘jornal’ possa sobreviver comercialmente sem fazer uma cobertura extensiva do desporto em geral e do futebol em particular”* (Crolley e Hand, 2002: 1)

Com a lógica comercial a estar cada vez mais vigente no jornalismo atual, é possível afirmar que será a responsável por muito dos critérios de noticiabilidade, que vão sendo instituídos e moldados aos poucos. Já Fraser Bond (1962 *apud* Sousa, 2001: 43) referia que *“O que o público quer carregar o significado económico de ser aquilo que ele compra (...) Ao repórter inteligente não escapam nunca as tendências do mercado”*.

Em suma, o que se depreende desta afirmação do professor universitário, Fraser Bond, é que o jornalista tem de ter em conta o que o público quer comprar. Se em 1962 já havia esta ideia a perpetuar-se e o *online* ainda estava distante de ser equacionado, é expectável que os azimutes tenham mudado. Sobretudo no jornalismo desportivo, que desperta mais emoções e interesse em matérias específicas do que os restantes. As histórias que vendem devem contar, segundo Bond (1962 *apud* Sousa, 2001) para definir o que deve ou não ser publicado. Nos dias de hoje os *fait divers* são algo cada vez mais noticiável para adensar a curiosidade de um público cada vez mais *voyeur*. O desporto não foge, mais uma vez, à ‘regra’. A vida alheia é sempre mais procurada e interessante para quem quer fugir ao seu quotidiano (Fontcuberta, 1996).

Teun A. van Dijk (1990) segue o mesmo caminho iniciado por Bond. Ainda que, do seu prisma, as limitações que advém das condições económicas devam ser compreendidas, primeiramente, como fatores materiais, elas adquirem (e vão adquirindo mais) uma importância muito grande na definição de valor-notícia. O lucro, as vendas, as audiências, etc. Tudo isso define que acontecimentos são mais perentórios de serem publicados. No entanto, o estudo do autor não se finda no lado capitalista do jornalismo.

Para Van Dijk (1990), a celeridade de qualquer jornalista em publicar um acontecimento influencia também as notícias que saem. A competição no seio de uma equipa, ou mesmo no meio de comunicação, enquadra-se de igual forma neste campo, que as limitações provenientes das condições económicas devem ser entendidas, antes de

mais, como fatores materiais, ainda que sejam importantes na formação ou conformação dos valores-notícia.

Essa emergência noticiosa que se observa cada vez mais no jornalismo desportivo faz com que os erros se multipliquem e os desmentidos – na maior parte das vezes através de comunicados de clubes – surjam com mais frequência e tendo como alvo preferencial a imprensa. “*Em vez de correr para adicionar contexto e interpretação, a imprensa precisa de se concentrar em sintetizar e verificar*” (Kovach e Rosentiel, 2007: 48). Antes de se passar para a parte da interpretação dos factos, é necessário confirmá-los e apurar se tudo o que foi contado corresponde à realidade. Os autores referem que, para a verdade vir ao de cima e prevalecer no mundo jornalístico, é necessário que os profissionais da área percebam a quem devem a sua primeira lealdade e a resposta é: aos cidadãos (Kovach e Rosentiel, 2007: 52)

## **2. Do acontecimento à notícia**

Iniciemos então com uma visão do que é um acontecimento e de como o mesmo se torna notícia. As notícias não nascem do ar. Não se formam a partir de cenários imaginários e utópicos que são por nós, indivíduos, criados. Existe algo anterior que permite a sua existência. ‘Matéria-prima’ que dá aso ao nascimento de uma notícia. Essa lenha que alimenta o fogo que é a notícia, dá pelo nome de ‘acontecimento’. “*As notícias são o resultado de um processo de produção, definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)*” (Traquina, 1993: 169). Antes de uma notícia ser publicada e tornada na novidade que é apresentada ao mundo, passa por vários processos e nasce, como também defende Adriano Duarte Rodrigues (1993), de um acontecimento. Os acontecimentos mais noticiáveis são todos os que rompem com o *status quo* vigente. O que altera a rotina de uma sociedade ou abana a vida de uma população, é novidade e, conseqüentemente, notícia. Adriano Duarte Rodrigues (1993) considera que é tudo o que vem romper com a linha reta que é a história. “*É por isso que se diz, gracejando, que um cão que morde um homem não é um facto jornalístico, mas se um homem morder um cão então estamos perante um facto suscetível de se tornar notícia*” (Rodrigues, 1993: 27). A sua imprevisibilidade está relacionada com a noticiabilidade, numa ligação quase direta. Quanto mais imprevisível for, mais hipóteses tem de ser publicada.

A notabilidade é um dos fatores de noticiabilidade. Essa notabilidade é muitas vezes atingida a partir de acidentes ou falhas reconhecidas. Todos os acidentes provocam sensações, sentimentos e reações, sendo o espanto uma delas, o que vale para passar a ser noticiado. A inversão de *status quo* ou de situações comuns no quotidiano levam a que determinado acontecimento seja notícia. Tudo o que saia da realidade instituída é digno de registo noticioso. “*O acontecimento é imprevisível, irrompe acidentalmente à superfície epidérmica dos corpos como reflexo inesperado, como efeito sem causa, como puro atributo*” (Rodrigues, 1993: 29).

De igual forma, Harvey Molotch e Marilyn Lester (1993), corroboram a ideia de que os acontecimentos que delimitam datas e marcam a vida das pessoas, dão origem às notícias. Todavia, existe um novo ponto em relação ao já defendido por Adriano Duarte Rodrigues (1993). Os autores referem que o acontecimento tem uma validade. Um prazo findável que não permite que se estenda no tempo além do necessário.

*“Os acontecimentos podem, assim, até certo ponto, persistir, mas não são intrinsecamente duráveis. Qualquer ocorrência é um recurso potencial para construir um acontecimento, e o acontecimento assim construído está continuamente dependente dos fins em vista para a sua durabilidade”* (Molotch e Lester, 1993:36).

Aqui ganhamos consciência da permeabilidade das notícias no que ao tempo e à velocidade diz respeito. Com a emergência da internet e o desenvolvimento dos meios tecnológicos essa velocidade tem-se visto acelerada, tudo graças à voracidade do *online* e à sua avalanche informativa.

O desporto é uma área suscetível a acontecimentos marcantes que podem tornar-se em notícias. Seja em jogos, eventos ou nos meandros desportivos e do futebol em particular, estão sempre a acontecer situações passíveis de serem tornadas em notícias e de se immortalizarem no quotidiano dos leitores. Isso ocorre uma vez que os princípios gerais sobre os quais se regem os *media* são sobretudo os da proximidade e da originalidade (Serrano, 2006: 26) e um acontecimento é considerado importante quando altera a rotina e a banalidade mundana de cada sociedade.

### **3. Notícia: Muito mais do que uma novidade**

Visto que os acontecimentos estão na génese das notícias, importa descortinar o seu conceito. O conceito de notícia não é algo exato, como uma ciência. Há vários pontos contrastantes e visões distintas relativamente a esta conceptualização. Como afirma Jorge

Pedro Sousa (2001): “dito por outras palavras, a notícia é o fenómeno que deve ser explicado e previsto pela teoria do jornalismo e, portanto, qualquer teoria do jornalismo deve esforçar-se por delimitar o conceito de notícia”<sup>6</sup>. O autor não finda a sua visão relativa à notícia na afirmação de que o seu conceito deve ser abordado e estudado. Vai mais longe, define a notícia da seguinte forma: “(...)Representa também informação nova, atual e de interesse geral. É o género básico do jornalismo.” (Sousa, 2001: 232).

Outros autores traçaram um perfil ao conceito de notícia de forma estrita, quase como cânone. João Carlos Correia (2011) expõe a notícia de um modo formal:

“Já a notícia em sentido estrito ou técnico refere-se ao género canónico que designa um texto com as seguintes características: informativo e centrada nos factos; caracterizado pela existência de um título, de subtítulos, de um parágrafo inicial chamado lead onde se procura responder a seis questões consideradas fundamentais (O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Porquê?) das quais as duas últimas podem ser respondidas no parágrafo seguinte; estruturado por um método chamado ‘pirâmide invertida’ que apresenta os factos por uma ordem decrescente de importância e organizado em blocos, de tal modo que, idealmente, a subtração de qualquer um destes a partir do fim do texto não deverá perturbar a leitura do que restar.” (Correia, 2011:28)

Definições sucintas da notícia são de igual forma trazidas à colação por outros autores. No caso de Martínez de Sousa (1992: 325 *apud* Correia, 2011: 29) “refere-se a notícia como publicação e divulgação de um facto”. Cornu (1994) vai mais longe e afirma que o jornalista é também ele um intérprete da realidade, não a relatando simplesmente, observando e narrando (as três ordens da informação) de igual forma. O jornalista não observa só a realidade, também tem como missão entendê-la e contá-la, tudo isto partindo da sua subjetividade intrínseca e procurando uma objetividade utópica. Assim sendo a visão de Martínez de Sousa pode ser considerada muito redutora.

Rodrigo Alsina (1996: 195 *apud* Correia, 2011: 30) define notícia como uma “representação social da realidade quotidiana produzida institucionalmente que se manifesta na construção de um mundo possível”.

Sousa (2001) é mais um dos autores a classificar a notícia como um género básico do jornalismo. A sua descrição foca-se, sobretudo, na factualidade e no seu conceito dúbio. “Não se podem estabelecer fronteiras rígidas para a notícia, tal como não se podem estabelecer fronteiras rígidas para os restantes géneros jornalísticos” (Sousa, 2001: 232). Com isto, alarga o entendimento da notícia, não a cingindo só como um

---

<sup>6</sup> Retirado do seguinte link: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>. Data de acesso: 29 de novembro de 2016

artefacto linguístico simples. A sua fronteira extensível, segundo Jorge Pedro Sousa (2001), permite que seja influenciada por diversos fatores externos ao jornalista e ao acontecimento em si.

*“Numa notícia, o texto deve ser animado por uma intenção de verdade e de rigor, o que muitas vezes se confunde, erroneamente, com factualidade. Não quero dizer com isto que uma notícia não possa ser predominante ou exclusivamente factual. É evidente que pode. Mais: numa verdadeira notícia são sempre relatados factos, sob a forma de descrições ou de citações”* (Sousa, 2001: 232).

Há uma mistura de factos com outras condicionantes que geram o resultado informativo caracterizado de notícia, não existe, contudo, um facto indesmentível e universal que nos é dado com se fosse um reflexo de um ‘espelho’.

Mar de Fontcuberta (1996) fala-nos da notícia como sendo o género base do jornalismo e algo que desde sempre se propagou e interessou à sociedade. Tanto quando os pares transmitem novidades uns aos outros, como em matérias profissionais, pessoais ou académicas. A ‘novidade’, que dá origem à notícia, é sempre alvo de interesse e curiosidade. O interesse público, a veracidade, a novidade, a periodicidade e a atualidade (Fontcuberta, 1996: 16) são as bases do discurso jornalístico e os alicerces de uma notícia bem construída.

Robert Erza Park (2009 *apud* Correia, 2011) traça um caminho para as notícias: orientar e traçar o caminho do Homem na sociedade. *“Se esta função for cumprida, a sanidade dos indivíduos e a permanência das sociedades tende a ser preservada”* (Park, 2009: 49 *apud* Correia, 2011: 21). Aqui podemos verificar que o autor defende que as notícias têm um poder enorme no desenvolvimento das sociedades e na modulação do indivíduo. Park defende ainda que:

*“De facto, as notícias desempenham as mesmas funções para o público do que a percepção para o indivíduo: o que quer dizer que mais do que informar, orientam o público, transmitindo em cada notícia e no conjunto das notícias o que se passa. Isto acontece sem qualquer esforço por parte do jornalista em interpretar os acontecimentos que relata, a não ser na medida em que os torna mais compreensíveis e interessantes”* (Park, 2009: 43 *apud* Correia, 2011: 21).

O jornalista transmite esses conhecimentos orientadores da sociedade através das notícias que escolhe publicar e da sua seleção das mesmas. Essa hierarquização é a chave desse poder orientador do jornalista.

Além do papel orientador que Park (2009 *apud* Correia, 2011) imputa ao jornalista no que concerne à produção noticiosa, também Traquina (1993) defende que os jornalistas têm um papel ativo na construção das notícias e não são meros observadores e relatores do que é observável. Traquina afirma que: “*os jornalistas não são simplesmente observadores passivos, mas participantes ativos no processo de construção da realidade*” (Traquina, 1993: 168). O papel de relevo do jornalista acresce, assim como as suas responsabilidades na publicação de acontecimentos que se tornam notícias.

Neste ponto particular dos jornalistas serem ‘responsáveis’ pela celeuma muitas vezes criada na opinião pública, o jornalismo desportivo tem lugar de destaque. A linha que separa a racionalidade no que toca ao futebol, por exemplo, é ténue. A forma como os jornalistas escrevem as notícias e as transmitem terá influência na construção da linha de raciocínio da opinião pública. O mundo do jornalismo desportivo funciona de forma diferente do generalista ou de outras áreas do jornalismo. Existe uma maior pressão do tempo e da quantidade noticiosa a ser publicada, porque o público assim o exige. São elencados por Carlos Daniel (2006: 41-42) alguns dos constrangimentos que terão de ser ultrapassados pelos jornalistas quando falam ou escrevem sobre desporto: a isenção é sempre exigida ao jornalista, mas o próprio leitor não a tem; existe uma maior competência por parte do leitor em para compreender o conteúdo produzido pelo jornalismo desportivo, tanto pelo crescente fluxo informativo (sobretudo relativo ao futebol), como por não ser uma área de difícil compreensão; existe igualmente a dificuldade dos protagonistas (treinadores, dirigentes, jogadores, árbitros, etc) em conviver com as críticas que lhes são feitas por parte da comunicação social, adotando muitas vezes uma postura de silêncio (*blackout*) que prejudica o jornalista; a maior hiperbolização da polémica é outros dos constrangimentos, sendo que tudo o que mexe com o futebol e se acerca da paixão e cegueira sentimental, tem repercussões maiores; a presença de perto da violência, quer seja nos estádios, fora deles ou em eventos relacionados com desporto e, por fim, a dificuldade em distinguir a análise do comentário e a informação da opinião.

No jornalismo desportivo existe a necessidade de produzir conteúdo independentemente da qualidade do mesmo, fazendo prevalecer a quantidade sobre a qualidade e isso pode ser um problema, tendo em conta os leitores específicos das publicações desportivas. Os jornalistas desportivos criaram rotinas para os ajudar a ser mais eficientes (Nicholson *et al*, 2015), o que não significa que não estejam mais expostos ao erro e que tenham de encontrar formas de lidar com isso (Tuchman, 1993).

João Carlos Correia (2011) refere que a exatidão das notícias está intrinsecamente ligada à forma como o acontecimento é captado. A forma de captação do momento é crucial no entendimento subsequente da notícia. Qualquer acontecimento que possa ser medido ou especificado com certeza não está umbilicalmente dependente da atuação do jornalista, o que salvaguarda a área do desporto, uma vez que existem vários acontecimentos quantificáveis e especificados. No entanto, como o próprio afirma:

*“Verifica-se que apenas numa pequena parte de todo o campo do interesse humano, o corpo da verdade e das notícias coincide. Há apenas uma pequena parte de conhecimento exato que não requer competências ou formação especial para lidar com ele. O resto fica à discrição do jornalista. Logo, as notícias são encaradas como algo de demasiado frágil para suportar o ónus de serem o órgão de uma democracia participada, uma tendência que, aos seus olhos, era considerada impensável”* (Correia, 2011:23).

Posto isto, é possível constatar que Correia (2011) defende que a construção noticiosa fica ao critério e sob a influência do jornalista que a trabalha, excetuando os raros casos em que o acontecimento é passível de ser nomeado ou especificado. Aí, nessas raras exceções quantificáveis e verificáveis, o papel do jornalista e a sua influência não têm qualquer peso, todavia, são situações raras e excepcionais, como o autor afirma.

#### **4. Valor-notícia: a luta pelo espaço mediático**

Nem todas as notícias podem ser publicadas. Mesmo com a expansão do *online* tem de existir um limite e um critério de noticiabilidade, que permitirá à publicação e ao jornalista balizarem melhor o que é ou não, de facto, notícia, não correndo o risco de publicar conteúdo pouco relevante e que não seja ‘novidade’ – algo cada vez mais importante nesta era da globalização e do avançado da tecnologia. Os critérios de noticiabilidade não são estáticos e inamovíveis, são voláteis e têm-se modificado ao longo dos anos, contudo, sem alterações estruturais. Quem o confirma é Jorge Pedro Sousa (2001: 39): *“Os critérios de noticiabilidade não são rígidos nem universais. Por outro lado, são, frequentemente, de natureza esquiva, opaca e, por vezes, contraditória (...) Além disso, os critérios de valor-notícia mudam ao longo do tempo (assuntos que há algum tempo não seriam notícia são-no hoje)”*. Todavia, apesar de toda a volatilidade inerente à definição de valor-notícia, é possível discernir quais foram os primeiros autores a aludirem para a existência de critérios que permitem hierarquizar e selecionar as notícias a serem publicadas, de seu nome Galtung e Ruge (1965 *apud* Sousa, 2001). Os dois

teóricos definiram uma lista com os mais diversos critérios que definem o valor de acontecimento e o seu lugar na pirâmide de destaque dos *media*. Da extensa lista constam os mais diversos critérios, entre eles a consonância, a proximidade, a relevância, a negatividade e a imprevisibilidade. Estes são os critérios que são mais tidos em conta antes de noticiar e são utilizados de forma a que se proceda a uma hierarquização, permitindo assim salientar os aspetos mais relevantes para determinado público e sociedade.

Segundo os autores pioneiros, é a partir destes critérios elencados numa lista que se define a proeminência noticiosa de certos acontecimentos que serão transformados em notícias. White (1993) defende, após ter realizado um estudo num jornal da sua região, que os editores só deixam que se publique os acontecimentos que eles e os jornalistas da sua equipa pensam ser verdade, numa clara seleção da realidade. É, pois, afirmado que a seleção de notícias é algo extremamente subjetivo (White, 1993: 151).

Estrela Serrano (2006) tece algumas considerações relativas aos critérios de seleção, que a autora afirma serem decididos por cada meio de comunicação, que seleciona os acontecimentos “*que devem ser destacados, mediante o interesse dos destinatários*” (Serrano, 2006: 26). “*A importância dada a um acontecimento depende da perceção que os jornalistas fazem do interesse que os destinatários poderão encontrar nele*” (Serrano, 2006: 26). Como suprarreferido, Estrela Serrano demonstra que são os jornalistas, com base no público-alvo, que acabam por ter um papel decisor na definição do que será noticiável. Entre esses critérios, os que normalmente se encontram mais em voga na base decisória do jornalista são os da negatividade, do sensacionalismo e da consequente vertente polémica do conteúdo noticioso, sendo este afetado de igual forma pelos meios de comunicação em que se insere a notícia.

Nelson Traquina (1993) refere que o valor-notícia é algo essencial na construção de uma notícia e não pode ser relegado para um plano secundário ou de menor relevo. A sua importância na produção de conteúdo jornalístico é tão grande que urge mesmo a necessidade de ser estudado e dissertado.

“*O avanço dos estudos noticiosos aponta para a necessidade de compreender que os valores-notícias estão presentes ao longo de todo o processo de produção jornalística, ou seja, no processo de construção a notícia. Assim, podemos falar de valores-notícia de seleção e valores-notícia de construção*” (Traquina, 1993:22)



De forma sumária, Jorge Pedro Sousa (2001), traça uma definição da noticiabilidade que agrega vários pontos de vista observados ao longo desta dissertação e que ainda congrega a sua opinião relativa a esta temática.

*“Em síntese, julgo poder dizer que a noticiabilidade, a seleção e a hierarquização informativa de acontecimentos e dados sobre esses acontecimentos passam por critérios que, em jeito de conclusão, parecem partilhar (a) influências pessoais (como as idiossincrasias de um jornalista), (b) um pendor social, sobretudo organizacional, por exemplo, relacionado com a postura social da organização noticiosa (como a inter-relação desta com os restantes news media), (c) um pendor ideológico, visível, por exemplo, no destaque noticioso dado às figuras-públicas do poder político e económico e (d) um pendor cultural, resultante das culturas profissional, de empresa e do meio” (Sousa, 2001)*

Com esta conclusão, é possível voltar a frisar que não existem critérios de noticiabilidade estáticos ou universais. Também Jorge Pedro Sousa (1998), noutra publicação, refere, que em alguns casos, como o das agências noticiosas, dando como exemplo a Lusa, o carácter institucional da informação – uma vez que parte da agência é financiada pelo Estado – acaba por ser um critério de noticiabilidade, sendo que acaba por transparecer na notícia. Este exemplo permite observar que os critérios de noticiabilidade podem variar tendo em conta o meio noticioso em que se inserem os jornalistas, que têm de ter atenção ao cariz e ao público-alvo.

Cada autor vai, ao longo do tempo, aprimorando, acrescentado e descobrindo novos conceitos de valor-notícia que vão servindo de base aos jornalistas e teóricos de todo o mundo. Com o desenvolver das novas tecnologias e o aumento do fluxo informativo, a subjetividade inerente à publicação de notícias vai sendo cada vez maior. A cada dia as necessidades de um leitor mais instruído e capaz (Mesquita, 2004) vão criando novos conceitos e teorias.

## **5. Objetividade no jornalismo: Ser ou não ser?**

Existe um debate e um confronto de ideias relativamente à objetividade. Se o jornalista é ou não objetivo; se deve ou não ser e se é ou não alcançável. O certo é que Daniel Cornu (1994) reitera que não há como fugir dessa procura da realidade, sendo o jornalista entendido como um observador do notável e que tem como missão expor e noticiar a realidade como ela é, sem recurso a subterfúgios e máscaras da realidade. *“Os códigos deontológicos apontam-no sem o mínimo equívoco: a exigência de verdade, na informação, é primordial” (Cornu, 1994: 320).*

O conceito de objetividade começou a ser falado nos séculos XVIII e XIX estando relacionado com a observação e experimentação. No jornalismo é no século XIX que este conceito começa a dar os primeiros passos com a alfabetização, urbanização e transportes (Mesquita, 2004: 207). Contudo, impõe-se já no século XX com o surgimento das agências noticiosas, que pressupunham que os textos fossem claros, sem adjetivos, concisos e que apenas relatassem os factos. Essas mesmas agências noticiosas (como são exemplos maiores a Lusa em Portugal e a Reuters no mundo) vieram reforçar a existência da objetividade, visto passarem fronteiras nacionais. “*O requisito da objetividade na informação aparece ligado à necessidade de construir o denominador comum entre um conjunto de leitores que se deseja cada vez mais vasto e diversificado, de modo a poder ‘credenciar’ o periódico perante os anunciantes*” (Mesquita, 2004: 207). Passa a haver uma maior abrangência do público-alvo dos jornais, com a crescente alfabetização, o que resulta num público mais culto e interessado, mas nem por isso de uma classe acima e com mais posses. Existe essa transversalidade ligada aos vários estratos sociais, que impede que a imprensa faça distinções. A maior abrangência do grupo de indivíduos que lê o jornal leva a que exista uma maior necessidade e premência que o que é escrito seja entendido como a realidade sem adulteração (Mesquita, 2004).

Nos anos sessenta os jornalistas não aceitaram a objetividade como doutrina que teria de ser cumprida e seria guia do ‘bom jornalista’, a forma como essa objetividade era traduzida na prática profissional foi posta em causa e contestada diversas vezes. Mário Mesquita (2004) defende que, mesmo que os jornalistas lutem contra a objetividade como doutrinária ou de forma deontológica, o certo é que terão sempre de ser confrontados com essa problemática. Os jornalistas não conseguem objetivar a realidade, sendo assim obrigados a representá-la (Mesquita, 2004). Essa recusa da objetividade como doutrina reside no facto do jornalista querer ter direito a ser subjetivo enquanto investigador, narrador ou autor (Mesquita, 2004).

Carla Martins (2004/2005: 152) traz-nos uma visão da objetividade do ponto de vista filosófico, que diverge algo da prática jornalística em que procura ser inserida. “*A Objetividade, na aceção cunhada pela filosofia a partir do século XVII, significa, em traços largos, a separação entre o sujeito e o objeto e uma relação de apropriação do segundo pelo primeiro, através das estruturas percetivas e cognitivas do sujeito*”. O jornalista nunca conseguirá deixar-se apropriar pelo objeto e mesmo assim manter-se objetivo e íntegro.

## 5.1 Procura pela objetividade

Há um caminho para alcançar verdade que é sinuoso e pautado por diversas adversidades que fazem com que seja tortuoso para o jornalista alcançar as várias verdades, sejam elas a dos factos, das opiniões ou dos julgamentos e das formas de expressão jornalística (Cornu, 1994). A sinuosidade deste percurso leva a que vários procurem subverter o sentido do objetivo, substituindo o seu conceito e expressão por outras que não alterem a intervenção subjetiva que qualquer individuo acaba por ter sempre presente. ‘Não-intencionalidade’, ‘honestidade’, ‘clareza moral’, entre outras palavras que têm na verdade significados idênticos, mas não pressupõem a estreiteza da objetividade, são utilizadas como escape para evitar a confrontação com um termo tão estrito como o da objetividade. Os jornalistas têm sugerido termos que possam substituir a palavra verdade/*truthfulness*, por expressões como justiça e balanço, algo que Bill Kovach e Tom Rosentiel (2007) consideram como sendo ainda pior do que definição exata de verdade, uma vez que são muito subjetivas, abstratas e vagas (Kovach e Rosentiel, 2007). “*Em vez de correr para adicionar contexto e interpretação, a imprensa precisa de se concentrar em sintetizar e verificar*” (Kovach e Rosentiel, 2007: 48). Muitos livros de estilo e códigos deontológicos foram alterados e passaram a não afirmar a objetividade como estritamente necessária, fazendo apenas breves referências à clareza e honestidade (Martins, 2004/2005).

No jornalismo desportivo visam-se ainda mais essas questões, uma vez que mexe mais com as emoções do que outra qualquer área do jornalismo. A verdade é que, não sendo coagidos, os jornalistas acabam também por não decidir arbitrariamente ou mesmo objetivamente as notícias que publicam, tanto influenciados pelos fatores externos, como pela sua opinião, que acaba por se misturar com a realidade. Não se pode falar em gostos pessoais e termos de agremiações desportivas, mas sim de entendimentos divergentes da mesma realidade. Pode-se – e deve-se - procurar ser preciso e concreto, mas todas as influências têm de ser tidas em conta, mesmo as dos grandes aglomerados de *media* que Cornu (1994) refere na sua obra. No caso específico do jornalismo desportivo, ainda não existem muitos conglomerados a comandar as lides das publicações dos três jornais desportivos existentes (A BOLA, O JOGO e o Record), mas a Cofina, que detém o Record, é um desses exemplos.

## 5.2 O escudo da objetividade

A isenção no jornalismo surge muito ligada à objetividade. Há um elo de ligação quando os conceitos são apresentados e expostos. “*Atacados devido a uma controversa apresentação de ‘factos’, os jornalistas invocam a sua objetividade quase do mesmo modo que um camponês mediterrâneo põe um colar de alhos à volta do pescoço para afastar os espíritos malignos*” (Tuchman, 1993: 75). Essa objetividade servirá de escudo aquando do questionamento do público relativamente aos critérios de noticiabilidade escolhidos e isto permite aos jornalistas desportivos terem os ‘factos’ como argumentos em qualquer ataque da opinião pública. Como refere a socióloga Gaye Tuchman (1993), num dos seus estudos, a objetividade é afiançada como a proteção moral para se evitarem ataques vindos de terceiros, neste caso, dos leitores. “*O relato objetivo apenas requer que os jornalistas sejam responsabilizados pelo modo como fizeram o relato, não por aquilo que relataram*” (Glasser, 1992: 180 *apud* Martins, 2004/2005: 149). Com esta afirmação de Theodore Glasser, podemos afirmar que a desresponsabilização do jornalista é feita, mais uma vez, através da ‘bandeira’ da objetividade. Esse escudo que já Tuchman (1993) referiu, impede que sejam atribuídas culpas a qualquer erro processado na notícia, uma vez que os jornalistas poderão sempre alegar que aquela é a realidade dos factos e que apenas estão a transcrevê-los.

A expressão os “*factos falam por si*”, propagada e utilizada quase como cânone, é considerada como sendo profundamente errada e sem nexos na perspectiva de Tuchman (1993). Contudo, do ponto de vista sociológico, a autora insiste em afirmar que também não faz sentido ser o jornalista a falar pelos factos. “*Se o repórter decidir falar pelos ‘factos’, ele não poderá afirmar-se objetivo, ‘impessoal’, ‘imparcial’*” (Tuchman, 1993: 81). Há um contrassenso vigente entre os factos e a sua importância para o jornalismo atual. A estratégia delimitada por vários repórteres de deixarem os factos falar por si, ou de falar pelos factos, gera um entrave à objetividade.

Do ponto de vista formal, existem formas estratégicas de um jornalista se ‘proteger’ das alegações de subjetividade. O uso de aspas serve para que os jornalistas possam expressar os seus anseios e opiniões sem que para isso deixem de ser, como os próprios se denominam, ‘objetivos’. É uma defesa estratégica, usando citações para vincar pontos de vista sem terem de se comprometer com a ideia estatuída. Dessa forma, a notícia conterá a informação necessária e as opiniões de terceiros, que representam de igual forma a opinião do jornalista. Jornalistas esses que, no entanto, não chegam a

proferir tais palavras (Tuchman, 1993). No desporto isso é utilizado diariamente, quer seja nas entrevistas realizadas ou transcritas, ou mesmo nas conferências de imprensa, não permitindo assim aos intervenientes e aos leitores colocar questões sobre o exposto na notícia.

Apesar das várias formas do jornalista se escudar a ver o seu trabalho confrontado com considerações de terceiros relativamente à certeza dos relatos ou à veracidade com que objetivamente expõe os mesmos, tem também ele responsabilidades inerentes à profissão. Os jornalistas têm como primeira missão e objetivo decifrar a realidade mediante o que tem ao seu dispor. Ir mais além, procurar entender e compreender o *status quo* e a força vigente no que está à sua frente. É essa interpretação da realidade um dos papéis fundamentais do jornalista e um dos cerne do trabalho noticioso. A atualidade baseia-se em acontecimentos (Cornu, 1994: 333) que têm de ser - eles sim - escrutinados e analisados. “*O perigo para a credibilidade do jornalismo reside precisamente na confusão entre interpretação e opinião*” (Martins, 2004/2005: 150). Por aqui podemos compreender que esta linha ténue é muitas vezes confundida com a subjetividade jornalística, ou a parcialidade informativa. A falta de discernimento tácito relativo ao que é uma interpretação dos factos jornalísticos ou do que é a mera expressão opinativa de quem relata, pode ser ‘fatal’ para uma imprensa que se diz plural e credível. Alguns livros de estilo de jornais de renome (exemplo do Público) fazem essa distinção entre interpretação e opinião, de forma a que não existam equívocos e os leitores possam por em causa a legitimidade informativa da publicação.

Os jornalistas Bill Kovach e Tom Rosentiel (2007) defendem que a primeira preocupação do jornalista tem de ser a procura pela verdade, antes de aspirar a algo mais. “*A verdade é a primeira obrigação do jornalismo*” (Kovach e Rosentiel, 2007: 36). Com esta frase os autores consagram que, acima de qualquer força motriz e de qualquer regra que guie os jornalistas, tem de haver verdade nas notícias transmitidas. “*A verdade cria, com efeito, um sentido de segurança que cresce desde a precaução e é a essência das notícias*” (Kovach e Rosentiel, 2007: 37). Na essência do que é noticiado está a verdade por detrás dos factos. No desporto, tal a celeridade com que se informa sem parar e pensar, cai-se muitas vezes em erros crassos que ludibriam e enganam quem têm nos jornalistas os sujeitos íntegros, honestos e como porta-estandartes da objetividade.

### 5.3 Os obstáculos à objetividade

O processo de seleção de informação por parte do jornalista é um dos aspetos mais importantes a ser destacado na atualidade, sendo só por si parte da sua atitude e vontade, voltando a deixar a pergunta da objetividade mais uma vez em aberto. “*O jornalista inscreve-se, pois, necessariamente numa comunidade de interpretação*” (Cornu, 1994: 334). Com esta afirmação é possível observar que existe um sublinhar das influências externas no tratamento e na transmissão da realidade. O jornalista *per se* não pode atuar e decidir sozinho, está inserido nessa comunidade de interpretação (que é a redação) e está também sujeito às suas influências. Sem o parecer do editor-chefe e a validação do diretor, de pouco vale a sua visão clara dos acontecimentos. Posto isto, volta-se a entrar na questão dos conglomerados de *media* que ditam muitas vezes o trilho a ser seguido e traçam um plano editorial do jornal, com influências comerciais vindas da administração. Afirmação que é, no entanto, desmentida pelo diretor adjunto do Record, Bernardo Ribeiro.

*“Os objetivos têm mais a ver com a componente de negócio. São mais para a direção do que para o jornalista (...) São um norte para sabermos o que temos de cumprir, para saber se o nosso trabalho está bem ou mal. Não é uma coisa que me pareça que mexa com o dia-a-dia dos jornalistas do Record. Não me parece mesmo (...) Não nos ditam regras ou nos dizem sobre o que falar, ou publicar. Em termos de conteúdo a influência deles é zero, o que nos deixa à vontade para fazer o nosso trabalho.”* (Anexo 1 c), página 88).

Este ponto de vista defende que as diretrizes emanadas da administração não influenciam o trabalho do jornalista, que continua a desempenhar o seu papel isento e honesto. No desporto, mais do que em qualquer outro género jornalístico, há pouco lugar ao debate e à crítica desses supostos relatos honestos, que são publicados quotidianamente. O peso do clubismo encarcera uma possível discussão em torno do conteúdo, relegando-a para um plano de opções clubísticas e prevalência de uns em detrimento de outros. Segundo Weber (*apud* Cornu, 1994), as perguntas que surgem antes de uma investigação podem ser subjetivas, o que não impede a objetividade das respostas. “*A investigação jornalística não pode levar a uma verdade de facto inteiramente fechada, incontestável*” (Cornu, 1994: 345). Toda e qualquer teoria, notícia ou reportagem tem de dar aso a uma discussão e espaço à crítica.

*“Nenhuma tentativa de reconstrução pode evitar a interpretação que orienta o conjunto das atividades jornalísticas”* (Cornu, 1994: 339). O jornalista não pode ser um

mero relator dos acontecimentos, isso é impossível. Um mero reflexo da realidade seria algo que inibiria o jornalista enquanto sujeito e não seria necessário ao leitor, que poderia sempre ler na íntegra sem precisar de interlocutor. Desta forma, tem de existir um contrabalanço entre a mera descrição dos acontecimentos polvilhada com factos e dados acessórios e um artigo com uma análise da realidade vigente por parte do observador do notável (Cornu, 1994) que é o jornalista. Tem de se entender que as opções subjetivas inerentes às decisões dos jornalistas estarão sempre presentes em qualquer notícia. Essa desassociação é impensável. Os jornalistas não encerram a sua missão na interpretação e publicação de acontecimentos. Além de observador, interprete e narrador, Cornu (1994) acaba por comparar o jornalista a um historiador e cientista. O jornalista ‘testemunha’ é o que narra o que viu acontecer.

O silêncio é muitas vezes uma forma de falso testemunho por parte de quem conta a história e relata os factos (Cornu, 1994). “*Pela consideração destas três ordens, a prática jornalística ultrapassa o debate tradicional sobre a objetividade, na medida em que a objetividade de investigação e a subjetividade do investigador são indissociáveis*” (Cornu, 1994: 370). Estrela Serrano (2006) nega que a imagem que é passada pelos jornalistas através da imprensa escrita, rádio ou televisão, seja uma visão exata da realidade. “*As ‘janelas’ que os media abrem sobre o mundo são, antes, um reflexo da sua própria construção da realidade, que resulta de interações com as fontes e com os públicos*” (Serrano, 2006: 24). A teoria do espelho é falaciosa, visto existirem sempre adversidades e influências que fazem divergir a exatidão dos factos.

O jornalismo desportivo é visto com mais desconfiança do que as outras editorias. Tal verifica-se pelo facto de lidar com um agregador de massas como é o desporto. O desporto desperta várias paixões e a imparcialidade, a objetividade e a isenção ficam no limbo da linha ténue que as separa da parcialidade e da subjetividade, muitas vezes apontada pelos leitores desta área jornalística. Sobretudo o futebol, que é visto como um fator de união cultural e étnica que se tem propagado ao longo do tempo (Coelho, 2001: 36). “*A condição humana é apontada como primeira limitação à capacidade de informar com rigor e independência*” (Sobral e Magalhães, 1999: 19).

Da mesma forma, é perpetuada a ideia, na obra de Luís Sobral e Pedro Magalhães (1999), de que existe muita necessidade por parte dos leitores em colocar uma cor e um ‘credo’ em cima de cada jornalista, assumindo que todos a têm clube e que nenhum o esconde. A verdade é que, como já visto, o jornalista deve procurar ser isento e manter-se fiel aos seus ideais, não os transpondo para o conteúdo noticioso, pelo menos de forma

deliberada e demasiado visível. A transposição das emoções e paixões geradas pelo futebol é cada vez mais uma realidade. Existe uma procura para algo que não corresponde a uma postura íntegra por parte de quem escreve. Sobretudo quando, no caso português, existe uma enorme ligação às três maiores potências desportivas do Benfica, Sporting e FC Porto.

Cornu (1994) escreve ainda sobre a imparcialidade, explorando o seu conceito e contrapondo-o ao de objetividade. O jornalista não consegue destacar-se como indiferente à realidade a si adjacente. Isto porque ele está implicado nessa mesma realidade, a nível moral e físico (Cornu, 1994), deixando-se afetar por esses fatores, que o condicionam sempre de algum modo. Segundo o autor, o jornalista não tem de se coibir de fazer juízos de valor e não é isso que lhe retira a objetividade, visto serem parte integrante do processo da procura pela verdade, o que afeta a verdade é a *“imposição de uma grelha coercitiva que aspirasse à verdade e teria inevitavelmente por efeito amputar a realidade, maltratar os factos”* (Cornu, 1994: 358). Este é, sim, o grande entrave à essa procura pela verdade, a imposição de uma ideologia vincada, de segundo grau (Cornu, 1994), que tem implicações na procura pelo que é verdadeiro e na consequente objetividade. Tal acontece porque o preconceito faz com que se ignorem certos factos em detrimento de outros e exista assim uma visão mais afunilada da realidade, imposta por essa inserção numa sociedade de ideologias vincadas. Toda e qualquer decisão poderá ser influenciada pela génese do jornalista e, sobretudo, pelo meio no qual se insere e sobre o qual terá de noticiar.

Uma contaminação da realidade em virtude de sempre se ter vivido inserido nela, absorvendo as suas tradições, costumes, preconceitos, estigmas e valores (Martins, 2004/2005). A inserção do indivíduo numa sociedade manietada à partida e estruturada para ser levada de uma certa maneira, acabará sempre por ter influência nos pensamentos e na ação do jornalista em causa. No desporto urge a necessidade de se conseguir soltar das amarras de uma sociedade apenas virada para uma tripolarização desportiva em que apenas Benfica, Sporting e FC Porto são alvo de atenção e de méritos vários por parte de quem noticia os acontecimentos. A relevância concedida a quem tem mais adeptos, mais vitórias e maior dimensão internacional, entende-se. No entanto, a comercialização do jornalismo tem toldado a objetividade que se reitera como fulcral, ou pelo menos a honestidade e postura íntegra que sempre se apregoou. Como Platão consagrou na história filosófica com a Alegoria da Caverna, é importante sair da caverna e ver o que se passa lá fora. Isso requer coragem, bravura e curiosidade, que vai faltando nesta era da



globalização em que tudo nos é instituído e dado de bandeja pela constante (e avassaladora) avalanche informativa. “*Na maior parte das vezes não vemos primeiro, e depois definimos, definimos primeiro e depois vemos*” (Lippmann, 1992: 161 *apud* Martins, 2004/2005: 152).

Wolf (2006) escreve que o ambiente no qual o jornalista e as fontes se inserem, também dificulta a existência de objetividade nas notícias transmitidas, uma vez que o acesso dos jornalistas às fontes e das fontes aos jornalistas não é igual, apresentando várias assimetrias. Essas divergências acontecem muitas vezes no jornalismo desportivo, em que é frequente a mesma fonte passar informações distintas aos diferentes órgãos de comunicação e aos diferentes jornalistas, dependendo do seu interesse e da estreita relação que tiverem com o recetor da notícia. Dessa forma, tal como Wolf (2006) referiu, torna-se complicado descortinar essa objetividade, muitas vezes enviesada pelas fontes e transformada em conteúdo distinto pelos diferentes jornalistas.

#### **5.4 A importância da utópica objetividade**

Há uma necessidade de procurar uma objetividade utópica. Uma procura que vários dos autores referidos entendem como impossível, uma vez que não há a hipótese de a atingir na totalidade. Todavia, apesar de utópica, deve-se almejar alcançá-la. Para grande parte dos jornalistas, objetividade é essencialmente descrever factos verificáveis e verificados, citar fontes credíveis e contrastar as mesmas. Com estes procedimentos, atingirão a objetividade, ou pelo menos existirá essa vontade. Porém, estes rituais (Tuchman, 1993) não correspondem ao conceito de objetividade filosófico e epistemológico. Estes dois conceitos diferem e são muitas vezes tidos como idênticos. Um erro que ajuda a propalar a errónea afirmação de que a objetividade está sempre presente em qualquer conteúdo jornalístico e sem ela não existe jornalismo. “*Mas não existe objetividade jornalística, se por objetividade se entender o respetivo conceito filosófico e epistemológico de apropriação integral do objeto de conhecimento pelo sujeito que conhece*” (Sousa, 2001: 47). A utopia presente na procura pela objetividade não deve, todavia, ser encarada como errada. Como o próprio Jorge Pedro Sousa (2001) defende, a objetividade não deve nunca deixar de ser uma meta. Ainda que impossível a sua aplicação na verdadeira aceção da palavra, é importante que os jornalistas a procurem atingir, fazendo-se valer da força dos factos e da credibilidade das fontes.

João Carlos Correia (2011), à imagem de Estrela Serrano (2006), não acredita nas notícias como espelho da realidade. Na sua conceção, todos os acontecimentos que passam a notícias são passíveis de serem alterados por diversos fatores inerentes ao jornalista e mesmo externos a si. Como o próprio refere, o enunciado jornalístico não tem de corresponder à verdade absoluta dos factos (Correia, 2011). No entanto, volta a referir o que já Jorge Pedro Sousa (2001) e Nelson Traquina (1993) afirmaram: que ninguém pode aspirar a algo menos do que a verdade. O jornalista tem de defender sempre a realidade presente e partir de um pressuposto verídico de que os seus leitores merecem saber essa verdade transmitida

Por fim, importa ainda referir que o jornalista não é sempre livre de escrever o que quer. Não se tratando de censura, além das ideologias de 2º grau avançadas por Cornu (1994), existem “*constrangimentos organizacionais*” (Traquina, 1993) que impedem que se assumam determinadas posturas, se escreva de determinada forma ou que se escolha certo tema como notícia. Como Traquina cita e Breed (1955 *apud* Traquina, 1993) refere, o jornalista é tão constrangido que acaba por ser socializado no que toca à política editorial da publicação para a qual trabalha. Essa socialização acaba sempre por ser um entrave na procura da tão afamada objetividade.

Para Mário Mesquita (2004) é necessário reavivar a conduta da objetividade, sendo que sem isso o jornalismo deixará de fazer sentido e cairá num fosso gigante. O autor frisa que é importante não esquecer uma das funções primordiais do jornalista: disponibilizar ao leitor os acontecimentos como eles ocorreram, permitindo assim – e a quem lê – formar juízos de valor e criar a opinião pública. É este limbo em termos de definição de conceito que leva a que exista uma grave crise no jornalismo atual, que deambula neste turbilhão conceptual do qual é refém. “*A actual crise dos media, no espaço europeu e português, caracteriza-se pela abdicação da ‘atitude de objetividade’ e pela ‘contaminação’ do jornalismo por outras formas comunicacionais, onde a emoção e a afetividade prevalecem sobre a informação*” (Mesquita, 2004: 215)

Em suma, os jornalistas devem procurar atingir a isenção e a imparcialidade. Nunca o conseguirão na sua totalidade, devido aos fatores externos e mesmo aos constrangimentos organizacionais, mas no sentido utópico que reflete o propósito do jornalismo em si. Hoje em dia já é mais fácil ver os jornalistas a procurarem não se defender com o “*escudo da objetividade*” (Tuchman 1993). Isto após 1993, aquando da revisão do Código Deontológico. “*Rigor e honestidade substituíram, assim, a noção de objetividade que vigorava anteriormente como regra deontológica. No entanto, mantém-*

*se no Código Deontológico a ideia de que factos e opinião devem separar-se no discurso*” (Sousa, 2001:48). O que não impede que os jornalistas as continuem a procurar, mesmo sabendo da sua utopia. Como Tuchman (1993:89) afirma: “*existe uma clara discrepância entre os objetivos procurados e os alcançados*”. E isso tem de ser percebido e entendido como a realidade, apesar de se continuar a “*esconder a objetividade debaixo do tapete*” (Martins, 2004/2005: 154), esse conceito continua a existir e a refletir-se na vida jornalística e na sua epistemologia, não como verdade inalterável como foi criado difundido no século XIX, mas com várias derivações, em virtude dos tempos, e como linha definidora da ação jornalística.

“*Não basta relatar os factos com verdade, é necessário relatar a verdade dos factos*” (Robert D. Leigh *apud* Mesquita, 2004).

## **Capítulo III: A experiência de estágio**

### **1. Jornalismo *online*: Será um futuro adiado?**

O caso de Mónica Lewinski, que abalou os Estados Unidos e chocou o resto do mundo, deu-se a 18 de janeiro de 1998 e foi um dos dias que mais marcou o jornalismo *online*, sobretudo na forma como o público passou a encarar a internet e o seu poder no seio da opinião pública (Castanheira, 2004). Matt Drudge, jornalista norte-americano, revelou o caso amoroso extraconjugal de Bill Clinton – presidente dos Estados Unidos da América à data - com Monica Lewinsky no seu *site* de internet, antecipando-se a toda a imprensa norte-americana que estava a analisar o caso e que se preparava para o divulgar poucos dias mais tarde. Drudge conseguiu desta forma antecipar-se aos jornais e ao seu formato físico e utilizou a internet para propalar um dos maiores escândalos presidenciais desde *Watergate*, na década de 1970.

Em Portugal, as primeiras experiências relativas ao jornalismo *online* datam de 1995, ano em que o *Jornal de Notícias* primeiro e depois o *Público* e o *Diário de Notícias* começaram a expandir as suas formas de informar ao digital (Castanheira, 2004). No caso do Record, o digital chegou a 20 de abril de 1999 e desde então o *site* tem vivenciado um crescimento constante. Além da melhoria gráfica, também surgiu a diversificação de conteúdos, como se verá em seguida.

O meu primeiro contacto com o jornalismo profissional no jornal Record foi feito onde todos dizem ser o futuro, mas que ainda se encara como um ‘castigo’: o *online*. Um contrassenso vincado a cada dia e por cada pessoa presente na secção. Se em breve o papel vai deixar de existir, como é que ainda se encara o jornalismo internáutico como uma punição? Os bons são escolhidos para outros lados, ou pelo menos, divididos. É bom continuar a alimentar o papel, mas é mau haver um desinvestimento encapotado no *online*. O plano editorial nunca será explícito neste ponto, apesar de, segundo Bernardo Ribeiro, diretor-adjunto do Record, a política editorial do jornal ser “*muito clara: dar notícias de todos os quadrantes, de todos os clubes, chegar primeiro, ser verdadeiro*” (Anexo 1 c), página 86). As receitas da publicidade e os contactos que alimentam as páginas do jornal ditam esta postura. As diferenças são sobretudo em termos de ritmo e da emergência da informação, assim como da verificação das fontes. Há uma alucinante procura por conteúdo (não lhe chamemos exclusivamente notícias<sup>7</sup>) e exige-se uma maior velocidade de publicação. Essa velocidade pode ser prejudicial à credibilidade do trabalho jornalístico, uma vez que o risco de erro e a proliferação de conteúdos sem fontes e com material repetido é mais frequente. “*A velocidade é também um desafio acrescido para os jornalistas, obrigando-os a acelerar a recolha e o tratamento de informação. O que significa que tenderão a ser menos escrupulosos no cumprimento das normas deontológicas*” (Castanheira, 2004: 174). É mais passível de existirem erros se não houver uma leitura mais aprofundada e com tempo. Por outro lado, no que concerne aos critérios de noticiabilidade, importa referir que no *online* se dá mais importância ao que está perto de “nós”, ou seja, ao que ocorre em Portugal. Tal como Galtung e Ruge (1965 *apud* Sousa, 2001) definiram como sendo um dos principais valores-notícia a ter em conta: a proximidade. É uma das chaves para atrair mais leitores ao *site*.

Mesmo tendo em conta que o fluxo noticioso é substancialmente maior nos *media* digitais, Kovach e Rosentiel (2007) negam a expressão que é nos dias de hoje considerada quase como cânone jornalístico, ou seja, que com a crescente expansão da tecnologia basta ter um computador e acesso à internet para tudo o que for feito ser considerado jornalismo. Citado por José Pedro Castanheira, Florence Santrot (1999 *apud* Castanheira, 2004: 164) afirma que “*a interatividade permite que cada um se proclame jornalista online*”. Este é talvez o grande problema do jornalismo *online*, o facto de ser infinito e

---

<sup>7</sup> No jornal Record – e no jornalismo desportivo *online* no geral – há vários exemplos de conteúdo não noticioso. A título de exemplo: <http://www.record.pt/multimedia/detalhe/filho-de-zidane-fez-das-dele-e-adversario-ainda-esta-a-procura-dos-rins.html> . Exemplo retirado no período de estágio realizado.

não ter alguém ou algo que o regule, fazendo-se valer da velocidade e da proliferação constante de conteúdo nem sempre real e fidedigno, que é usado como se de verdade se tratasse e publicado por qualquer ‘jornalista’ autoproclamado do espaço digital. Existem autores aos quais faz alguma confusão esse facto e afirmam que a grande importância e significado do jornalismo é: “*a função que as notícias têm nas vidas das pessoas*” (Kovach e Rosentiel, 2007: 11), ou seja, não nos podemos consignar a qualquer coisa que vemos como sendo real e fidedigna só por estar na internet. Essa função, apesar de todas as mudanças inerentes às formas de fazer jornalismo e às alterações nos profissionais da área, bem como na sua conceção de fazer notícias, mantém-se pouco alterada. É também defendida a ideia de que o desenvolvimento da internet, o maior fluxo informativo, o desenvolvimento do ‘jornalista cidadão’ e o poder da *blogosfera* não devem ditar que o julgamento relativo ao que é que as pessoas precisam e querem saber esteja obsoleto, pelo contrário. Tem de haver esse julgamento, sobretudo num mundo em que as pessoas são cada vez mais bombardeadas pela avalanche informativa e passam a ser os seus próprios editores, jornalistas e correspondentes (Kovach e Rosentiel, 2007: 19).

Os jornalistas do século XXI têm de reconhecer estas dificuldades e ajudar o público a construir uma nova forma de cidadania (Kovach e Rosentiel, 2007: 19). “*A Net é um meio sem lei nem roque, onde cada um é livre de exprimir as suas opiniões. Com uma variedade infinita de utilizadores, sem condições prévias de acesso, percebe-se que se trata de um meio onde a auto-regulação é impossível*” (Castanheira, 2004: 124). Esta citação de José Pedro Castanheira resume bem o meio da internet e a permeabilidade que existe onde as regras são esquecidas e as interações baseadas em opiniões transviadas transmitidas através de um computador. Esse é um dos desafios principais que o jornalismo *online* tem de enfrentar diariamente e com o qual tem de lidar de forma a construir um projeto credível e onde as notícias não sejam influenciadas pelas opiniões e comentários de terceiros, esses ‘utilizadores’ que usam e abusam do meio digital sem limites. Existe, pois, uma necessidade de regular o sistema internáutico. No jornal Record, apesar de existir cooperação entre os jornalistas para tentar regular o *site*, essa tarefa partilhada acaba por ser quase impossível de gerir, visto haver sempre espaço a brechas e a furos na tentativa de limpeza de conteúdo ‘nocivo’. Deixam o seu papel como *gatekeeper*, que decide o que as pessoas devem ou podem saber em termos noticiosos e adotam uma postura de controlo informativo que é igualmente fulcral. Devem continuar a verificar a informação, definindo se é a correta para ser propalada e difundida pelo público.

Uma das formas mais utilizadas de produção de notícias na secção *online* do Record é através do *Milenium*, um programa informático que é também utilizado para recolher *takes* das agências noticiosas com as quais o Record tem parceria: Lusa e Reuters. Ao transpor essas notícias para um meio informativo que não uma agência noticiosa, é preciso ter atenção a termos que são utilizados especificamente no jornal *online*, que divergem dos da Lusa ou da própria Reuters. Os principais estão relacionados com os nomes das competições e com as datas, uma vez que na plataforma *online* se evita dizer “ontem”, “hoje” ou qualquer indicador temporal que não seja a data concreta. Também é sabido que a escrita de agência não é igual à da imprensa em geral, sobretudo no que concerne ao digital. As principais diferenças prendem-se com a suposta objetividade da escrita que se desenvolveu no jornalismo com o surgimento no século XIX das agências noticiosas (Martins, 2004/2005). Assente na simplicidade, no relato dos factos crus e na não-adjetivação, tal simplesmente não funciona no *online*.

*“Às vezes escolho simples apoios de uma peça de apoio do Benfica no jornal para abrir o site. A linguagem que usamos no online é muito diferente da do papel, sobretudo a nível de títulos. Um título do papel raras vezes funciona no online. Ainda hoje tens o ‘Génio de Bast Dost’ e isso no online daria zero. No online ofereces primeiro a fatia ao leitor para ver, ao contrário do papel, em que lhe dás logo tudo. De manhã tentamos que o que abre o site seja a manchete do jornal, mas acontece cada vez menos isso”* (Anexo 1 a), página 79)

Como refere uma das editoras do *online*, Sofia Lobato, muito do que é publicado no jornal físico simplesmente não funciona no digital. É preciso cativar o público e ter *pageviews*, que representam um papel preponderante nos objetivos que se têm de cumprir. Vendo desse prisma, é impossível seguir a escrita proveniente das agências e do jornal físico. Para cativar muitas vezes era preciso recorrer ao choque, aos títulos com perguntas (que se aconselham a não fazer) e a frases que deixam o conteúdo em aberto. *“No online ofereces primeiro a fatia ao leitor para ver, ao contrário do papel, em que lhe dás logo tudo”* (Anexo 1 a), página 79), afirma Sofia Loba, e essa parte da curiosidade é o grande trunfo das publicações internauticas, sendo que vivem da publicidade e do alcance noticioso do que partilham.

### **1.1 O papel do editor no *online***

Se há função curiosa no jornalismo *online* e que se distingue das restantes secções, é a de editor. Além de rever alguns textos (não todos, porque não seria produtivo em

termos de gestão de tempo) tem de organizar a *homepage* e definir o que renderá mais em termos de *clicks*, além da escolha criteriosa de títulos que levarão o leitor a carregar na notícia, ou no conteúdo publicado. O denominado *clickbait*, ou em português ‘isco de cliques’, é um conceito que se tem difundido nos *media online*. A definição deste conceito é simples: o título feito propositadamente para levar o leitor a carregar no artigo, sem que tenha necessariamente de estar feito de acordo com todas as normas e cânones do jornalismo e que normalmente se encontra associado à obtenção de receitas provenientes das visitas e *clicks* dos leitores que geram publicidade. Este termo tem gerado alguma controvérsia no mundo multimédia e jornalístico. As opiniões divergem: há jornalistas para os quais é inconcebível escrever títulos ‘sensacionalistas’ e a apelar à polémica, mas o certo é que, para quem tem números a cumprir, torna-se imperativo cativar quem lê e se a forma mais fácil passar por ter títulos apelativos, parece-me que o futuro estará aqui, nesta ‘fórmula’ secreta de gerar celeuma e alimentar visitas, comentários e partilhas de conteúdo. Seja de que forma for. Se isto é um atentado ao jornalismo e uma ode ao sensacionalismo? Sim, é. Porém, a vertente comercial dos jornais e dos seus *sites* assim o exige. Não há como fugir e tentar ser íntegro do prisma da veracidade dos títulos. Haverá sempre alguém a tentar induzir em erro os leitores de forma a gerar mais receitas provenientes da publicidade. Tudo por necessidade, digamos assim. Não é mentir, porque o jornalismo não se compadece com isso, mas transformar algo possivelmente entendido como ‘banal’ num conteúdo ‘viral’. Como Sofia Lobato, uma das editoras do *online*, disse na entrevista que lhe fiz, há formas de transformar um conteúdo ‘insonso’ numa notícia vencedora em termos de visitas e alcance da publicação: “*Peguei no título, transformei-o, dei-lhe um pós-título forte, difundi nas redes sociais e foi o artigo mais lido do dia*” (Anexo 1 a), página 81). Por vezes é este pormenor que torna mais atrativa a peça noticiosa, como foi este exemplo referente à história de um jogador, Kaizer, que se fingiu de estrela de futebol durante anos e que foi noticiado no suplemento ‘Record Mais’.

Desta forma pode-se constatar que o papel do editor no jornalismo *online* é mais ativo e exigente, além de consignar outras funções além da revisão textual, definição de conteúdos a serem abordados e escrita de notícias e escalonamento de horários. Vai mais além e intromete-se noutras competências.

## 1.2 A importância das redes sociais no jornalismo *online*

No caso do Record existe um elemento destacado para gerir as redes sociais, tão fulcrais neste jornalismo digital. O jornal Record é a única publicação desportiva que tem alguém designado exclusivamente para executar este tipo de tarefas mais adjacentes ao *Marketing*. Desde *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, tudo tem de ser escrutinado e preparado para surtir efeitos práticos. O gestor de redes sociais tem um papel muito relevante na obtenção de números de leitores e de alcance de publicação, levando assim a que os objetivos traçados sejam atingidos de uma forma mais fácil e concisa. Numa grande empresa detentora de vários meios de *media* como é a Cofina, o *online* tem um peso superior ao da concorrência. A publicidade gera muitos lucros e o número de leitores e visitantes únicos influencia a gestão do jornal, que para singrar em termos de mercado tem de pensar em números, descurando muitas vezes a qualidade e a precisão dos artigos. As redes sociais, nesta era de globalização e num mundo cada vez mais vocacionado para o digital, têm uma importância extrema para os meios de comunicação em todo o mundo. “*As pessoas que interagem precisam de estar conectadas de uma forma ou de outra, num espaço próximo ou através de uma transmissão de ligação, de forma a poderem agir e reagir*” (Dijk, 1999: 11). Desta forma, pode-se fazer a ponte para as redes sociais e o quão importantes são elas no meio jornalístico, permitindo às pessoas ligarem-se através delas às notícias e participarem nas próprias com comentários, interações e partilhas.

Portugal, como país pequeno que é, não tem a mesma visibilidade que, por exemplo, países com várias centenas de milhões de habitantes, ou países falantes de língua inglesa. No entanto, há que ter em atenção que o futebol português tem muita visibilidade a nível mundial, com jogadores de renome (caso de Cristiano Ronaldo) e treinadores mediáticos (caso de José Mourinho), o que leva a que a repercussão das notícias seja maior no caso dos jornais desportivos e dos seus *sites*. O futuro passa pelas redes sociais, assim como a difusão noticiosa que daí advém. Foi referido ao longo do estágio pelos editores da secção que a maior parte dos leitores do jornal Record provém do *online* e dos *smartphones* em específico. O *Facebook* é um dos maiores difusores de notícias e angariador de leitores, daí até existir uma política de ‘compra’ de gostos, através do patrocínio da página nessa rede social. Posto isto, urge a necessidade de ter alguém na redação que esteja ciente deste panorama e que saiba gerir o jornal num meio tão ‘novo’ e permeável. Quem o faz não é jornalista e não tem nada relacionado com a escrita no seu papel global, mas é tido como peça-chave na secção. A importância das redes sociais é



ressalvada pela editora Sofia Lobato. “*O online é o imediato. Os objetivos que tínhamos em 2010 são diferentes dos que temos agora. Agora estamos muito agarrados às redes sociais, mais ‘dependentes’ disso (...) Na altura dependíamos mais do jornal do que dependemos hoje*” (Anexo 1 a), página 78). Este afastamento do jornal físico é premeditado e sabido pela chefia. O papel e o digital caminham cada vez mais para caminhos divergentes e com passos distintos.

## **2. Estágio *online***

O meu estágio teve início a 9 de janeiro de 2017 e, como é normal no jornal Record, o estágio começa pela secção *online*, onde o trabalho abunda e onde se aprende mais no início do estágio, visto o volume de notícias e conteúdo ser muito maior. Grande parte dos estagiários baseiam a sua produção diária em notícias pré-feitas e prontas a serem publicadas, os chamados *takes* já referidos anteriormente (da Lusa e da *Reuters*). Isto se não tiverem o espírito proactivo necessário para procurar notícias e propor trabalho. Se não forem estas notícias que vão ‘caindo’ no portal, são algumas fotogalerias ou notícias específicas pedidas pelos editores. A minha experiência, inicialmente, divergiu um pouco do trabalho normal desenvolvido por um estagiário. Em vez de me basear apenas nos *takes* fornecidos pelas agências noticiosas, fui explorando a imprensa internacional e perguntando se seria possível fazer notícia de determinado assunto. O conhecimento que já tinha de futebol foi útil ao início, sobretudo na filtragem de informação importante. Como expectável, qualquer notícia antes de ser publicada tem de ser lida pelo editor, que a corrige, chama a atenção para os erros, vê se tem imagem, se as áreas associadas estão corretas e se o conteúdo é pertinente. Além das correções de português, também algumas denominações de clubes, competições, divisões, jogadores e cargos são alteradas e, dependendo de quem está, explicadas. Este é o primeiro passo de um estagiário *online*.

À medida que o tempo vai passando e a habituação se vai desenvolvendo (assim como a desenvoltura), os textos vão tendo menos correções e já são pedidas coisas um pouco distintas, mas nem sempre relacionadas com jornalismo. Produção de conteúdos, chamemos-lhe assim. O jornalismo digital assenta muito nesta produção de conteúdos à ‘velocidade da luz’. A rapidez é essencial e a quantidade também. Há sempre uma procura por vídeos, fotos interessantes ou casos curiosos que possam ser ilustrados por uma lista de imagens. As fotogalerias são feitas com dados retirados de outros *sites* (sobre

ordenados de jogadores, estatísticas, estádios, etc), além de mulheres em trajes menores, algo que é considerado como conteúdo muito importante para as *pageviews*, uma das imposições deste jornalismo comercial comandado pelas grandes empresas. Serão esses números que ditam o desempenho da secção e são vistos e revistos diariamente, enquanto se traçam estratégias para os fazer aumentar. Publiquei muito deste tipo de conteúdo multimédia, visto ao início existir uma espécie de ‘meta’ em termos de vídeos publicados.

Este conteúdo é crucial para ‘alimentar’ o *site* e incentivar os leitores a carregar nos *links*. São atividades muito longínquas do jornalismo, mas que são imperativas caso se pretenda atingir os objetivos estipulados pela empresa-mãe, neste caso, a Cofina. Todos os meses existem números a cumprir e a ditadura dos dígitos é real. Menos leitores únicos, pouco alcance das publicações ou uma curva decrescente das *pageviews*, leva a consequências para quem gere a secção. Sobre o multimédia, que vem tendo cada vez mais importância no jornalismo *online*, João Manuel Canavilhas (2006), afirma que é necessário que o jornalista aprenda novas técnicas de linguagem para estar habilitado a produzir novos conteúdos e para conseguir, de igual forma, coordenar a equipa de produção de conteúdos e ser o obreiro maior do produto final, tanto na vertente hipertextual, como na interativa. Este novo meio onde o jornalista tem de se inserir, o multimédia, pressupõe também uma diferente construção da narrativa jornalística, que deixa de se estruturar pela tradicional pirâmide invertida e passa a ter início num “parágrafo ou uma infografia que responda de forma simplificada ao *Quem, onde, o quê e quando*. A partir deste elemento, que deverá incluir *links*, a notícia evolui de forma livre para o *Como e o Porquê*, com o utilizador a escolher o seu percurso de leitura” (Canavilhas, 2006).

Durante o mês e meio da minha estadia no *online* (de 9 de janeiro a 1 de março de 2017) presenciei várias reuniões entre um dos diretores adjuntos (Bernardo Ribeiro), que sempre me pareceu o mais destacado para a parte digital do jornal, e os editores presentes no *online*, além do gestor de redes sociais, que está sempre presente na secção para fazer o alinhamento e a gestão do que é partilhado e publicado no *Twitter*, no *Instagram* e no *Facebook*.

O primeiro passo está dado. O meu restante estágio nesta secção não teve grandes oscilações. A eletrizante demanda por novos conteúdos para publicar assim o exige. As pausas são raras. Nulas, praticamente. A proatividade é valorizada e até muito bem aceite, sem muitas restrições nas sugestões que são feitas. O nível seguinte, em termos de aprendizagem, passa por alguns artigos mais de fundo, como perfis de jogadores,

treinadores ou dirigentes desportivos; transcrição de entrevistas da imprensa internacional ou alguma possível entrevista via telefone. Em termos de construção noticiosa desenvolvi bastantes capacidades, assim como na valência que diz respeito à procura de notícias de fontes fidedignas, à promoção do conteúdo por mim elaborado e outros conceitos que ainda desconhecia no jornalismo digital.

Em suma, o meu tempo na secção *online* do jornal Record deu para entender melhor o meio noticioso no qual me estava a inserir e para adquirir algumas competências que me serão certamente úteis no futuro. Durante os 37 dias úteis de estágio que passei nessa secção, apercebi-me de algo que é sobejamente depreendido por todo os leitores em geral, mas é entendido de uma forma diferente quando se está inserido na ação: os três grandes (Benfica, Sporting e FC Porto) monopolizam toda a atenção mediática. Uma pequena notícia de qualquer uma destas potências desportivas tem um destaque que qualquer conquista de outra equipa não terá. Como uma das editoras do *online*, Sofia Lobato, refere, os destaques aos clubes menos mediáticos só acontecem relacionados com os clubes com mais mediatismo. “*Depende de vários fatores [o destaque dado aos clubes pequenos], ou é porque jogam com os grandes, ou é porque têm uma contratação sonante, ou por estórias que os leitores ainda querem ler ou por escândalos e falcatruas*” (Anexo 1 a), página 79). Além desta tripolarização constante do desporto português, existiram muitos aspetos formais do jornalismo que me foram inculcados logo desde o primeiro dia e que me foram muito úteis nos restantes meses. No Record *online* há competências que se exigem a quem escreve uma notícia: evitar os determinantes ‘seus’ e ‘suas’ de forma a não induzir o leitor em erro; citar sempre a fonte de onde é retirada a notícia, seja ela de que índole for, a fonte é sempre privilegiada; é obrigatório ter o máximo de informação possível no LEAD, para se informar quem lê logo de início; nas citações de entrevistas, conferências de imprensa, *flash interviews* ou declarações é aconselhado a que venha sempre o mais importante primeiro e não por ordem cronológica. Juntando a estes aspetos formais da escrita jornalística, há expressões que me foram ensinadas e que sei que farão parte do meu percurso enquanto jornalista até ao fim. Passarei a referir-me a “*psicossomáticos*” quando o assunto são redundâncias informativas (número de golos, número de cartões, histórico de confrontos, entre outros); “*uma mão cheia de nada*” para referir notícias superficiais e que nada acrescentam ao assunto e “*pescadinha de rabo na boca*” para criticar notícias que têm fontes e que acabam por citar fontes, que por sua vez têm fontes, ou seja, não há uma fonte concreta e facilmente identificável e é quase como um círculo vicioso procurar a correta. Estas foram as ilações formais que retirei da parte

do estágio no jornal *online*, onde se diz residir o futuro, mas onde a aposta devia ser ainda maior.

### 3. Descrição da secção

A secção *online* do jornal Record tem vida própria. Funciona de forma distinta das restantes. Costumam estar presentes 3 pessoas no turno da manhã (8h – 16h), sendo que um deles tem obrigatoriamente de ser um dos editores e, usualmente, um estagiário, visto ser mais fácil aprender quando o frenesim da redação é menor. A partir das 16h chegam outros jornalistas que trocam com quem entrou às 8h. Existe uma hora de almoço/jantar e as pausas são quase nulas, uma vez que há sempre uma procura incessante de conteúdo para ir alimentando o *site*. Quem entra às 16h, sai à 00h, e o curioso desta parte da redação é que os horários são escrupulosamente cumpridos. Por fim, existe normalmente um jornalista destacado para escrever as ‘últimas’ e deixar artigos agendados para o dia seguinte, que são uma das principais fontes de conteúdo noticioso. Esse redator entra às 18h e sai às 02h. O Record tem uma particularidade interessante que faz com que o jornal se destaque, que é a presença de um elo de ligação entre a chefia e a secção *online*: o diretor multiplataformas. Uma espécie de representante dos órgãos máximos na parte *online* do jornal, que representa a parte digital nas reuniões com a chefia para traçar os planos editoriais e alinhar estratégias a seguir, sendo o primeiro a ser informado de questões mais estruturais e uma voz a ter em conta nas mudanças estratégicas.

A manhã, para os editores e jornalistas mais creditados, é passada a fazer uma seleção criteriosa dos assuntos do jornal físico que interessam destacar e publicar no *site*. É esta a principal fonte de alimentação das primeiras horas do dia, aliado aos, já referidos anteriormente, artigos agendados para serem automaticamente publicados no horário em que não está ninguém na redação. Os estagiários, ou os jornalistas que não estiverem a desempenhar nenhum trabalho, ficam encarregados de fazer a agenda (com os jogos do dia, com base no que vem no jornal físico) e de fazer uma ronda pela imprensa internacional, vendo o que existe de concreto, interessante e possivelmente publicável. Começa-se pelos países com maior peso em termos futebolísticos: Inglaterra, Espanha, França, Alemanha, Itália e Brasil. No caso de não existir nada, passa-se para os *Twitter* de jornalistas creditados, *Instagram* de futebolistas ou imprensa de países menos reconhecidos em termos desportivos.

No que concerne à parte da tarde, o número de jornalistas presentes é sempre maior, acautelando notícias de última hora, jogos que possam estar a decorrer e possíveis trabalhos de fundo pedidos pela chefia ou pensados pelos editores. Neste horário é onde a redação fica mais preenchida, uma vez que coincide com a entrada dos jornalistas do ‘papel’. Uma das ferramentas mais utilizadas neste horário é a televisão e as notícias desportivas que vão saindo em ‘última hora’, sendo uma das grandes bases de sustento do *site*, que tem de ter sempre alguém pronto a transcrever ao minuto o que se passa. Diferem entre os mais diversos temas: sejam os debates entre candidatos a presidentes em altura de eleições - como foram exemplo as eleições do Sporting (dia 4 de março), que tiveram uma cobertura bastante alargada -, sejam entrevistas de treinadores e jogadores conceituados que sejam exclusivas de outro canal, ou treinos de certas equipas faz-se de tudo um pouco. Nesse caso, são transcritas e transformadas em vários artigos para o *site*, de forma a ‘render’ mais em termos de visualizações e visitas.

Os fins de semana são distintos dos restantes dias e consideravelmente mais atarefados em todas as secções e o *online* não é exceção. A exigência prende-se com o elevado número de jogos das várias modalidades, com especial incidência no futebol, e com os diretos que são feitos dos jogos previamente designados pelos editores. Esses encontros são atualizados ao minuto no *site*, sendo que os de maior nomeada são atribuídos atempadamente a jornalistas mais rotinados com esses procedimentos. Os restantes, são feitos por um *site* chamado *SportRadar*, que é específico para este propósito. Normalmente os estagiários ficam encarregados de tratar da 2ª Liga portuguesa, de ir atualizando os resultados e de ligar aos correspondentes que estão lá destacados (os nomes e os números estão expostos na agenda diária) a perguntar quem marcou e o minuto, de forma a poder atualizar de uma forma mais célere e precisa. Este trabalho tem de ser feito constantemente, mas sem um foco exclusivo, uma vez que, enquanto se atualizam os jogos, são vistos vários sites noticiosos à procura de conteúdo para continuar a alimentar o *site*. Mais uma prova da imediatez inerente ao meio internáutico, que é a maior fonte noticiosa da atualidade. Não pode haver o risco de não publicar primeiro que a concorrência ou de falhar exposição de notícias de relevo. Depois dos diretos são feitos alguns rescaldos, vídeos das chegadas das equipas, declarações de treinadores e de alguns golos do fim de semana (tendo sempre em atenção os direitos de imagem, cujo desrespeito pode levar a problemas judiciais). O ritmo frenético mantém-se até ao fim de todos os jogos do dia, normalmente pelas 22h/22h30. Depois disso a ronda é igual e a rotina torna-se a mesma.

#### 4. Secção de Futebol Nacional

A partir de dia 2 de março até 6 de abril de 2017 passei a integrar a secção do jornal físico. Neste caso concreto, a parte do ‘Futebol Nacional’, que engloba todas as equipas da 1ª Liga à parte dos três grandes (Benfica, Sporting e FC Porto têm secções específicas), a 2ª Liga, além do futebol jovem, o futsal, o Campeonato de Portugal e os distritais. Fiquei na secção que melhor servia os meus interesses relativamente ao campo que me propus abordar (o destaque concedido aos clubes fora dos três grandes nas manchetes do jornal Record) e isso foi um ponto positivo. Outro aspeto, *à priori*, que seria benéfico era o facto de poder experienciar outra realidade completamente distinta da anterior e assim ter mais ferramentas que me permitissem contrabalançar os dois mundos. O primeiro contacto que tive, em termos de ambiente, foi muito bom. Um dos editores já me conhecia, visto ter-me pedido informações sobre um jogador juvenil do Belenenses quando ainda estagiava no *online*, em virtude de ter conhecimento que, antes do estágio, eu tinha tido ligações ao jornal do clube.

No primeiro dia redigi apenas uma peça relativa à “*defesa de betão*” do Torreense, equipa que milita no Campeonato de Portugal Prio (3ª divisão). Fui introduzido novamente ao *Milenium*, mas desta feita com permissões diferentes. O *software* permite escrever diretamente no jornal, exatamente como ele sairá no dia a seguir para as bancas. A notícia que escrevi não foi da minha autoria, tal como não foram grande parte das que redigi ao longo do estágio na parte física do jornal. Veio o texto de um colaborador, que segue a equipa e fez uma entrevista a um jogador da defesa do Torreense e tive de o refazer de forma a ficar material de jornal, como quem diz, texto jornalístico. Reciclagem de texto, diria. É reestruturar a informação de forma a torná-la em conteúdo jornalístico e publicável, uma vez que a maior parte dos colaboradores que abrangem as equipas da 1ª Liga, 2ª Liga e Campeonato de Portugal Prio, não são jornalistas profissionais. Uma das maiores dificuldades que tive neste primeiro dia de trabalho numa nova secção foi o espaço para o artigo. Estar confinado a um pequeno quadrado e ter de condensar a informação recolhida em poucos caracteres é complicado, sobretudo depois de mais de um mês em que o espaço não era problema e até se valorizava a quantidade da informação publicada. Com o hábito vão-se ganhando várias apetências para encurtar texto. Seja utilizando outras palavras, procurando outros sinónimos, cortando o que é irrelevante ou condensando o mais possível. O hábito acaba por ajudar neste ponto concreto.

Durante o meu período de estágio nesta parte do jornal posso dizer que também adquiri várias competências e outro tipo de experiência que não tive a oportunidade de vivenciar no *online*. Dia 4 de março fui chamado para ajudar na cobertura das eleições do Sporting, colaborando assim com os jornalistas da secção respetiva. Foi o primeiro trabalho de campo que me foi designado e posso afirmar que foi impactante ter sido logo num dos maiores eventos do ano relacionados com desporto. Fiz a cobertura das eleições desde as 13h até à 01h. Durante este período estava destacado para recolher testemunhos e declarações de alguns notáveis que fosse encontrando na fila para votar (Anexo 2 b), página 92). Além de ter recolhido depoimentos de Pedro Santana Lopes, Carmona Rodrigues, Rui Oliveira e Costa, José Pina e José Eduardo, também pude fazer alguns vídeos da inauguração do Pavilhão João Rocha, cooperando assim com o *online*. Todo o meu trabalho feito nesse dia era passado para o *site*, para um acompanhamento de minuto a minuto que ia sendo feito pelos redatores presentes na redação. Uma colaboração eficiente e cada vez mais necessária com o *online*. Outro dos pontos de realce neste dia foi a convivência com vários profissionais do jornalismo de outros órgãos e meios de comunicação. Houve uma troca de experiências que, no meu entender, foi enriquecedora a nível pessoal e profissional. No dia seguinte recebi bom *feedback* relativo ao meu desempenho e colaboração, o que me deixou agradado e com esperança de que o trabalho de campo fosse para continuar. Excetuando alguns momentos que irei enumerar mais adiante no Relatório de Estágio, tal não se verificou.

O restante tempo que passei nesta parte do jornal físico não saí muito da secretária, não contando com alguns trabalhos que serão enumerados nos capítulos em diante, além de algumas notícias ligadas ao Belenenses, que me levaram a ter de confrontar presidentes (da SAD e do clube) e a expor situações complicadas (caso dos empréstimos dos jogadores do Benfica aos juniores do Belenenses). De resto, o meu trabalho (assim como o da grande maioria dos restantes jornalistas), consubstanciou-se ao “jornalismo sentado”, referido por Estrela Serrano (2006). A autora afirma ter de existir uma tentativa de equilíbrio por parte dos jornalistas, evitando que as notícias e o ato de informar sejam apenas ações promocionais (como os torneios de futebol jovem da Páscoa, que são patrocinados pelo jornal Record), em vez de relatarem a verdade dos factos e o que realmente tem interesse para o público, não o fazendo só para agradar às fontes. Os jornalistas preocupam-se pouco em diversificar as fontes ou em ir confrontá-las ao vivo e a cores, baseando-se em pesquisas na internet e contactos telefónicos, o tal jornalismo sentado (Serrano, 2006: 25).

#### 4.1 A dependência dos colaboradores

O trabalho na parte física do jornal, em específico a secção do Futebol Nacional, reside muito na ação dos colaboradores. Os editores da secção têm uma reunião prévia com a chefia (normalmente por volta das 15h) onde se definem as páginas atribuídas à secção e se discutem que temas merecem ou não mais relevo noticioso. É cada vez mais perceptível que cada pessoa está a agir e a censurar-se de forma a proteger o seu próprio meio e economia, sobretudo quando o assunto pode afetar a relação com as fontes e trazer problemas com os editores, como será confirmado em diante (Trager e Dickeson, 1999). O documentário de 1996 de Sanders & Baker, chamado *Fear and Favor in the Newsroom*, mostra uma realidade bem presente nas várias redações do mundo, “*demonstra como é que os jovens jornalistas aprendem rapidamente a censurar as suas próprias estórias para evitar conflito com as suas fontes e editores*” (Trager e Dickeson, 1999: 88). Esse conflito é sempre temido e para não se dar um confronto de ideias, opta-se pela autocensura ou a escolha de assuntos menos suscetíveis de causarem celeuma. Isso vai contra os ideais jornalísticos e mesmo no sentido inverso do código deontológico. É sempre mais fácil proceder a essa censura de colaboradores e jornalistas quando se detém a publicação, dominando assim o aglomerado de media e podendo ditar as regras. “*Vim a perceber que liberdade de imprensa só está garantida quando deténs as tuas próprias publicações*” (Sanders & Baker, 1999 *apud* Trager e Dickeson, 1999: 88).

Outra das grandes ‘lutas’ que testemunhei quase diariamente foi a da ‘ditadura’ do número de páginas. A equipa da chefia que estava destinada a fechar o jornal, normalmente duas pessoas entre os editores-chefes e os diretores adjuntos, traçava o plano em termos de número de páginas previamente, mas raramente não havia pedidos para “*mais um rodapé*”, “*mais uma cabeça*” ou “*preciso de uma abertura*”. O espaço consignado era sempre alvo de controvérsia e de pedidos expressos para notícias que iam chegando. No entanto, na parte do futebol nacional, a grande maioria das notícias que eram redigidas provinham de colaboradores espalhados pelas 40 equipas profissionais. Apenas o Belenenses tem um jornalista a si adstrito que trata exclusivamente das notícias referentes ao clube lisboeta. Há, mesmo dentro do nicho que são as 37 equipas profissionais à parte de Benfica, Sporting e FC Porto, uns que merecem mais destaque que outros, como é confirmado pelo editor da secção, Nuno Miguel Ferreira:



*“Há clubes que têm mais importância para nós. No nosso caso é o V. Setúbal e o Belenenses, na Madeira não há muitos jornais lá vendidos, portanto, não privilegiamos. Dia a dia é beneficiar e dar destaque aos que mexem mais, com mais adeptos e que venderão mais. Na 2ª Liga são sobretudo os do Algarve, como o Portimonense e o Olhanense e também a Académica, claro. No Norte é o V. Guimarães e Sp. Braga”.* (Anexo 1 b), página 83)

Por esta citação pode-se perceber que clubes têm mais espaço e que, dessa forma, têm de ter colaboradores com mais qualidade a si ligados. Todos os restantes vivem de psicossomáticos e noticiários do dia com informações sobre os lesionados, os treinos e se alguém prestou declarações à imprensa ou não.

Depois dessas informações recolhidas pelos colaboradores, são enviados os textos para o jornal e distribuídos por parte do editor pelos jornalistas presentes na secção, que tornam o texto em conteúdo noticioso e assinam com o nome dos colaboradores. Isto acontece durante toda a semana, sem grandes derivações do plano editorial. Há pouco espaço para novas estórias e reportagens diferentes. Tudo isto imposto por um jornal cada vez mais pequeno em termos de formato e que opta por dar primazia aos três principais clubes. Os jornalistas do futebol nacional além de reciclarem textos dos colaboradores (o que acontece a maioria do tempo), também são chamados a fazer cobertura de jogos (cada vez menos frequente e num espaço reduzido) e algumas peças sobre eleições dos clubes (à cabeça as do V. Setúbal, que decorreram durante o meu estágio) e outros pontos de reportagem que vão surgindo, ou pequenas notícias que vão encontrando. A rotina é muito pouco suscetível a mudanças e o que era suposto ser um trabalho mais de ‘campo’, acaba por ser um trabalho cada vez mais ligado à secretária. O editor da secção, Nuno Miguel Ferreira, dá a sua visão de como é que funciona tudo na parte do jornal que dirige.

*“Somos oito. Somos das secções onde os estagiários ou começam lá ou passam primeiro no online para ‘levar a primeira esfrega’, que isto não é para todos. Não é uma vida fácil, demora-se muito a começar a ganhar alguma coisa para começar a pensar noutros aspetos. Temos essa equipa e temos de ter uma rede de correspondentes espalhados pelo país. Tentar cobrir o máximo de território com o mínimo custo possível, que é um exercício que tenho de fazer todos os meses para tentar cumprir escrupulosamente. Os cinco clubes da primeira, os sete da segunda, o Campeonato de Portugal, os distritais, os juniores, etc”* (Anexo 1 b), página 84)

A razão evocada é sempre a mesma: os custos. Custos de deslocação, de espaço e da consequente venda do jornal. É importante não esquecer que esta secção segrega o maior volume informativo de todo o jornal, visto serem imensas equipas e imensas competições às quais prestar atenção. Não pode haver uma flexibilização por parte da direção para centrar atenções num ou noutro ponto que não siga o rumo pretendido, mas

não se devia basear quase metade do jornal em psicossomáticos e breves sobre treinos. Os colaboradores são precisos. Seria impossível funcionar e abarcar todos os clubes portugueses que têm destaque no jornal. Agora, não se devia investir tanto em pessoas com pouca qualidade e deixar o jornalista a fazer o trabalho sombrio de editar textos e assinar com o nome de outrem. Falta uma melhor gestão humana e de recursos, que se reflete no conteúdo jornalístico.

Nos fins de semana esta secção não funciona, de todo, de forma igual ao *online* e é nestes dias em que a presença de colaboradores e os textos que enviam ganham mais relevo, visto haver uma clara incidência sobre os jogos a serem realizados. Dentro do fim de semana, o domingo é o dia ainda mais atípico. Em termos de trabalho desenvolvido pelos jornalistas presentes nesse dia, podemos considerar muito menos exigente, visto o dia ser passado todo na redação a colocar fichas de jogo que são enviadas por *email* pelos colaboradores, juntamente com os resultados e as análises aos encontros. Foi ainda possível constatar que o domingo era um dia quase ‘religioso’, uma vez que não havia nenhuma derivação do plano e eram raros os momentos em que os jornalistas desta secção se ausentavam do jornal. As únicas vezes em que tal acontecia era quando eram escolhidos para cobrir jogos, fazer rescaldos, recolher declarações e a ficha de jogo. Não significava, porém, que saíssem mais cedo, sendo a altura da semana em que a secção trabalhava até mais tarde.

## **5. As diferenças entre os dois mundos: *online* e papel.**

Já em 1999 Van Dijk afirmava que o século XXI iria ser dominado por expressões como “*network*”, “*news media*” ou “*multimédia*”(1999: 1). Foi o que se verificou e hoje em dia é impossível falar-se de informação sem nos debruçarmos sobre qualquer um dos termos referidos. Dominam a circulação de notícias e são eles que nos transformam cada vez mais numa aldeia global, conceito avançado por Marshall McLuhan em 1964. Van Dijk (1999) refere-se a toda esta movimentação e circulação voraz de informação como “*information highway*” ou em português, “autoestrada de informação” e, tal como numa autoestrada em que os carros passam a alta velocidade sem parar ou pensar muito, visto ser um caminho reto na maior parte do tempo, também a informação se desloca dessa forma repentina, veloz e consecutiva.

Apesar do *online* ter tomado a vez do papel em muitas situações que ocorrem no dia-a-dia do leitor, o certo é que Paulo Faustino, em 2004, afirmava que a internet não teria o impacto suficiente no jornal físico para o afetar ao ponto de acabar.

*“No que se refere ao impacto da Internet no negócio das empresas de imprensa tradicionais, não parece ser muito provável que nos próximos dez anos (até 2014) este médium vá afetar negativamente as publicações em suporte papel. Provavelmente haverá mais pessoas a ler o jornal na Internet, mas é preciso notar que os conteúdos têm sido disponibilizados gratuitamente, tendência que poderá vir a inverter-se nos próximos anos”* (Faustino, 2004: 251).

Este cenário verificou-se e hoje, e em 2017, muitas publicações rentabilizam as suas notícias ao adicionar um modo *pay per view* em que, mediante o pagamento de uma quantia mensal, o leitor pode aceder a conteúdos exclusivos do jornal. Esta forma de negócio acaba por prejudicar as vendas em papel, mas por trazer outras fontes de receitas ainda pouco conhecidas pelos media digitais. Faustino (2004) vai mais longe e afirma que quem está atrás das empresas de imprensa tem de ter em conta esta evolução do *online* que tem sido cada vez mais constante nos últimos anos. Desta forma, tem sido – pelo menos até ao momento - difícil conciliar o papel e o digital.

Outra diferença reside nos leitores e na forma como se procede à sua interação com as notícias que vão surgindo (o ‘última hora’ presente no *online* permite outro tipo de reações).

*“Os leitores tendem a apropriar-se deste espaço para abordar os temas que muito bem entendem, por vezes à margem das notícias que era suposto comentarem. O espaço passa a ser autogerido pelos leitores. Sentindo-se donos e senhores desse espaço, tendem a defendê-lo com vigor, como se fosse seu”* (Castanheira, 2004: 95).

Apesar de José Pedro Castanheira se referir em específico ao Expresso, jornal que é alvo da sua análise, o certo é que esta “*autogestão*” que é quase tida como certa por parte dos leitores das publicações *online* acaba por prejudicar algumas vezes o trabalho do jornalista, que tem de gerir um espaço que é quase tomado de ‘assalto’ pelos comentários do leitor, que nem sempre estão relacionados com o artigo ou têm sequer ligação ao conteúdo abordado.

Desta forma, este é um dos constrangimentos do jornalismo digital e que prejudica o trabalho dos vários jornalistas presentes na secção, tendo quase sempre alguém destacado para gerir o que não devia ser preciso gerir, ou seja, os comentários dos utilizadores do *site*. Apesar de existir uma linha ténue entre esta gestão de opiniões e a

palavra ‘censura’, muitas vezes utilizada como arma de arremesso por parte dos leitores, a realidade é que é um trabalho que tem de ser efetuado, de forma a criar um ambiente saudável no seio *online*. Este é mais um dos aspetos no qual o papel e o digital divergem, uma vez que as opiniões relativas às notícias publicadas no formato físico do jornal não chegam no imediato, nem pelos mesmos meios, havendo sempre alguma incerteza quanto à recetividade ao conteúdo publicado – opiniões essas que chegam muitas vezes também pelo *online*.

Durante o meu estágio experienciei os dois mundos e é-me possível afirmar que notei algumas diferenças entre as duas secções. Sobretudo no ritmo de trabalho. É completamente distinto. No jornal físico, em virtude de não ter de se publicar no imediato, a velocidade é mais lenta e existe um ritmo diferente, com mais espaço para pausas e não exige uma proatividade tão denunciada como no digital, em que urge a necessidade de publicar e procurar o máximo de conteúdo que se conseguir. Os dias demoravam mais a passar no jornal físico, especialmente quando os editores não me atribuíam trabalho (de pouco valia sugerir o plano editorial já estava previamente traçado). Os tempos mortos eram vários e os dias ‘perdidos’ também, mas eram ocupados em conversas sobre o jornalismo e dissertações sobre o que é ser jornalista com pessoas com mais anos da profissão do que eu de vida. Aprende-se sempre, em todos os momentos e de todas as formas. O estágio serviu para ganhar conhecimentos e ficar com uma ideia muito mais real do mundo do jornalismo atual, dos seus problemas, escassas virtudes preservadas e o seu trajeto futuro.

## **6. A redação: o centro do jornalismo**

Em termos formais a redação do Record funciona de uma forma peculiar relativamente a outras fora de aglomerados de media (como é exemplo a Cofina). As folgas são sempre rotativas e trabalha-se seis dias por semana. Quando é fim de semana de folga (começa por segunda e terça; terça e quarta e assim sucessivamente), o jornalista tem direito a três dias (sexta, sábado e domingo) e na semana seguinte, a única semana de cinco dias de trabalho, outros três (sábado, domingo e segunda). É um sistema que não me parecendo o ideal, não resulta mal, sobretudo pela habituação laboral que se vai criando com o tempo, além de que, excetuando o Correio da Manhã, mais nenhuma publicação da empresa segue estas diretrizes. No entanto, não são poucas as vezes que esse plano de folgas (feito pelo editor de cada secção e aprovado pela chefia) não é bem

feito e chegam a estar pessoas a mais para a mesma função, gerando assim uma má distribuição de trabalhos pelos jornalistas presentes. Onde isso se notou mais foi no jornal físico, sobretudo na secção com mais pessoas: a do Futebol Nacional.

A redação é um *open space*, como é em todo o edifício da Cofina. As secções são mesas juntas com computadores (ou portáteis facultados pela empresa) onde se juntam os jornalistas designados a cada categoria no jornal. São as seguintes: gráficos, revisão, Hora Record (segmento da CMTV), *online*, Benfica e Sporting, Internacional, Futebol Nacional e Modalidades. À parte, do lado direito, há uma ilha separada que é a da chefia onde estão presentes as pessoas que ‘fecham’ o jornal. Normalmente são duas pessoas. O editor-chefe ou os dois diretores adjuntos. Noutra mesa à parte temos redatores especiais, que estão designados para fazer os rescaldos e antevisões dos jogos, assim como páginas especiais e reportagens de fundo quando necessárias. Não tendo poderes acima de qualquer outro jornalista, a sua distinção ocorre apenas e só pelas tarefas designadas, cabendo-lhes a maior parte das vezes serem os enviados especiais. Mais à direita estão as mesas dos dois diretores-adjuntos e num gabinete de vidro à parte está o diretor do Record, no único gabinete de toda a redação, à exceção da sala de reuniões, que também tem como objetivo o visionamento de jogos.

Os horários das diferentes secções não divergem muito, alterando apenas a dos redatores especiais, dos diretores adjuntos e do *online*, tudo o que concerne às restantes secções do jornal físico o horário está fixado das 15h às 23h (não há um estrito cumprimento de horários para entrar nem para sair). Por fim, a parte do fecho do jornal processa-se da seguinte forma: depois dos jornalistas escreverem, os textos são lidos pelos editores, que revêm e corrigem o que há a corrigir; após estar tudo lido, é enviado para a revisão ortográfica e, posteriormente, conteúdo gráfico. Feito que está este processo, volta aos editores, que aprovam a página para, em seguida, ser remetida para a equipa de fecho do jornal, que é constituída por duas pessoas entre editores-chefes e diretores adjuntos, sendo eles as pessoas que mais tarde se ausentam do jornal. Depois de terem tudo visto e revisto, as páginas seguem para a gráfica.

## **7. Trabalho realizado**

Na parte em que o meu estágio se consignou ao *online*, o meu trabalho em termos noticiosos foi evoluindo para assuntos mais sérios, fontes diferentes e conteúdos diversos. Foi a única evolução que posso salientar, além de ter transcrito uma entrevista de Jorge

Nuno Pinto da Costa à *Gazzeta Dello Sport* (Anexo 2 a), página 91), jornal italiano, na íntegra e ter transformado em vários artigos para o *site* uma entrevista a Luís Campos, português que é dirigente do Lille, ao *L'Équipe* (Anexo 2 a), página 91), nada de mais profundo realizei. Estes foram os momentos mais marcantes relativamente a conteúdo jornalístico produzido. De resto, muitas rondas pela imprensa internacional e algumas transcrições de notícias de 'última hora' que passavam na televisão. Porém, as entrevistas que pude traduzir foram trabalhos de alguma responsabilidade, sobretudo em termos da linguagem utilizada e o conteúdo escolhido, que teria de estar de acordo com a publicação original, visto o alcance e a repercussão desses artigos ser muito maior do que a dos restantes.

Antes de mudar de secção (do *online* para o jornal físico) tive um convite por parte do diretor adjunto do Record, Bernardo Ribeiro. Fui designado para fazer a cobertura do 'Portugal O'Meeting 2017', que foi um evento de orientação desportiva que decorreu de 25 a 28 de fevereiro em Alter do Chão, Portalegre. O plano traçado consistia em ir sozinho de carro e em fazer algumas notícias diariamente sobre o evento em si, os resultados e, se encontrasse, alguns pontos interessantes de reportagem. Acabou por não se concretizar, uma vez que não era funcionário da Cofina, logo, não estava abrangido pelo seguro de saúde e não quiseram arriscar a enviar-me para longe de uma forma 'desprotegida'. Todavia, foi um marco importante no meu estágio. Um claro sinal de confiança e do que teria sido a possibilidade de fazer algo diferente do trabalho de secretária que me ocupou o resto do tempo.

Foi na segunda parte do meu estágio que realizei o trabalho mais gratificante da minha curta experiência jornalística. Dia 5 de março foi-me questionado pelo subeditor da secção, José Manuel Paulino, se estava 'à vontade' com o processo de fazer reportagens. A minha resposta foi afirmativa e em seguida foi-me sugerido realizar um trabalho relativo à boa campanha dos juniores do Belenenses (Anexo 4 f), página 102). Aceitei prontamente o desafio e no dia 8, quando regressei de folga, fui para o Restelo desenvolver o projeto. Comecei por entrevistar o treinador da equipa, João Santos; o coordenador e 'homem-forte' da formação do Belenenses, João Raimundo; além do guarda-redes, o menos batido da prova, e o avançado, uma das estrelas da equipa. Estive lá o dia quase todo, assisti ao treino, fiz as entrevistas, escolhi as fotos que queria que o fotógrafo tirasse e, assim que dei por terminado o trabalho, regressei para a redação onde comecei a estruturar a reportagem. Em primeiro lugar voltei a debelar-me com os problemas do espaço, sendo que só me designaram uma abertura de página, tive de pensar

por que caminhos iria enveredar. Optei por enaltecer o ADN do clube que é passado de uma forma vertical entre todos os escalões e que todos apontam ser a chave do sucesso. Escrevi a reportagem nesse mesmo dia e só abandonei o Record quando estava tudo terminado. No dia seguinte foi altura dos meus editores lerem o que escrevi e darem o seu parecer. Apreciaram de tal forma que passou de uma abertura para uma página inteira. Aí já pude explorar mais as entrevistas feitas e dar destaque a outros aspetos que achei relevantes, sem estar tão patente o constrangimento do espaço. Coube-me também a mim escolher as fotografias para ilustrar a reportagem e escolher que dados queria que fossem ressaltados no apoio da peça. Findada que estava a minha primeira reportagem fui confrontado com um dado que até então nunca tinha dado a importância devida: o facto de os estagiários não poderem assinar<sup>8</sup>. Perante este dado relevante, gerou-se alguma celeuma na redação com os meus editores a fazerem força para eu poder assinar o meu trabalho. Minutos mais tarde, o diretor adjunto do jornal foi ter comigo e disse-me: “Podes assinar, seja o que Deus quiser”. Assim foi. No dia a seguir reparei também que a reportagem que escrevi teve chamada de capa e vinha assinada. Um aspeto muito positivo e de reconhecimento do trabalho realizado (Anexo 3 c), página 95).

Foi, sem grandes dúvidas, o momento mais impactante e o ponto alto de todo o meu estágio. Além de ter visto o meu trabalho jornalístico reconhecido por profissionais da área, foi-me dada a oportunidade de ter um trabalho assinado e marcado com o meu nome para a posteridade, algo que, nos dias que correm no jornalismo português, é de valor. A partir desse dia surgiu sempre a dúvida relativamente a poder assinar ou não. Não assinei com nome e apelido mais nenhuma peça, mas foi-me pedido que pusesse as minhas iniciais em notícias e trabalhos da minha autoria (Anexos 4 a), b), e) e h), páginas 97, 98, 101 e 104). Uma forma de conceder o ‘seu a seu dono’, como me foi dito várias vezes. Notei por diversas ocasiões na redação que os editores da secção faziam a maior das forças para eu assinar as peças, algo que lhes era negado pela chefia, por terem receio de uma multa pesada. À parte desta reportagem e em termos de alguma importância, fiz mais um trabalho de introdução ao ‘*Football Talks*’ (Anexos 4 c) e 4 d), páginas 99-100), um congresso sobre futebol que juntou as maiores personalidades do futebol mundial no Estoril e que teve direito a uma página de destaque no jornal, foram assinados pelos meus editores, sempre contrariados com a situação.

---

<sup>8</sup> Informação descrita no seguinte link: <https://www.publico.pt/2014/07/04/sociedade/noticia/jornais-que-publicuem-textos-assinados-por-estagiarios-arriscam-multa-1661566> . Data de acesso a 22 de maio de 2017.

Como o jornalismo não se finda apenas à cadeira, também tive alguma (parca) experiência em campo. De 2 de março a 6 de abril fui enviado para dois jogos da fase de apuramento de campeão do CPP (Campeonato Portugal Prio, que corresponde ao terceiro escalão do futebol português), que foram o Real SC vs Operário de Lagoa e o Sacavenense vs Real SC, além de um jogo de juniores que opôs o Belenenses à Académica (Anexos 4 a), 4 b) e 4 e), páginas 97, 98 e 101). Em ambos os jogos do CPP fiz a ficha de jogo e uma pequena análise ao que se tinha passado na partida, no jogo do Sacavenense tive ainda de ir recolher declarações dos treinadores. No que concerne ao de juniores, apenas fiz a ficha e uma análise quase sumária. As deslocações eram feitas ou em táxis pagos pela empresa (a crédito) ou deslocava-me no carro do fotógrafo designado para cobrir o jogo. Foram experiências enriquecedoras, sobretudo por ter podido sair da redação e estar destacado a analisar e escrever sobre algo que vi, sendo tudo feito por mim, sem recurso a informações de terceiros. Foi importante para sentir o mundo do futebol mais puro e as disparidades em relação aos grandes palcos do desporto nacional.

Em termos de eventos, só fui designado para cobrir o evento da EFDN (*European Football Development Network*) no Estádio da Luz onde esteve presente o Secretário de Estado da Juventude e do Desporto, João Paulo Rebelo, e para marcar presença na apresentação do torneio da Páscoa de futebol juvenil do CAC Pontinha, que teve como patrono o ex-futebolista Jorge Andrade.

Por fim, posso afirmar que o resto do meu trabalho realizado se prendeu com a redação de textos enviados por colaboradores, escrevi algumas notícias com dados que me foram facultados pelo editor e fiz peças baseadas em entrevistas dadas à televisão, como foi o caso da entrevista de José Mourinho ao programa da SIC, Tribuna VIP. Nos últimos dias de estágio realizei um artigo *Premium* (o mais importante no *online* e que só está disponível para pagantes) relativo aos 24 anos de carreira de Totti, que foi por mim sugerido (Anexos 5 a) e 5 b), páginas 105-106).

O período no qual se inseriu o meu estágio no Record, publicação da empresa Cofina, não foi, de todo, o ideal para quem deseja continuar a fantasiar uma ideia romântica do jornalismo. Todavia, posso afirmar que o facto de a altura ter sido turbulenta, serviu para passar a ter uma ideia menos floreada e sonhadora do que é o jornalismo desportivo na imprensa escrita, permitindo-me assim ser capaz de formular uma opinião e uma imagem muito mais crua e real. Os tempos são difíceis e o que outrora foi um mundo em que se valorizavam estórias e havia espaço para as contar tornou-se um lugar sombrio em que se debatem muitos temas repetidos (polémicas de arbitragens, casos



extra-futebol, etc), um pouco à semelhança do futebol português. No período de 9 de janeiro a 6 de abril de 2017 (com mais incidência neste último mês) foram despedidas mais de 50 pessoas da Cofina <sup>9</sup> inteira e mais de 10 no jornal Record, muitas delas com mais de 20 anos de casa. O ambiente era de crispação vigente e de uma desolação que se repercutia no dia-a-dia do jornal e na forma como era pensado e estruturado. Não me arrependo de ter escolhido esta publicação desportiva, em virtude de ter crescido a ler o jornal, além de ter sido um privilégio poder servi-lo. Retiro sobretudo o choque – que era preciso – de realidade e a visão de que o jornalismo já atravessou, de facto, períodos melhores e menos ensombrados.

## Capítulo IV: A problemática em estudo

### 1. Análise dos resultados: destaque dado aos ‘clubes pequenos’ nas manchetes do jornal Record

No início deste relatório de estágio, propus-me abordar a forma como são destacados os ‘clubes pequenos’ da Primeira Liga de futebol (Liga NOS), que são os que não fazem parte dos três grandes (Benfica, Sporting e FC Porto), nas manchetes do jornal Record. Para esta análise, foram só tidas em conta as informações expostas nas manchetes, sendo que as restantes notícias de capa não foram contabilizadas nem mencionadas em nenhuma das tabelas de resultados dos meses analisados. O meu estágio realizou-se entre 9 de janeiro e 6 de abril de 2017. O campo de observação selecionado foram as manchetes do Record durante esse período.

Primeiramente importa referir o processo de construção da capa do jornal, onde o assunto principal se denomina manchete. Para isso, servirá uma das respostas à entrevista efetuada a Bernardo Ribeiro, diretor adjunto do Record.

*“Há sempre uma equipa que está com o fecho do jornal. Essa equipa faz uma recolha dos títulos mais importantes do jornal e leva-a para uma reunião onde estão membros da direção, chefia e pessoas que estão a fechar o jornal. Às vezes a pessoa que está a fechar o jornal faz uma proposta de um tema e raramente essa proposta não é discutida, a não ser que seja ‘Aimar no Benfica’ e tudo o resto seja menos relevante. Estamos a falar em dias normais. Ontem a primeira ideia era a ‘invasão’ do Benfica a Paços de Ferreira e acabou por ser o ‘Fejsa KO’. Muitas vezes*

---

<sup>9</sup> Informação recolhida no seguinte site: <http://expresso.sapo.pt/economia/2017-04-11-Despedimento-coletivo-de-mais-de-50-pessoas-na-Cofina>. Data de acesso: 10 de maio de 2017.

*a capa muda à última da hora. O quê que acontece na capa? Na edição Norte há uma montagem e na do Sul há outra. Damos mais destaque a clubes do Sul aqui e no Norte aos do Norte. Há quase todos os dias uma capa diferente” (Anexo 1 c), página 87)*

Os resultados serão expostos em quatro tabelas referentes a janeiro, fevereiro, março e abril (janeiro e abril incompletos) e serão analisadas singularmente, com as respectivas contas e asserções retiradas de cada mês específico. Desta forma, será possível entender qual é o espaço concedido aos clubes fora dos três grandes nas manchetes e de que forma é que esse destaque foi dado ao longo dos meses.

Como parâmetros de análise resolvi focar-me em 12 pontos que me pareceram fulcrais para uma melhor percepção desse destaque. Os campos escolhidos foram: transferências, resultados, antevisões, rescaldos, lesões, arbitragens, eleições, questões administrativas, prêmios, estatísticas, renovações e outros.

Antes de proceder à apresentação das tabelas correspondentes aos meses, fica uma definição dos critérios de escolha para cada um dos pontos elencados.

**Rescaldos:** Quando um clube tem mais do que apenas o resultado exposto na manchete. Seja com factos do jogo, um antetítulo, uma informação adicional.

**Antevisão:** Quando aborda o jogo que irá suceder, com dados relativos aos convocados, declarações dos treinadores ou estatísticas, por exemplo.

**Resultado:** Considero resultado quando aparece o marcador numérico (Moreirense 1-1 Estoril, como exemplo) depois do confronto entre duas equipas.

**Questões administrativas:** São assuntos extra-futebol, que estão relacionados com outros órgãos e com matérias externas ao jogo em si, mas que têm ligação aos clubes.

**Arbitragem:** Sempre que, neste caso Marco Ferreira (ex-árbitro português), aparece a fazer referência a lances polémicos na manchete, ou existe destaque concedido à arbitragem no geral por parte dos clubes, com declarações, ou outros exemplos. Neste ponto são considerados ambos os clubes envolvidos no jogo, sejam eles quais forem.

**Transferências:** Quando são cogitadas, confirmadas ou referidas as possibilidades de algum jogador ser transferido (comprado, emprestado ou oferecido) para qualquer clube, proveniente de outro.

**Lesões:** As mazelas dos atletas que são referidas nas manchetes ou os possíveis regressos aos relvados após um período em que estiveram lesionados. Tudo o que envolva a impossibilidade de jogar devido a problemas físicos.

**Estatística:** Quando são referidas efemérides estatísticas com números a ilustrar e marcos numerais como possível futuro.

**Prémios:** Se algum interveniente no meio desportivo for consagrado de alguma forma por alguma entidade ou em alguma gala.

**Renovações:** No caso de haver especulação de renovação ou confirmação da mesma. Seja referente a jogadores, treinadores ou dirigentes.

**Outros:** Todos os restantes temas que não se enquadrarem em nenhuma destas categorias elencadas.

Foram escolhidos como alvo de análise os 18 clubes da Liga NOS 2016/2017, Cristiano Ronaldo e Outros. Cristiano Ronaldo foi escolhido em virtude de fazer manchete algumas vezes e da sua figura ser utilizada para representar a seleção portuguesa de futebol, como símbolo mais representativo do país. No que concerne a “outros”, são todos os clubes, personalidades ou assuntos que não se enquadrem nos 18 clubes da Liga NOS 2016/2017.

Importa ainda referir que todas as manchetes do jornal Record que foram analisadas, correspondem apenas às edições do ‘Sul’, o que significa que, nos dias em que existiu edição ‘Norte’ (uma capa feita especialmente para ser comercializada acima de Coimbra), essa versão não foi contabilizada, visto os destaques serem praticamente iguais, diferindo apenas em alguns clubes destacados na primeira página, dando-se mais enfoque ao V. Guimarães e Sp. Braga, por granjearem de mais adeptos no Norte. No que diz respeito às manchetes, o único ponto onde tem alguma interferência é no FC Porto, que é o principal clube do Norte, não sendo significativo no resultado final, nem nas conclusões retiradas.

## 1.1 Meses em análise (de janeiro a abril de 2017)

### 1.1.1 Mês de janeiro de 2017:

	Transferências	Resultados	Antevisões	Rescaldos	Lesões	Arbitragem	Eleições	Questões Administrativas	Prêmios	Estatísticas	Renovações	Outros	Total de menções
Benfica	14	6	1	6	3	2				7	3	4	46
Sporting	3	4	2	4	1	3	6	5		1	1	4	34
FC Porto													0
Sp. Braga												2	2
Belenenses													0
V. Guimarães		2										2	4
V. Setúbal		2	1	1		1			1			1	7
Feirense		1											1
Marítimo		2				1							3
Nacional		1											1
Moreirense		1		1								1	3
Tondela		3											3
Estoril													0
Rio Ave		1											1
Boavista		2				1						1	4
Chaves		3	1									1	5
Paços de Ferreira		2	1			1							4
Arouca		2											2
Cristiano Ronaldo									1	1			2
Outros		2											2

Figura 3 - Menções nas manchetes no mês de janeiro (9 a 13)

Janeiro foi o mês de início do meu estágio, dia 9 para ser mais preciso. Este mês é também diferente dos restantes, visto estar aberto o mercado de transferências de inverno, onde os clubes podem comprar e vender jogadores do dia 1 até dia 31 de janeiro (inclusive). Dessa forma, seria expectável ver mais referências a transferências nas manchetes, algo que não aconteceu, sendo o Benfica (14) e o Sporting (3) os únicos clubes com esse tipo de menção.

O clube do lote dos 15 que acabou por se destacar mais em termos de menção nas manchetes foi o V. Setúbal, um dos com mais peso a Sul, como foi mencionado pelo editor da secção de Futebol Nacional, Nuno Miguel Ferreira, na sua entrevista. “*Sim. Há clubes que têm mais importância para nós. No nosso caso é o V. Setúbal e o Belenenses*” (Anexo 1 b), página 83), por esse motivo, não é de estranhar que os sadinos tenham sido a equipa fora dos três grandes mais mencionada, contando com 7 referências nas manchetes. Um dos aspetos que fez com que o Vitória de Setúbal tivesse este destaque, foi o jogo frente ao Benfica, que acabou por vencer, causando choque e surpresa no futebol português (Anexo 3 a), página 93). Isso valeu um rescaldo, referência estatística e uma menção em ‘outros’.

Os restantes clubes foram mencionados sobretudo em resultados dos seus jogos, que surgiram a maior parte das vezes nos cantos inferiores das manchetes. No que concerne aos rescaldos, só V.Setúbal e Moreirense tiveram direito a esse tipo de menção, não se ficando apenas pelos números do resultado. As antevisões correspondem também sempre a jogos com os grandes, mas apenas V.Setúbal, Chaves e Paços de Ferreira foram alvo dessa distinção. Importa ainda referir que, em assuntos como lesões, questões administrativas, eleições, prémios, transferências e renovações, os clubes ‘pequenos’ não tiveram qualquer referência ao longo dos 23 dias de janeiro que foram contabilizados, o que demonstra que estas temáticas são levadas para um plano secundário e que não têm direito a espaço nas manchetes por não serem relevantes o suficiente, segundo a direção do jornal Record. Quando o campo está relacionado com arbitragens, os clubes fora dos três grandes só são referidos quando jogam com Benfica, Sporting e FC Porto, daí todas as menções referentes a este assunto estarem ligadas a um desses clubes.

Existe um ponto muito importante neste mês de janeiro, talvez o mais importante de todos os meses analisados. O Moreirense venceu a Taça da Liga pela primeira vez na sua história no dia 29 e, mesmo tendo vencido um troféu nacional e ter-se sagrado “campeão de inverno”, não dispôs de qualquer espaço na manchete do Record, ficando apenas com o espaço de cima da capa (Anexo 3 b), página 94). O diretor adjunto, Bernardo Ribeiro, afirma que foi apenas uma questão comercial.

*“[relativo ao Moreirense não ter sido manchete depois da vitória na Taça da Liga] Claramente comercial. O Moreirense fez um grande feito e demos-lhe um espaço que só damos quando temos duas notícias muito importantes, ocupando um espaço de relevo no jornal. O mais caro em termos de publicidade. Em termos de capa continuamos a achar que devíamos optar por outro assunto, que vendesse mais” (Anexo 1 c), página 87).*

Esta é uma razão evocada que servirá, muito certamente, para justificar todas as ausências dos clubes pequenos das manchetes do jornal. O critério de noticiabilidade não foi nem o da imprevisibilidade, nem o da relevância, que neste caso não é relativa, se tivermos em consideração que este jornal retrata – quase sempre – o futebol português nas suas manchetes e este foi o momento mais importante para o desporto nessa altura. Porém, Critcher (1987) fala de um critério de noticiabilidade muito presente no desporto e, sobretudo, na imprensa desportiva portuguesa: a presença da elite. Fazendo a alusão ao futebol nacional, a elite será sempre qualquer um dos três clubes maiores e os restantes são relegados para um segundo plano. O grande problema é quando este critério de noticiabilidade se torna um dos mais em foco.

Excetuando as menções referentes a resultados, os clubes fora dos três grandes não granjearam de muito mais destaque. O Belenenses e o Estoril não foram mencionados por nenhuma vez nas manchetes deste mês, contudo, isso só se verificou visto terem tido algumas chamadas de capa, que permitiram que fossem referenciados, mas fora das manchetes. O FC Porto também não foi referido, tal só se verificou porque existe – como suprarreferido – uma edição Norte, onde são várias vezes manchete.

No que diz respeito ao Benfica e Sporting, os dois dos três maiores clubes portugueses, foram os ‘reis’ das menções, tendo sido referidos 46 e 34 vezes, respetivamente. Os assuntos pelos quais foram destacados foram vários, não se cingindo apenas a antevisões e rescaldos de jogos, havendo referências a várias matérias fora do jogo em si. Números muito distantes de qualquer um dos outros 16 clubes ou mesmo de Cristiano Ronaldo, que foi manchete quando venceu o prémio de melhor jogador do mundo para a FIFA.

### 1.1.2 Mês de fevereiro de 2017:

	Transferências	Resultados	Antevisões	Rescaldos	Lesões	Arbitragem	Eleições	Questões Administrativas	Prémios	Estatísticas	Renovações	Outros	Total de menções
Benfica	4	5	3	5	4	7		3	1	8	3	6	49
Sporting	6	4	2	4	1	1	5	4		4	1	6	38
FC Porto		3	1	3	1	1				2		3	14
Sp. Braga		1	1	1	1	1							5
Belenenses		3										1	4
V. Guimarães		3											3
V. Setúbal		2					1						3
Feirense		1										1	2
Marítimo							1					1	2
Nacional		2											2
Moreirense		2											2
Tondela		2					1						3
Estoril		2					1						3
Rio Ave		1											1
Boavista		2					1						3
Chaves		3					1					1	5
Paços de Ferreira		2	2									1	5
Arouca		1	3	1				1					6
Cristiano Ronaldo													0
Outros		2	1	2								1	6

Figura 4 - Menções nas manchetes no mês de fevereiro

O mês de fevereiro foi o primeiro completo que fiz enquanto estagiário do Record e o primeiro contabilizado de forma total. Fevereiro coincide com o fecho do mercado de transferências de inverno (encerra no dia 1), mas nem por isso se deixaram de fazer alusões a movimentações no mercado futebolístico. Além de Sporting e Benfica (4 e 6

menções, respetivamente), também o Paços de Ferreira e o Arouca se imiscuíram neste ponto que costuma ser associado a clubes grandes. O Paços de Ferreira viu o seu jogador Whelton ser referenciado para o Sporting por duas vezes e o Arouca viu mencionada a transferência do seu treinador, Lito Vidigal, para Israel, logo após o jogo frente ao Benfica. O facto de todas as três menções (Paços de Ferreira 2 e Arouca 1) terem ligações aos grandes, leva-nos a concluir que caso não existissem estas conexões, os clubes não viriam referenciados nas manchetes, sendo que o destaque está umbilicalmente ligado ao Benfica e Sporting.

Todos os clubes foram alvo de referência neste mês, ao contrário do que aconteceu em janeiro. A maior parte viu apenas os seus resultados expostos em manchete, mas existiram algumas exceções. O Braga teve uma atenção especial, tanto pelo sucesso de que vem alcançando nos últimos tempos e que tem destacado o clube como a quarta maior potência nacional (tendo em conta apenas a atualidade), como pelo crescimento da instituição e dos adeptos. Referência a lesões, antevisões e rescaldo são temáticas que costumam estar associadas apenas ao Benfica, Sporting e FC Porto, o que demonstra algum destaque relativo aos outros clubes. Porém, este mês foi profícuo em destaques surpresa e um deles foi o Arouca, que foi o clube fora dos três grandes que foi mencionado mais vezes nas manchetes (6) e que estreou um assunto no que concerne a clubes mais pequenos: questões administrativas. O Arouca teve direito a uma manchete dividida com o Sporting quando foram tomadas decisões relativamente à polémica que existiu entre os presidentes dos dois clubes no túnel de Alvalade (Bruno Carvalho terá alegadamente cuspidado no presidente do Arouca, Carlos Pinho). Mais uma vez é de salientar a presença de um emblema com mais prestígio, quase como muleta para o destaque.

As questões relativas às arbitragens foram muito visadas nesta edição de 2016/2017 da Liga NOS e o mês de fevereiro foi um bom exemplo disso. 10 clubes tiveram menções neste campo, mas sempre associados a Benfica, Sporting, FC Porto e aos seus jogos. No jornal Record esse destaque era dado de algumas formas: ou com queixas dos treinadores (declarações), ou com o escrutínio de lances polémicos por parte do especialista do jornal em arbitragens (o ex-árbitro, Marco Ferreira) ou através de *frames* dos lances que pudessem ser suscetíveis a ser considerados erros por parte do árbitro. Muito destaque se deu ao longo dos 28 dias a um tema que vai tendo cada vez mais impacto no futebol português e, como tal, torna-se mais comercial para o jornal que aborda esses assuntos.

Por fim, houve destaque dado a outros clubes fora de Portugal, mas sempre com ligações ao nosso país. Seja o Manchester United de Mourinho, o Hull City de Marco Silva, o Real Madrid de Cristiano Ronaldo ou o Monaco de Leonardo Jardim. A estes clubes e personalidades desportivas juntaram-se também os adversários de Benfica e FC Porto na Liga dos Campeões.

Benfica e Sporting voltaram a ser, sem surpresas, os clubes mais vezes representados nas manchetes de fevereiro. Os assuntos em que foram mencionados variaram bastante, sendo que o Sporting (38 menções) ocupou todos os temas na tabela. O Benfica (49 menções), por seu lado, só não foi referido quando o tema eram as “eleições”, visto as suas estarem longe desta data, ao contrário das do Sporting, que seriam a 4 de março.

### 1.1.3 Mês de março de 2017:

	Transferências	Resultados	Antevisionões	Rescaldos	Lesões	Arbitragem	Eleições	Questões Administrativas	Prémios	Estatísticas	Renovações	Outros	Total de menções
Benfica	4	5	8	5	7	5		3	2	3	3	19	64
Sporting	1	2	1	2		3	3	4		2		6	24
FC Porto	1	2	3	2		1				1		1	11
Sp. Braga		1		1								1	3
Belenenses		1	1									1	3
V. Guimarães		1	1	1									3
V. Setúbal		1		1		1							3
Feirense		1											1
Marítimo													0
Nacional		2											2
Moreirense													0
Tondela		1	1			1							3
Estoril		2			1								3
Rio Ave													0
Boavista		1											1
Chaves			1										1
Paços de Ferreira	1	2	1			1							5
Arouca		1											1
Cristiano Ronaldo		1	1	1								1	4
Outros		2	2	2		1		1				1	9

Figura 5 - Menções nas manchetes no mês de março

O mês de março, por ser o maior dos analisados, é também o que contém mais menções e mais manchetes vistas. No entanto, isso não coincide com um maior número de referências aos clubes pequenos, pelo contrário. Se compararmos março com fevereiro podemos observar que nenhum clube fora dos três grandes chegou às 6 menções do Arouca no mês passado ou houve sequer três equipas com 5 menções. O que é possível verificar é que o Benfica aumentou consideravelmente o número de vezes em que foi referido nas manchetes (passou de 49 para 64) e os restantes grandes números (ainda assim inferiores ao do Benfica) couberam ao Sporting (24) e ao FC Porto (11). Esta



assimetria é demasiado elevada para ter apenas um fator que permita percebê-la. As notícias de lesões (7), prémios (2) e as referentes a outros (19) são os únicos número que saem da normalidade, no que concerne ao Benfica, tudo o resto não difere muito do mês anterior.

Mais uma vez as transferências de jogadores voltam a ser tema de manchete, com Whelton do Paços de Ferreira a ser o jogador em destaque, uma vez que foi referenciado tanto para o FC Porto, como para o Sporting. O facto de se continuar a ver referências a possíveis transferências de jogadores nas manchetes do jornal, demonstra que os rumores, e mesmo a confirmação da movimentação de atletas, continuam a ser uma das temáticas mais vendáveis e apetecíveis para qualquer publicação desportiva. Excetuando a denominada *silly season*, altura em que os mercados de transferências de jogadores estão abertos (de 1 de janeiro a 1 de fevereiro e de 1 de junho a 1 de setembro) e as manchetes se enchem de especulações relativas a contratações, os outros meses vão tendo sempre algum tónico de movimentações do mercado, de forma a aguçar a curiosidade do leitor.

Este mês ficou também marcado por terem sido feitas mais antevisões em manchete do que nos meses anteriores. Quase todas elas associadas a jogos frente aos grandes, excetuando o encontro da Taça de Portugal que opôs o Chaves ao V. Guimarães e teve direito a uma menção e algum, ainda que pequeno, destaque. A única estreia relativamente a assuntos que ainda não tinham sido abordados no que diz respeito aos clubes pequenos, foram as “lesões”, neste caso referentes ao Estoril. As lesões têm sempre uma conotação negativa, logo, excetuando em casos graves ou em psicossomáticos, não são um dos assuntos mais utilizados em termos de manchete.

Outro dos temas que não é nada vendável são as derrotas, neste caso, dos grandes ou, por outro lado, as vitórias dos pequenos. Quem o confirma é Bernardo Ribeiro, diretor adjunto do Record. “*Nos jornais de dia de jogos as derrotas não são muito comerciais*” (Anexo 1 c), página 87). Desta forma, nota-se que o Record opta sempre por ‘fugir’ aos desaires de Benfica, Sporting e FC Porto, procurando destacar outro clube que não tenha perdido, ou factos referentes a outros temas que não a derrota. Mais uma vez se pode aferir que os clubes que estão fora deste triângulo são tratados completamente como danos colaterais e quando se define a manchete vê-se sempre na perspectiva do que vende, neste caso, os grandes. Citando Bernardo Ribeiro, diretor-adjunto do Record:

“*A capa é um exercício formulado por quem está à frente do jornal a pensar ‘como é que eu vou tentar vender este jornal?’. Um pouco como alguém que tem uma frutaria e escolhe o sítio da fruta. Aí há a arma do preço, nós não podemos fazer isso. Às vezes há notícias muito importantes, relacionadas com a Liga de Clubes ou o TAD (Tribunal Arbitral do Desporto), mas*

*não vamos fazer manchete com isso. Contudo, as notícias estão lá, continuamos a ter estórias giras. Nem tudo pode ir à capa, é um exercício muito difícil, de quase adivinhação”* (Anexo 1 c), página 86)

Analisando os restantes parâmetros deste mês, é possível ainda salientar os vários jogos das competições europeias que tiveram referência nas manchetes e não só de equipas portuguesas. Voltaram a existir várias menções às arbitragens, mais uma vez ligadas aos jogos com os grandes, não existindo qualquer referência a erros do árbitro quando o jogo é entre clubes menos poderosos. Por fim, destacar ainda que as referências a resultados voltaram a ser as que mais representaram os clubes pequenos nas manchetes, como foi apanágio nos meses já analisados.

#### 1.1.4 Mês de abril de 2017:

	Transferêr	Resultado	Antevisõe	Rescaldos	Lesões	Arbitrager	Eleições	Questões	Prémios	Estatística	Renovaçõ	Outros	Total de menções
Benfica	1	2	2	2	2	1		2		3		4	19
Sporting		1	1	1	2					1		1	7
FC Porto		1	1	1		1				1		2	7
Sp. Braga		1		1									2
Belenenses		1											1
V. Guimarães													0
V. Setúbal		1											1
Feirense		1											1
Marítimo		1		1									2
Nacional													0
Moreirense		1											1
Tondela													0
Estoril		1	1	1									3
Rio Ave													0
Boavista													0
Chaves													0
Paços de Ferreira													0
Arouca		1											1
Cristiano													0
Ronaldo													0
Outros													0

Figura 6 - Menções nas manchetes o mês de abril

O mês de abril foi o último mês do meu estágio no Record e também o mais curto de se analisar, visto só ter ficado na redação até ao dia 6. Apesar de ter sido um mês com poucas manchetes vistas, o certo é que teve alguns motivos de interesse. A começar, logo no dia 1, o clássico entre Benfica e FC Porto monopolizou toda a atenção no dia do jogo e no dia a seguir, dando pouco espaço a qualquer outra notícia que pudesse ser considerada importante. O Sporting, por sua vez, teve direito a destaque dois dias após o clássico entre os seus dois rivais.

Quanto aos ‘clubes pequenos’, o Braga e o Marítimo tiveram direito a uma frase de rescaldo na manchete, num jogo de loucos que ficou 3-3 depois dos madeirenses terem estado a perder por 3-0. Contudo, esse destaque só aconteceu em virtude da luta pela Liga Europa (4º e 5º lugar) estar ao rubro entre os clubes do Minho (V. Guimarães e Braga) e esse foi o motivo escolhido para dar um lugar acima de todos os restantes. Desta vez as questões de arbitragens foram remetidas só para o jogo entre grandes e os resultados voltaram a ser o que fez aparecer o nome dos clubes mais vezes em manchete.

O único caso mais curioso, é o do Estoril. Depois de terem perdido 3-1 em casa na 1ª mão das meias-finais da Taça de Portugal, a equipa da linha de Cascais foi defrontar o Benfica, no Estádio da Luz, discutindo a presença na final. Os 3-3 que quase resultaram na eliminação da equipa da casa, valeram uma antevisão (anterior ao jogo) e um rescaldo ao Estoril, que assim é, de longe, o clube que mais se destacou entre os 15, os “outros” e Cristiano Ronaldo, alcançando as 3 menções.

As transferências, por seu turno, voltam a mostrar que são um dos temas mais interessantes quando o objetivo é vender a capa, mas mais precisamente a manchete, como uma montra. Existe sempre o interesse do público nos rumores e a curiosidade, que pode alcançar o público através do valor-notícia da novidade, ou mesmo do *fait divers* (Fontcuberta, 1996) sem grande credibilidade. O Benfica voltou a ser o clube referido no que concerne a possíveis contratações.

Importa referir que não é só o desporto que ganha com a exposição, também os *media* ganham com o fenómeno do desporto (Rowe, 2004). Além da audiência, também a publicidade que daí advém e os fiéis seguidores que se fidelizam aos canais, jornais ou estações de rádio, mediante os programas desportivos. Essa fidelidade é uma das grandes valências que o desporto proporciona aos *media*, gerando assim receitas, tão importantes nesta era em que o jornalismo é cada vez mais assente na vertente comercial. São esses fiéis seguidores e esses lucros que a empresa Cofina retira disso, um dos motivos que faz com que o jornal Record se centre, essencialmente, nestes três clubes.

## Considerações finais

Após ter procedido à análise de 88 manchetes do jornal Record, já é possível entender alguns pontos no que concerne à atenção e ao destaque concedido aos clubes que não se confinam às três maiores potências desportivas portuguesas (Benfica, Sporting e FC Porto). Que os três grandes granjeavam de um maior destaque, atenção e espaço ocupado do que todos os restantes, já acabava por ser senso comum, porque tal como João Rosado referiu: *“Portugal está apaixonado pelos três grandes”*<sup>10</sup>. Essa paixão, corroborada por jornalistas, comentadores, espectadores e próprios editores de jornais, move um país em torno de três clubes que, tal e qual eucaliptos, secam a atenção noticiosa dos restantes. Onde ficam os restantes 15 clubes da Primeira Liga Portuguesa (Liga NOS)? Remetidos a um espaço reduzido na capa, mesmo com uma estória cativante, recordista ou surpreendente, como sublinha Bernardo Ribeiro. *“Tem muito a ver com a notícia, se for um treinador, a contratação de um jogador reconhecido ou uma história rocambolesca, tem tudo muito a ver com o valor-notícia. Se for um drama, até pode ser o Vilaverdense. Um drama qualquer, ou uma história de ressurreição, por exemplo”* (Anexo 1 c), página 87). O diretor adjunto, afiança que os dramas dão histórias vendáveis e que, no caso do Record, é do que mais se privilegia. Mas esse drama de que se fala, não caberá só aos grandes? A única manchete com algum suposto ‘dramatismo’ associado durante os meus três meses de estágio foi a última, do dia 6 de abril, que tinha Abel Braga (ex-jogador e atual treinador) a comentar a operação “Jogo Duplo” (caso de apostas desportivas ilegais entre os intervenientes nos respetivos jogos) de uma forma algo dramática e como se se estivesse a desculpabilizar (Anexo 3 d), página 96). Além desta manchete, apenas outra, que foi referida por Bernardo Ribeiro, do suplemento “Record Mais”.

*“No primeiro número do Record Mais [suplemento que surgiu no jornal no meu período de estágio] fizemos uma entrevista à mãe do Féher. Quando tens um conteúdo tão forte como aquele, vais ter de chamar aquilo à capa. É uma coisa marcante que queres chamar à capa. Não tem a ver com o Benfica, tem a ver com uma queda que deu uma morte trágica em Guimarães”* (Anexo 1 c), página 87).

A maior parte do que se verifica nas manchetes são assuntos pouco passíveis de ser questionados ou dos quais o público possa ter uma opinião suscetível de os fazer não

---

<sup>10</sup> Durante uma sessão da unidade curricular de Seminários Temáticos em Jornalismo a 25 de outubro de 2016

comprar o jornal. No caos que em que está envolto o futebol português, com polémicas extra-relvado, matérias de foro judicial e troca de acusações em todos os meios mediáticos, o desporto propriamente dito fica relegado quase que a um plano secundário no valor-notícia adotado pelas publicações, privilegiando-se sempre a vertente sensacionalista e que apela à revolta.

A objetividade jornalística, no caso das manchetes, é expressa quando o interesse comercial e fatores externos ao quotidiano jornalístico se impõem e ditam outras regras na escolha dos assuntos que devem surgir em destaque. Segundo Cornu (1994), o jornalista não tem de se coibir de fazer juízos de valor e não é isso que lhe retira a objetividade, visto ser parte integrante do processo da procura pela verdade, o que afeta a verdade é a *“imposição de uma grelha coercitiva que aspirasse à verdade e teria inevitavelmente por efeito amputar a realidade, maltratar os factos”* (Cornu, 1994: 358). Este é sim o grande entrave a essa procura pela verdade, a imposição de uma ideologia vincada (o autor denomina-a de segundo grau) e prévia que tem implicações na procura pela verdade (e na conseqüente objetividade). Isto acontece uma vez que o preconceito fará com que se ignorem certos factos em detrimento de outros e exista assim uma visão mais afunilada da realidade.

São os constrangimentos que surgem ligados às ideologias de segundo grau de Cornu (1994), aos quais os jornalistas estão sujeitos e os molda na forma de atuar e de transcrever a realidade tal como ela é. Tal como Estrela Serrano (2006: 24) afirma *“as ‘janelas’ que os media abrem sobre o mundo são, antes, um reflexo da sua própria construção da realidade, que resulta de interações com as fontes e com os públicos”*. E estas janelas que servem de entrada para um mundo que é o jornal e as notícias tão formadoras de opinião pública e que moldam tanto a realidade, são das mais importantes. *“A condição humana é apontada como primeira limitação à capacidade de informar com rigor e independência”* (Sobral e Magalhães, 1999: 19).

O rigor existe no Record, as fontes são usualmente confirmadas e excetuando as manchetes com rumores de transferências, a maior parte assenta em rescaldos, antevisões, resultados, estatísticas ou outros, como declarações de treinadores. É uma forma de usar o escudo da objetividade (Tuchman, 1993) e defender o jornal de más interpretações ou críticas à subjetividade sempre inerente ao jornalista enquanto investigador (Cornu, 1994: 370). O facto de vivermos numa era de predomínio do digital em que o trabalho do jornalista está mais exposto às condicionantes sociais e aberto – pelo menos em teoria – à crítica, num meio sem autorregulação, é cada vez mais difícil discernir o que são

opiniões estruturadas relativas ao trabalho jornalístico, que é sempre passível de ser criticado, ou meras críticas toldadas pela preferência clubística.

Os clubes pequenos não têm qualquer espaço nas manchetes. Os resultados com o seu nome aparecem quase por uma questão de inevitabilidade em termos de espaço ou de beleza estética. O jornalismo comercial assente numa valorização do lucro e do sensacionalismo em vez da partilha de estórias diferentes e diversificadas, faz com que se desvalorize o que não atrai as massas, que se relegue para um segundo plano tudo aquilo que não for polémico ou que se engradeça os clubes que geram mais atenção mediática. Se por um lado é perceptível que se queira valorizar o jornal e vender o mais possível, por outro não é compreensível que não se dê atenção a conquistas quando não são o Benfica, Sporting ou FC Porto ou que se deixe cair no esquecimento feitos e glórias de clubes que não possuam uma falange de apoiantes tão grande, mas vão sendo bem-sucedidos no que realmente importa neste caso: o desporto. Bernardo Ribeiro, diretor-adjunto do Record, defende que o jornalista atual tem de se preocupar com o futuro da sua profissão, que está e estará intrinsecamente ligada ao sucesso financeiro da publicação onde trabalham.

*“Os jornais não são produtos que vivam de subsídios estatais. Sem ser a Santa Casa da Misericórdia e as ONG, tudo o resto são negócios. Os jornais são negócios, são investimentos pagos por alguém. Não podes dissociar isso. A Cofina, a Impresa, tudo isso. Os jornais que perdem dinheiro constantemente, fecham. Os jornais que estão com mais dificuldades financeiras estão mais dependentes de compromissos que nada têm a ver com a verdade, porque se estão abertos e não dão lucro, estão abertos por outras razões. Não lhe chamaria jornalismo comercial, todo o jornalismo é comercial. Podes falar de outros projetos baseados no jornalista cidadão (...) Hoje, o jornalista em cargos de direção que não se preocupar com o futuro da sua profissão e que não tenha atenção às contas da empresa e a se o patrão consegue pagar o seu salário, não consegue manter-se”(Anexo 1 c),página 86)*

Esta perspetiva de quem faz parte da direção de um jornal diário, demonstra o rumo que se está a seguir e vinca que o principal critério de noticiabilidade será sempre aquele que gerar mais lucro e cuja incidência será sempre relativa aos três principais clubes portugueses. Os clubes que não granjeiam de tanto historial, que não têm uma massa adepta tão forte ou que não reúnem tanta celeuma na esfera mediática, são relegados para um plano de insignificância informativa, mesmo que tenham conquistado feitos dignos de relevo noticioso e de destaque na manchete do jornal. Conclui-se, assim, que os critérios de noticiabilidade clássicos e a objetividade do jornalista não são princípios orientadores de uma prática jornalística diária, chegando os valores-notícia de relevância e de novidade a ser substituídos por *psicossomáticos* ou informações repetidas de vários dias.

## Bibliografia

- BOYLE, Raymond (2006) *Sports Journalism – Context and issues*. Londres: Sage Publications Ltd.
- CASTANHEIRA, José Pedro (2004) *No Reino do Anonimato. Estudo sobre o Jornalismo Online*. Coimbra: Edições MinervaCoimbra.
- CANAVILHAS, João Manuel Messias (2006) Do Jornalismo online ao webjornalismo: formação para a mudança. *Comunicação e Sociedade*, vol. 9-10, 2006, pp. 113-119.
- COELHO, João Nuno (2001) *Portugal a equipa de todos nós – Nacionalismo, Futebol e Media*, 1ª edição, Porto: Edições Afrontamento.
- CORREIA, João Carlos (2011) *O Admirável Mundo das Notícias – Teorias e Métodos*. Covilhã: LabCom 2011.
- CORNU, Daniel. (1994) *Jornalismo e Verdade: Para Uma Ética da Informação*. Lisboa: Labor et Fides.
- CRITCHER, Chas (1987). Media spectacles: sport and mass communication. In: CASHDAN, Asher, JORDIN, Martin (Org.) *Studies in Communication*. Nova Iorque. Basil Blackwell Ltd.
- CROLLEY, Liz, HAND, David (2002.) *Football Europe and the Press*. Londres: Frank Cass Publishers.
- DANIEL, Carlos (2006) *Entre a paixão e o rigor*. In. SERRANO, Estrela e PEREIRA, Sara (Org.). *TV do Futebol*. Porto: Campo das Letras.
- FAUSTINO, Paulo (2004) *A imprensa em Portugal: Transformações e Tendências*. Lisboa: Media XXI.
- FONTCUBERTA, Mar (1996) *La Noticia – Pistas para percibir el mundo*. Barcelona: Paidós.
- HENRIQUES, Tatiana Raquel Correia (2014) *Jornalismo desportivo em Portugal: notícia ou especulação? Análise das fontes nos diários "O Jogo", "A Bola" e "Record"*. Tese de Mestrado, Universidade do Minho.
- KOVACH, Bill, ROSENTIEL, Tom (2007) *The Elements Of Journalism*. Nova Iorque: Three Rivers Press.
- LOPES, Felisbela e PEREIRA, Sara (Org.) (2006) *Tv do Futebol*. Porto: Campo das Letras.

MARTINS, Carla (2005) A Objectividade Como «Dever Referencial» dos Jornalistas. *Caleidoscópio Revista de Comunicação e Cultura – Territórios do Jornalismo*. Lisboa: Edições Universitárias Lusofona, pp. 143-155.

MESQUITA, Mário (2004) *O Quarto Equívoco – O Poder Dos Media Na Sociedade Contemporânea*. 2ª edição, Coimbra: MinervaCoimbra.

MOLOTCH, Harvey e LESTER, Marilyn (1993). As notícias como Procedimento Intencional: Acerca do Uso Estratégico de Acontecimentos de Rotina, Acidentes e Escândalos. In: TRAQUINA, Nélon (Org.). *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*. 1ª edição, Lisboa: Vega.

NICHOLSON, Matthew *et al* (2015) *Sport and the media. Managing the nexus*. 2ª edição, Nova Iorque: Routledge.

PINHEIRO, Francisco (2006) *A Europa e Portugal na Imprensa Desportiva (1893-1945)*. Coimbra: MinervaCoimbra.

RODRIGUES, Adriano Duarte (1993). O Acontecimento. In: TRAQUINA, Nélon (Org.). *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*. 1ª edição, Lisboa: Vega.

ROWE, David (2004) *Sport, Culture and the Media*. 2ª edição, Berkshire: Open University Press.

SERRANO, Estrela (2006) *Para Compreender o Jornalismo – O Diário de Notícias visto pela provedora dos leitores (2001-2004)*. Coimbra: MinervaCoimbra.

SHAW, George Bernard (2000) *Man and Superman*. Inglaterra: Penguin Classics.

SOBRAL, Luís, MAGALHÃES, Pedro (1999) *Introdução ao Jornalismo Desportivo*. Lisboa: Cenjor.

SOUSA, Jorge Pedro (1998) *Fotojornalismo performativo : o serviço de fotonotícia da Agência Lusa de Informação*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.

SOUSA, Jorge Pedro (2001) *Elementos do Jornalismo Impresso*. *Biblioteca on-line de ciências da comunicação*. [Internet] Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>. Consultado a 20/11/2016.

SOUSA, Jorge Pedro (2001) *Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia*. *Biblioteca on-line de ciências da comunicação*. [Internet] Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>. Consultado a 20/11/2016.



TRAGER, Robert e DICKERSON, Donna L. (1999) *Freedom of Expression in the 21st Century*. California: Pine Forge Press.

TRAQUINA, Nélson (1993). As Notícias. In: TRAQUINA, Nélson (Org.). *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"*, 1ª edição, Lisboa: Veja.

TUCHMAN, Gaye (1993). A objectividade como ritual estratégico: uma análise de noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nélson (Org.). *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"*. 1ª edição, Lisboa: Vega.

VAN DIJK, Jan (1999) *The Network Society*. Londres: Sage Publications Ltd.

VAN DIJK, Teun Adrianus (1990) - *La noticia como discurso. Comprensión, estructura y producción de la información*. Barcelona: Paidós.

WHITE, David Manning (1993) O gatekeeper: uma análise de caso na selecção de notícias. In: TRAQUINA, Nélson (Org.). *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"*. 1ª edição, Lisboa: Vega.

WOLF, Mauro (2006) *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editorial Presença.

### **Bibliografia digital:**

Opa sobre Investec. (1999, 7 de agosto). Jornal de Negócios. <http://www.jornaldenegocios.pt/empresas/detalhe/cofina-e-bpi-lancam-opa-sobre-a-investec>.

Expresso jornal mais vendido. (2017, 27 de abril). Expresso. <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2017-04-27-Expresso-torna-se-o-jornal-mais-vendido-em-Portugal>.

Prémio Record *Online*. (2017, 8 de maio). Record. <http://www.record.pt/fora-de-campo/detalhe/record-distinguido-com-premio-online-do-cnid.html>.

Ficha técnica Record. (2015, 26 de novembro). Record. <http://www.record.pt/ficha-tecnica/detalhe/20151126-1605-ficha-tecnica.html>.

Estagiários não podem assinar notícias. (2014, 4 de julho). Público. <https://www.publico.pt/2014/07/04/sociedade/noticia/jornais-que-publicuem-textos-assinados-por-estagiarios-ariscam-multa-1661566>.

Finta filho de Zidane (conteúdo multimédia). (2017, 7 de fevereiro). Record. <http://www.record.pt/multimedia/detalhe/filho-de-zidane-fez-das-dele-e-adversario-ainda-esta-a-procurar-dos-rins.html>.

Despedimentos Cofina. (2017, 11 de abril). Expresso. <http://expresso.sapo.pt/economia/2017-04-11-Despedimento-coletivo-de-mais-de-50-pessoas-na-Cofina>.

# **Anexos**

## 1. Entrevistas exploratórias:

Anexo 1 a).

**Sofia Lobato, Editora do *Online*, no jornal Record:**

**António (A) – Como é que chegaste a editora da secção online do jornal Record?**

**Sofia Lobato (S)** – Licenciiei-me na FCSH, em Ciências da Comunicação e fui fazer um estágio curricular para a TSF. Acabei esse estágio e entrei para uma revista de desporto chamada ‘Doze’, era semanal. Estive nessa revista desde o número 2 até ao último. Fechou em 2004, já depois do Euro2004. Fiquei de janeiro de 2003 a agosto de 2004. Chamaram-me para o Record em janeiro de 2005. Entrei para a editoria de *people*, que albergava as categorias de televisão, famosos, fora de campo. Tínhamos 3 páginas diárias na altura: uma de notícias generalistas, outra de raparigas e outra de televisão. Era uma secção pequena. Passado um ano passei a editar a secção, isto em 2005/2006. Passei para as modalidades em 2008, onde estive um ano como editora, até 2009 ter passado para o online e ter ficado como editora no online.

**A – Mudaste de função no online ou ficaste sempre como editora?**

**S** – Não. Ia como editora e assim fiquei. Houve um período de adaptação ao online, uma vez que estava habituada ao papel, mas não mudei de estatuto.

**A – Quais é que foram as principais diferenças que notaste em relação ao jornal físico e o online?**

**S** – O online é o imediato. Os objetivos que tínhamos em 2010 são diferentes dos que temos agora. Agora estamos muito agarrados às redes sociais, mais ‘dependentes’ disso. Na altura dependíamos mais do jornal do que dependemos hoje. Sempre produzimos muitos conteúdos, mas é muito diferente do que é hoje. Sobretudo a nível multimédia, de fotogalerias e vídeos. Houve uma evolução para mais conteúdos multimédia acompanhando o gosto do leitor. A principal diferença é mesmo na rapidez. Num jornal tens um dia para preparar tudo, escrever, esperar que o editor leia, que a chefia leia, que seja corrigido, dá mais tempo para pensar. No online é tudo ‘para ontem’.

**A - A diferença é sobretudo na rapidez, então?**

**S** – E na possibilidade de fazeres mais conteúdos, mais diversos e diferentes. Dá para várias coisas com o mesmo conteúdo do papel para o online. Para mim, nesta altura, ir para o papel seria dar dez passos atrás.

**A – Em termos de destaques no online (as manchetes) há diferenças em relação ao que ‘abre’ o *site* e o que ‘abre’ o jornal?**

S – Absolutamente. Às vezes escolho simples apoios de uma peça de apoio do Benfica no jornal para abrir o *site*. A linguagem que usamos no online é muito diferente da do papel. Sobretudo a nível de títulos. Um título do papel raras vezes funciona no online. Ainda hoje tens o ‘Génio de Bast Dost’ e isso no online daria zero. No online ofereces primeiro a fatia ao leitor para ver, ao contrário do papel, em que lhe dás logo tudo. De manhã tentamos que o que abre o *site* seja a manchete do jornal, mas acontece cada vez menos isso.

**A – Qual é o espaço dos clubes fora dos três grandes de aparecer nas manchetes do online?**

S – Depende de muita coisa. Ontem uma conferência do Quim Machado a falar do Benfica, em que disse que queria ser ‘abertura de telejornal’ deu bastantes *pageviews*. E porquê? Porque o Belenenses vai jogar contra o Benfica e a frase foi forte. A maior parte das vezes é aliado aos grandes e a algum escândalo.

**A – Então esse destaque é concedido porquê?**

S – Era o que te estava a dizer. Depende de vários fatores, ou é porque jogam com os grandes, ou é porque têm uma contratação sonante, ou por estórias que os leitores ainda querem ler ou por escândalos e falcatruas.

**A – O papel seguirá o mesmo rumo em termos desse destaque?**

S – Quando analisares as manchetes perceberás isso. Ou és um rodapé porque jogas com o Benfica, ou porque contratas um bom jogador, ou há novamente um escândalo. O valor de notícia é igual nos dois. Mais facilmente és capaz de ver um Belenenses em manchete no *site* do que no jornal. Possivelmente o destaque que dei ao Quim Machado será uma coluna ou duas no jornal.

**A – Falando do Record: como funciona esta máquina, na parte de edição de jornal?**

S – Há uma reunião prévia de manhã onde estão os editores de Benfica e Sporting e depois tens uma à tarde onde estão presentes todos os editores, onde cada um diz o que tem para o dia. No online raramente está nessas reuniões. São mais ou menos designadas as páginas para cada um e são feitos os ajustes em termos de páginas que cada um precisa, mas nada está fechado, vai-se mudando ao longo do dia, consoante as notícias que vão chegando. Quando os editores fecham certa página avisam a revisão, a revisão vê e

disponibiliza para o revisor ver e depois vai para a chefia. Quando a chefia vê a página, envia para a gráfica e está feito.

**A – Em termos de Cofina como empresa detentora do Record: O jornalismo tem mudado ao longo dos anos e agora são estas empresas grandes que funcionam como ‘conglomerados’ e agregadores de media. Na tua opinião como é que tem funcionado tudo?**

S – Fala-se muito em sinergias e as sinergias podem funcionar de forma positiva quando são bem trabalhadas e aproveitadas. Agora estamos com esta experiência de redes sociais em que se partilham conteúdos das restantes publicações e tem sido mais positiva para uns, menos para outros. Nós, como Record, temos uma grande falange de seguidores e temos sido prejudicados numas publicações e beneficiados noutras. Por exemplo, durante o Euro 2016, criámos um agregador de notícias comum que era gerido por mim e pela Sandra (também editora do online) ali no Record, mas englobava as notícias sobre o Euro de todos os órgãos do grupo. O que acontecia era que nós e o Correio da Manhã tínhamos muitos conteúdos diferentes e, se a página não fosse gerida, não iria resultar. Não funcionou mal e cumpriu os objetivos publicitários para o qual foi criado. Em termos pessoais, digo-te que cada um está a correr com o seu cavalo e não sei até que ponto conseguimos contribuir para o bem maior. Em termos de conteúdos da CMTV aproveitamos muito conteúdos para o *site*.

**A – Estes aglomerados serão uma vitória do jornalismo comercial?**

S – O que entendes como jornalismo comercial?

**A – Viver para o lucro e receitas.**

S – Talvez.

**A – Os números e objetivos ditam um pouco o jornalismo atual, certo?**

S – Sim, no online sim. Sei que se fizer um título ‘*clickbait*’ vou ter muito mais alcance e *pageviews* do que se fizer um título morto, mas acho que devemos continuar com essa política. Há muito bons trabalhos online, com boas infografias, conteúdo e qualidade e que são assentes nesse tipo de títulos. O que acontece é que são precisos meios para os fazer e neste momento não os tens. Precisas de cumprir objetivos e números. Tens de ser bom nas duas coisas e viras-te para onde?

**A – E o papel? Tem os dias contados?**

S – Não sou uma cavaleira do apocalipse. Já no tempo de faculdade (1998/1999) discutíamos muito essa questão do fim do papel, mas não acredito de todo. Acho que vai sobreviver o que conseguir conciliar o melhor dos dois mundos. Isto numa perspetiva

muito utópica. É preciso uma fórmula, que não sei se existe, para conjugar números e jornalismo da mais alta qualidade. Vejo cada vez mais aposta no online – e mesmo assim pouco – do que no papel. Continuo a ler muitos jornais, porque gosto de ler boas histórias, foi para isso que quis ir para jornalismo. Dou-te o exemplo de um conteúdo que temos na revista (sobre o Kaizer fingido) que achei tão bom que disse: “vai-nos salvar o dia”. E salvou. Peguei no título, transformei-o, dei-lhe um pós-título forte, difundi nas redes sociais e foi o artigo mais lido do dia. Aquilo é uma história deliciosa. As pessoas continuam a gostar de histórias e o jornalismo, infelizmente, e por todos os condicionalismos, já não as histórias de que as pessoas gostam. Os psicossomáticos que enchem as páginas dos jornais são zero. Infelizmente é isso que faz conteúdo, pode haver uma mistura entre isso e boas histórias.

**A – Como é que achas que o Record se posiciona em termos de mercado? Ainda se distingue?**

**S** – Tentamos fazer o melhor. Continuamos a ter bons conteúdos, não tantos como queríamos, devido aos condicionalismos todos por parte dos clubes que nos fecham as portas. Há 20 anos íamos aos treinos todos, falávamos com os jogadores todos sem problemas, hoje em dia não há nada disso. Os verdadeiros protagonistas estavam nas páginas dos jornais todos os dias. Por isso é que o jornal vendia 100 mil.

**A – Achas que o jornalismo desportivo foi completamente remodelado nesse aspeto?**

**S** – As portas fecharam-se de uma maneira e devíamos saber dar a volta de outra maneira. E soubemos, o certo é que continuamos a ir para a banca com boas entrevistas e notícias, mas os condicionalismos de que falámos há bocado também não ajudam.

Entrevista exploratória:

**Anexo 1 b).**

**Nuno Miguel Ferreira, Editor Futebol Nacional, jornal Record:**

**António Barradas (A) – Como é que o Nuno Miguel Ferreira chega a editor de futebol nacional no Record?**

**Nuno Ferreira (N)** -De forma natural, digamos assim. Fiz o percurso normal, acabei a licenciatura, estagiei no Público, no desporto, em 1996 e quando acabou o estágio (não remunerado, claro) passaram-me uma carta de recomendação, mas não havia vaga para mim no desporto, só política e sociedade. Tentei a sorte noutro lado, fui bater à porta do Record, pedi para falar com o diretor e a entrevista demorou um minuto e meio. Olhou para o meu currículo, perguntou-me “queres trabalhar no Record, meu (palavrão que não vou repetir)?”, eu disse que sim, claro! E comecei na segunda-feira, 23 de setembro de 1996. Já corri as secções todas e já fiz um pouco de tudo. Gostei muito de fazer Benfica durante 7 anos, abriu-me muitas portas, além de experiências enriquecedoras. Quer se queira quer não, trabalhar com qualquer um dos três grandes dá-te outro reconhecimento e visibilidade. Mal fazes uma notícia sobre qualquer um deles a repercussão é muito maior. A notícia mais pequena sobre Benfica, FC Porto ou Sporting tem mais impacto do que as notícias grandes dos outros clubes.

**A – Qual é o espaço dos outros clubes no panorama do jornalismo desportivo e no Record em particular?**

**N** – Já te apercebeste, até pela secção em que estás a trabalhar agora, que não é fácil. Estamos sempre a batalhar por espaço e os clubes também não ajudam, têm tiques de clube grande e fecham-se muito: treinos à porta fechada, jogos treino à porta fechada, jogadores que só falam para o *site* do clube, não há direito ao contraditório. É cada vez mais difícil fazermos trabalhos com eles, muitas vezes até aproveitam as nossas ideias e fazem como se fossem as deles.

**A – Então o quê que acaba por dar menos espaço aos clubes pequenos? Será a intransigência deles ou um jornalismo mais comercial?**

**N** – É um bocado de tudo. Não nos podemos esquecer do contexto difícil que os jornais vivem a nível económico. A redução de páginas está à vista de todos e esse mercado que nos faz dar mais importância aos clubes grandes também influencia.

**A – Isso não é contra o jornalismo plural que tanto se apregoa? Deixar boas estórias de clubes pequenos em detrimento de psicossomáticos de clubes grandes?**

N – É o mesmo que se entrevistasses alguém da secção de modalidades, também te vão dizer que têm pouco espaço, mas se fores analisar bem, a maior parte do conteúdo que lá está também é Benfica, Sporting e FC Porto. Essa ‘ditadura’ dos clubes grandes, num mercado como o nosso, vai demorar muito tempo para mudar e não me parece que nenhum jornal esteja com disposição de mudar. Não querem ser os paladinos da justiça e dizer “ah, agora vamos dar tanto espaço ao Belenenses, Estoril e Feirense como damos ao Benfica”.

**A – Não há disposição para mudar?**

N – Não, porque também não há mercado para o fazer. A minha experiência de 20 anos nisto assim me diz.

**A – Sendo tu editor da secção de Futebol Nacional, que alberga todos os clubes para lá de Benfica, Sporting e FC Porto, como é que sentes que um clube fora dos três grandes tem destaque na capa/manchete?**

N – Tiveste um bom exemplo agora com o V. Setúbal, que fez manchete. Porém, não foi o V. Setúbal que empatou com o FC Porto, foi o FC Porto que escorregou com o V. Setúbal. O mesmo acontece com o Benfica e com o Sporting. Quando um clube pequeno faz um brilharete, foram sempre os outros que escorregaram. Só nesses casos é que têm direito a manchete, ou quando um jogador desses clubes interessa aos grandes.

**A – Eleições também?**

N – Nunca fazem manchete. Só chamada de primeira página.

**A – Essas chamadas de primeira página como é que são decididas?**

N – Depende da relevância da estória, ou se temos algum trabalho nosso ou alguma reportagem. Sobretudo estórias exclusivas e castigos longos. Todos os dias vês ‘chamadinhas’ de primeira para esses clubes. Não vão é muitas, vês uma ou duas por dia.

**A – Há clubes, dentro desse lote, que se destacam?**

N – Sim. Há clubes que têm mais importância para nós. No nosso caso é o V. Setúbal e o Belenenses. Na Madeira não há muitos jornais lá vendidos, portanto, não privilegiamos. Dia a dia é beneficiar e dar destaque aos que mexem mais, com mais adeptos e que venderão mais. Na 2ª Liga são sobretudo os do Algarve, como o Portimonense e o Olhanense e também a Académica de Coimbra, claro. No Norte é o V. Guimarães e Sp. Braga.



**A – Como é que funciona a secção de Futebol Nacional?**

N – Somos oito. Somos das secções onde os estagiários começam lá ou passam primeiro no online para ‘levar a primeira esfrega’, que isto não é para todos. Não é uma vida fácil, demora-se muito a começar a ganhar alguma coisa para começar a pensar noutros aspetos. Temos essa equipa e temos de ter uma rede de correspondentes espalhados pelo país. Tentar cobrir o máximo de território com o mínimo custo possível, que é um exercício que tenho de fazer todos os meses para tentar cumprir escrupulosamente. Os cinco clubes da primeira, os sete da segunda, o campeonato de Portugal, os distritais, os juniores, etc.

**A – Como é que é feita essa divisão de tarefas entre os jornalistas da secção?**

N – De acordo com as folgas. Do Belenenses temos um jornalista exclusivo só para tratar do clube, do Estoril temos um correspondente, assim como em V. Setúbal e na Madeira. Todos os clubes estão cobertos. Depois os 8 vão-se dividindo. Em reportagens, futsal, que é a Cláudia e o Amaro com trabalhos mais históricos. Tento encontrar sempre a pessoa indicada para determinado serviço.

**A – Quando aqui entraste (1996) ainda o Record não pertencia à Cofina. Quais foram as principais diferenças?**

N – A diferença mais visível é nas instalações. Agora estamos todos agregados aqui, as sinergias são importantes. Podiam ser mais profundas, mas há algumas, sim.

**A – Não há uma maior rigidez em termos de objetivos?**

N – Há a figura do acionista, visto a Cofina ser quotada em bolsa, e essa pressão existe. Do lucro, dos resultados, é o que nos passam, mas não noto isso no dia-a-dia. Ninguém me diz “faz isto que vai vender mais”. A interferência é quase nula. Há alguns eventos que apoiamos para dar visibilidade à marca, como os torneios de futebol jovem agora na Páscoa. A pressão, a existir, é mais por parte dos clubes.

**A – O que distingue o Record dos outros dois (A BOLA e O JOGO)?**

N – Para mim isso nota-se sobretudo graficamente. Somos um jornal mais arrumado e mais fácil de ler. Somos também o mais rápido a responder. Há grandes profissionais em todos, mas tenho de defender a minha camisola. Damos um ar mais fresco às coisas, os outros são máquinas menos ágeis a responder, parece-me.

Entrevista exploratória:

Anexo 1 c).

**Bernardo Ribeiro, diretor adjunto, jornal Record**

**António Barradas (A) – Como é que o Bernardo Ribeiro chega a diretor adjunto no Record?**

**Bernardo Ribeiro (B) –** Trabalhei três vezes no Record. Quando fiz o CENJOR optei por vir estagiar para o Record em vez do Público, onde tinha uma tia e não queria que pensassem que estava lá por cunha. Estagiei no Record durante três meses e fiquei aqui dois ou três anos, depois fui para O JOGO, voltei ao Record (períodos de dois três ou três anos) e depois acabei por sair para o 24 Horas, onde fui membro fundador. Depois saí do 24 Horas para A BOLA, onde fui para editor das modalidades e passei a ser jornalista, acumulando alguns cargos de edição. Por fim vim para o Record para chefe de redação, em 2004 e de cá não mais saí.

**A – Para quem já trabalhou em tantos outros jornais, consegue-me dizer o quê que distingue o Record dos outros?**

**B –** O Record é da maior empresa, logo é o que tem uma melhor estrutura e é mais profissional. Na A BOLA não sabia quanto é que se vendia, o JOGO é um jornal muito forte no Norte, mas fraquíssimo abaixo de Coimbra, isto apesar de ter feito alguns esforços para se livrar disso, mas nunca conseguiu. A BOLA tem uma forte ligação ao Benfica e é muito mais familiar, com pouca organização e com a gestão menos profissional do que o Record, que está inserido num grande grupo em que toda a política do jornal é diferente. Quando se vem da A BOLA para o Record percebe-se que é tudo diferente. Em termos de posicionamento no mercado, somos líderes e costumo dizer que o Record é o jornal mais independente de todos os desportivos.

**A – Então não podemos dizer que há uma filiação ao Sporting?**

**B –** Em determinado momento da sua história o Record foi um pouco o jornal do Sporting, assim como A BOLA do Benfica e O JOGO do Porto, mas conseguiu libertar-se disso. Isso está mais na cabeça dos mais velhos. Essa mentalidade mudou muito e o Record conseguiu libertar-se bem disso. Fazemos quase diariamente manchetes com o Benfica e com o Sporting, que são os dois clubes comercialmente mais interessantes para

nós, mas o FC Porto tem uma boa cobertura dentro do jornal, tendo algumas capas na edição norte do que na sul.

**A - Podemos afirmar que a Cofina veio confirmar a comercialização do jornalismo?**

B – Não acho que seja a Cofina. Os jornais não são produtos que vivam de subsídios estatais. Sem ser a Santa Casa da Misericórdia e as ONG, tudo o resto são negócios. Os jornais são negócios, são investimentos pagos por alguém. Não podes dissociar isso. A Cofina, a Impresa, tudo isso. Os jornais que perdem dinheiro constantemente, fecham. Os jornais que estão com mais dificuldades financeiras estão mais dependentes de compromissos que nada têm a ver com a verdade, porque se estão abertos e não dão lucro, estão abertos por outras razões. Não lhe chamaria jornalismo comercial, todo o jornalismo é comercial. Podes falar de outros projetos baseados no jornalista cidadão. O Record é um jornal popular, que atravessa todas as classes e faixas etárias. Não é um Jornal de Negócios que interessa mais às elites. Hoje, o jornalista em cargos de direção que não se preocupar com o futuro da sua profissão e que não tenha atenção às contas da empresa e a se o patrão consegue pagar o seu salário, não consegue manter-se.

**A – E a linha ténue entre o que vende e o que ‘interessa’? O que vende é sempre o que interessa?**

B – Tens de me dizer o que entendes pelo que não ‘interessa’.

**A - São notícias fabricadas e sem fundo de verdade, quase que apelando ao sensacionalismo.**

B – Cada jornal tem a sua política editorial. A política editorial do Record é muito clara: dar notícias de todos os quadrantes, de todos os clubes, chegar primeiro, ser verdadeiro. Depois, obviamente que se tens uma notícia de uma contratação do Paços de Ferreira, do Belenenses e do Sporting, qual é que achas que vai ter mais espaço? É a do Sporting. Porém, o Belenenses continuará a ter mais espaço do que o Olivais e Moscavide e assim sucessivamente. Portanto, nós pensamos sempre na capa como uma montra. Há muitas notícias importantes no jornal que não estão na capa. A capa é um exercício formulado por quem está à frente do jornal a pensar ‘como é que eu vou tentar vender este jornal?’. Um pouco como alguém que tem uma frutaria e escolhe o sítio da fruta. Aí há a arma do preço, nós não podemos fazer isso. Às vezes há notícias muito importantes, relacionadas com a Liga de Clubes ou o TAD (Tribunal Arbitral do Desporto), mas não vamos fazer manchete com isso. Contudo, as notícias estão lá, continuamos a ter estórias giras. Nem tudo pode ir à capa, é um exercício muito difícil, de quase adivinhação.

**A – Como é que é feito esse exercício da escolha de ‘montar’ a capa?**

**B –** Há sempre uma equipa que está com o fecho do jornal. Essa equipa faz uma recolha dos títulos mais importantes do jornal e leva-a para uma reunião onde estão membros da direção, chefia e pessoas que estão a fechar o jornal. Às vezes a pessoa que está a fechar o jornal faz uma proposta de um tema e raramente essa proposta não é discutida, a não ser que seja ‘Aimar no Benfica’ e tudo o resto seja menos relevante. Estamos a falar em dias normais. Ontem a primeira ideia era a ‘invasão’ do Benfica a Paços de Ferreira e acabou por ser o Fejsa KO. Muitas vezes a capa muda à última da hora. O quê que acontece na capa? Na edição Norte há uma montagem e na do Sul há outra. Damos mais destaque a clubes do Sul aqui e no Norte aos do Norte. Há quase todos os dias uma capa diferente.

**A – Quando os clubes pequenos têm destaque, isso acontece porquê? Qual é o principal motivo?**

**B –** Nos jornais de dia de jogos as derrotas não são muito comerciais. A nossa ideia é estar presente sempre que possível e a escolha é pela notícia que nos parece mais interessante. Se tivermos uma entrevista de um presidente, a contratação de um jogador, tudo isso é interessante. Estoril, Belenenses e V. Setúbal são os mais importantes no Sul e no Norte é o Sp. Braga e o V. Guimarães. Tem muito a ver com a notícia, se for um treinador, a contratação de um jogador reconhecido ou uma história rocambolesca, tem tudo muito a ver com o valor-notícia. Se for um drama, até pode ser o Vilaverdense. Um drama qualquer, ou uma história de ressurreição, por exemplo. No primeiro número do Record Mais [suplemento que surgiu no jornal no meu período de estágio] fizemos uma entrevista à mãe do Féher. Quando tens um conteúdo tão forte como aquele, vais ter chamar aquilo à capa. É uma coisa marcante que queres chamar à capa. Não tem a ver com o Benfica, tem a ver com uma queda que deu uma morte trágica em Guimarães.

**A – Por exemplo, quando o Moreirense conquistou a Taça da Liga não foi manchete. Qual foi o critério aí?**

**B –** Claramente comercial. O Moreirense fez um grande feito e demos-lhe um espaço que só damos quando temos duas notícias muito importantes, ocupando um espaço de relevo no jornal. O mais caro em termos de publicidade. Em termos de capa continuamos a achar que devíamos optar por outro assunto, que vendesse mais.

**A – Tiveste aqui quando isto não era Cofina e estás agora. Quais foram as principais diferenças que notaste? O que mudou?**

**B –** O Record era uma empresa de um só dono, muito familiar, acabou por mudar muita coisa. Os jornais mudaram muito. A voracidade da internet e das redes sociais mudou muita coisa. Em termos de posicionamento estratégico foi ótimo o Record ter sido comprado pela Cofina. Agora está num grupo e isso é excelente. Agora o Record é mais organizado e profissional, mas em termos de papel vende menos, mas tem mais leitores, tudo isso graças ao online.

**A – Há objetivos a cumprir. São esses objetivos que ditam o funcionamento total do jornal? Com uma empresa por trás não serão mais intransigentes?**

**B –** Não. Os objetivos têm mais a ver com a componente de negócio. São mais para a direção do que para o jornalista. A ti nunca te falaram dos objetivos, de certeza. São um norte para sabermos o que temos de cumprir, para saber se o nosso trabalho está bem ou mal. Não é uma coisa que me pareça que mexa com o dia-a-dia dos jornalistas do Record. Não me parece mesmo.

**A – Esses objetivos são traçados pela Cofina no geral? Pela administração?**

**B –** Sim, advêm sempre de uma conversa entre a direção e a administração. Caso contrário, imagina, o jornal vende 35 mil e eles pediam-te para vender 50 mil, isso tem de ser falado e tens de explicar que não é possível.

**A – Isso é feito diariamente, semanalmente ou anualmente?**

**B –** Anualmente.

**A – Têm muita influência na forma como o jornal é gerido?**

**B –** Quase nenhuma. Eles traçam os objetivos, mas não interferem na gestão da publicação. Não nos ditam regras ou nos dizem sobre o que falar, ou publicar. Em termos de conteúdo a influência deles é zero, o que nos deixa à vontade para fazer o nosso trabalho.

## 2. Notícias escritas no *online*

**Algumas notícias escritas no estágio *online*:**

**Anexo 2 a).**

Notícia escrita no dia 10 de janeiro de 2017:

<http://www.record.pt/internacional/paises/inglaterra/detalhe/arsenal-oficializa-novo-ashley-cole.html>

Notícia escrita no dia 10 de janeiro de 2017:

<http://www.record.pt/internacional/paises/espanha/detalhe/luis-enrique-coloca-posicao-do-barcelona-acima-das-criticas-de-pique.html>

Notícia escrita no dia 10 de janeiro de 2017:

<http://www.record.pt/internacional/paises/italia/detalhe/belotti-nao-pensa-em-transferir-se.html>

Notícia escrita no dia 10 de janeiro de 2017:

<http://www.record.pt/internacional/paises/inglaterra/detalhe/giroud-perto-de-renovar-contrato-com-o-arsenal.html>

Notícia escrita no dia 10 de janeiro de 2017:

<http://www.record.pt/internacional/detalhe/martin-odegaard-apresentado-no-heerenveen.html>

Notícia escrita no dia 10 de janeiro de 2017:

<http://www.record.pt/internacional/paises/franca/detalhe/fernando-llorente-na-mira-do-psg.html>

Notícia escrita no dia 10 de janeiro de 2017:

<http://www.record.pt/internacional/detalhe/sergio-ramos-e-modric-incluram-messi-nos-votos.html>

Notícia escrita no dia 12 de janeiro de 2017:

<http://www.record.pt/mercado/inglaterra/detalhe/dimitri-payet-nao-quer-voltar-a-jogar-pelo-west-ham.html>

Notícia escrita no dia 12 de janeiro de 2017:

<http://www.record.pt/internacional/paises/franca/detalhe/valere-germain-pretendido-pelo-southampton.html>

Notícia escrita no dia 12 de janeiro de 2017:

<http://www.record.pt/internacional/detalhe/uefa-alerta-para-os-perigos-de-elite-inalcancavel.html>

Notícia escrita no dia 12 de janeiro de 2017:

<http://www.record.pt/internacional/paises/italia/detalhe/dybala-nao-pensa-sair-da-juventus.html>

Notícia escrita no dia 12 de janeiro de 2017:

<http://www.record.pt/internacional/paises/inglaterra/detalhe/morata-volta-ao-radar-do-arsenal.html>

Notícia escrita no dia 30 de janeiro de 2017:

<http://www.record.pt/mercado/portugal/detalhe/francisco-geraldes-e-o-regresso-a-alvalade-nao-podia-pedir-melhor.html>

Notícia escrita no dia 7 de fevereiro de 2017

<http://www.record.pt/internacional/paises/franca/lille/detalhe/luis-campos-o-lille-e-um-projeto-a-minha-medida.html>

Notícia escrita no dia 15 de fevereiro de 2017:

<http://www.record.pt/internacional/paises/italia/ac-milan/detalhe/cafu-o-que-falta-ao-ac-milan-e-um-segundo-berlusconi.html>

Notícia escrita no dia 21 de fevereiro de 2017

<http://www.record.pt/futebol/futebol-nacional/liga-nos/fc-porto/detalhe/pinto-da-costa-revela-os-segredos-para-ser-bem-sucedido-no-mercado-de-transferencias.html>

Notícia escrita no dia 21 de fevereiro de 2017:

<http://www.record.pt/futebol/futebol-nacional/liga-nos/fc-porto/detalhe/pinto-da-costa-estamos-mais-fortes-do-que-quando-eliminamos-a-roma.html>



## Anexo 2 b).

Notícia assinada *online* (decidido pelo editor):

04.09.2017

### CARMONA RODRIGUES: «É SEMPRE POSSÍVEL MELHORAR EM TODOS ASPETOS»

Antigo presidente da Câmara Municipal de Lisboa apoia Madeira Rodrigues



Antigo presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Carmona Rodrigues mostrou-se satisfeito pelo dia de mobilização que se vive este sábado nas eleições do Sporting, admitindo a sua esperança de ver o clube de Alvalade melhorar depois deste ato eleitoral que, na sua opinião, teve uma campanha feita "no tempo errado".

"Este dia foi uma jornada de mobilização e também demonstra interesse e preocupação com o futuro do Sporting, além de vitalidade e proximidade. Temos esperança, queremos melhorar o que não está bem. É sempre possível melhorar. Não pode haver segredos ou coisas escondidas. Ganhe quem ganhar, importante é o Sporting melhorar a sua saúde financeira e organizativa. Além disso, é fulcral reforçar a formação. Em suma, é sempre possível melhorar em todos aspetos", frisou, em declarações a *Record*.

Olhando para o futuro, Carmona Rodrigues pediu para que o Sporting se torne estável, com "união à volta do clube": "O Sporting vive uma crise há vários anos e essa instabilidade não ajuda o clube. Instabilidade essa que se vê tanto a nível de treinadores como na direção. Para além disso, tem de haver um respeito pelos outros clubes. Existe um clima de guerrilha demasiado frequente. Qualquer que seja o vencedor, importante é haver união à volta do clube."

"A campanha foi no tempo errado. Devia ter sido em junho, por toda a vida desportiva, não apenas pelo futebol. Fazer uma campanha a meio da época não é bom, porque discutir projetos e nomes pode suscetibilidades de quem lá está. Mesmo assim fiquei esclarecido com a campanha. Conta muito a imagem das pessoas e da sua credibilidade. Não se discutiram muito projetos futuros e teria sido importante fazê-lo. Tenho um favorito

O que está beneficia do que fez, pois melhorou certas coisas. O outro só pode mostrar o que fez noutros sítios e pode tentar fazê-lo aqui", explicou.

Autores: António Barradas e Fábio Lima

### 3. Manchetes a destacar

Anexo 3 a).



Anexo 3 b).

**FANTÁSTICO**

0-1

Sp. Braga **CAUÊ** DE PENÁLTI DÁ TÍTULO HISTÓRICO

Moreirense

TACA CTT P. 2A7

Director: António Magalhães  
Directores Adjuntos: Bernardo Ribeiro e Nuno Fardilha

20h00 SPORT TV 1

V. Setúbal **Benfica**  
P. 9 A 13

ÁGUIA SOB PRESSÃO CONTA COM MITROGLOU E FEJSA

**DE VOLTA**

**ELES JÁ TÊM O TRIVIAL**  
GRÁTIS

SALVIO LESIONADO  
ZINKOVIC E RAFA LUTAM PELO LUGAR

José Couceiro  
"Série sem ganhar ao Benfica já tem anos a mais"

SALVIO CERVI  
**LEVE HOJE**  
6 queijos + 36 queijitos  
+ 1 dado + 4 cartas

REUTERS /

MAFOTOMAGNETO

**Record** www.record.pt

**ARBITRAGEM**  
**SOARES DIAS**  
**PODE IR AO MUNDIAL**

**BENFICA P. 2 A 5 E 35**  
**BRASILEIRO REGRESSA À TITULARIDADE NO JOGO DA LUZ**  
**JONAS ATACA BELEM**  
HÁ UM MÊS QUE O 'PISTOLAS' NÃO ALINHA DE INÍCIO

**FEJSA AINDA EM DÚVIDA**  
**LUISÃO RENOVA POR UM ANO PARA A SEMANA**

**FALOU COM OS JOGADORES**  
**VIEIRA EXIGE DOBRADINHA**

**BELENENSIS P. 6**  
**SÓCIOS DECIDEM DIA 17**  
**ELEIÇÕES ANTECIPADAS NO CLUBE**

**CONHEÇA OS MIÚDOS QUE BRILHAM NO CAMPEONATO NACIONAL DE JUNIORES**

**consilcar**  
**MEGA EXPOSIÇÃO**  
+ de 160 vitórias  
Fórum Horário de 11 a 19 de Março

**SPORTING P. 10 A 13 E 39**  
**ESTREOU-SE NA LIGA COM O TONDELA**  
**O QUE MUDOU NA VIDA DE GELSON**  
ORDENADO PASSOU DE 120 MIL EUROS PARA 1 MILHÃO  
O MAIS UTILIZADO POR JJ É INTERNACIONAL  
**AG ABRE PROCESSO**

**MARTA SOARES**  
"Há difamações que não podem passar impunes"  
**VICTOR ESPADINHA**  
"Hitler e Salazar também ganharam eleições"

**20h30**  
**Arouca P. 14 A 17** **FC Porto**  
**SOARES E MACHADO EM REENCONTRO ACESO**  
**HUGO ALMEIDA**  
"André Silva terá grande futuro"

**V. SETÚBAL P. 21**  
**CANDIDATO AMBICIOSO**  
**ANTÓNIO SANTOS QUER LIGA EUROPA**  
MAURO ALMEIDA JUNTA-SE À LISTA

Anexo 3 d).

HERÓI DE RIADE EM 1989 CONTA TUDO A RECORD

**ABEL SILVA**

**"O meu erro foi ter recebido 30 mil euros"**

EXCLUSIVO

OPERAÇÃO JOGO DUPLO

"Estou inocente"

"Fui vítima de uma armadilha"

SEXTA-FEIRA, 31 MARÇO 2017. DIÁRIO "A NOVA" Nº 68.411.356. PREÇO: PORTUGAL COMENTARIAL 14 (CIVIL)

FOTO: G. G. G.

## 4. Notícias escritas para o jornal em formato papel

Anexo 4 a).

### Diogo Pacheco isola azuis no topo

Uma Académica com o orgulho ferido deslocou-se ao Restelo para tentar reverter a tendência negativa dos últimos dois jogos – perdeu com o FC Porto (5-1) e Sporting (4-2). Só que pela frente teve um Belenenses bastante moralizado pelo excelente arranque nesta fase final, sendo que o triunfo (1-0) permitiu aos azuis isolarem-se na liderança graças ao deslize dos leões em Guimarães.

Depois de uma 1ª parte muito física e com pouca bola pelo relvado, foram os segundos 45 minutos que trouxeram mais qualidade. Um Belenenses revitalizado entrou com vontade de mandar e Diogo Pacheco (52'), após recarga a um remate de João Louro, fez o golo decisivo. Até ao apito final os azuis estiveram mais tempo por cima tendo disposto de boas ocasiões para dilatar a vantagem. Quanto à Eriosa, só criou perigo através de bolas paradas. ● A.B.

 BELENENSES	1	0	
TOMÁS POLES TOMÁS DOMINGOS DUARTE COELHO A. FIGUEIREDO PEDRO AMADOR F. SÉNICA JOÃO SANTOS (76')			ALEXANDRE VERDADE M. DIAS DIOGO CARVÃO TIAGO PALANCHA ANDRÉ FREITAS RUI BARRETO (66')
DAVID TELES JOÃO TRABULO NUNO SANTOS (82')			DAVID TELES JOSÉ VASCO LITOS (57')
D. PACHECO (89')			LEANDRO CARDOSO
JOÃO LOURO AIRES SOUSA (76')			SANDRO MOÇO (75')
TOMÁS RIBEIRO (82')			ANDRÉ VIDIGAL (57')
M. OLIVEIRA (89')			G. CHAVES (86')
João Santos			D. MINGACHOS (75')
			Miguel Carvalho
<b>Campo Major Baptista da Silva, Lisboa</b>			
<b>ÁRBITRO: Miguel Llibório (Lisboa)</b>			
<b>AUXILIARES: António Franco e Ricardo Luz</b>			
<b>AO INTERVALO: O-O, MARCADOR:</b>			
<b>1-0 Diogo Pacheco (52')</b>			
<b>DISCIPLINA:</b> ● Francisco Sénica (54'), José Vasco (61' e 90'+2), Marcelo Dias (80'), Nuno Santos (82') e Diogo Carvão (90'+2) ● José Vasco (80'+2, acumulação)			

## DIFERENÇA DE NÍVEL FOI NOTÓRIA

# Qualidade demasiado Real para onze Operário(s)

**R** O Real venceu em casa o Operário, por 1-0, na 6ª jornada da fase de subida do Campeonato de Portugal, voltando assim à luta pela subida (está a três pontos do líder Torreense). A pressa é inimiga da perfeição, mas no caso do Real funcionou ao contrário. A equipa da casa entrou forte, veloz e com muita dinâmica. Aos 8 minutos, Allef aproveitou um erro da defesa açoriana para passar pelo guarda-redes e marcar. Um resultado merecido, que podia ter sido dilatado até ao intervalo, caso tivesse existido mais eficácia. A segunda parte foi disputada a um ritmo lento, com pouca bola no chão e sem intensidade. A melhor ocasião pertenceu ao Operário, que no último segundo atirou ao poste. ● **A.B.**



PATRICK	RODRIGÃO
JORGE BERNARDO	IGOR
MATTHEUS COSTA	JOÃO JESUS
NUNO TOMÁS	P. RENATO (75')
LEAL	HUGO SIMÕES
SABRY (85')	ÁLVARO (45')
BRASH	PEDRO DIAS
KIKAS (79')	RUIZINHO
MARCELO (68')	BATA (71')
ALLEF	FÁBIO GOMES
PALÁCIOS	JORGINHO
RUBEN (68')	G. REYES (45')
ERICO (79')	PATRÍCIO (71')
THABO (85')	DIOGO FÉLIX (75')
● Filipe Martins	André Branquinho ●

**Complexo Desportivo do Real SC, Monte Abraão**  
**ÁRBITRO: Fábio Piló** (Leiria)  
**AUXILIARES: Bruno Vicente e Nuno Cadete**

**AO INTERVALO: 1-0. MARCADOR: 1-0 Allef (8')**

**DISCIPLINA:** ● Paulo Renato (17'), Rodrigão (40'), Kikas (41'), Sabry (45'+1), João Jesus (46'), Igor (78'), Ruben (84'), Erico (90'+4) e Brash (90'+5)

CONGRESSO

# FOOTBALL TALKS PÁRA PORTUGAL

**Seminário organizado pela FPF será o epicentro do futebol mundial entre hoje e sexta-feira**

JOSÉ MANUEL PAULINO

Dois anos depois, o Centro de Congressos do Estoril volta a ser, durante três dias (entre hoje e sexta-feira), palco das mais altas figuras do futebol mundial. O Football Talks, organizado pela Federação Portuguesa de Futebol, arranca com a sua segunda edição (a primeira foi em janeiro de 2015) depois de um ano desportivo marcado pela conquista do Euro '2016 pela Seleção Nacional.

Perante um Centro de Congresso lotado, Gianni Infantino, presidente da FIFA, e Aleksander Ceferin, presidente da UEFA, serão os nomes de maior relevo num evento que contará ainda com várias outras figuras de primeiro pla-

no, como Roberto Carlos, antigo jogador que falará sobre a Taça das Confederações, Pierluigi Colina, ex-árbitro e atual presidente do Comité de Árbitros da FIFA, e os presidentes da CONCACAF, Victor Montagliani, e da CONMEBOL, Alejandro Domínguez.

Portugal também estará representado nos mais de 30 oradores confirmados, com Fernando Gomes, presidente da FPF, a ter as

**OS REPRESENTANTES MÁXIMOS DA FIFA E DA UEFA MARCARÃO PRESENÇA NO ESTORIL PARA DISCUTIR O FUTURO**

honras de abertura do seminário, Leonardo Jardim, único treinador presente, Pedro Proença, presidente da Liga, António Costa, primeiro-ministro que falará da imagem passada pelo país através da seleção, além de Nuno



LÍDERES. Fernando Gomes e Gianni Infantino são duas das principais figuras do congresso

Santos, líder da The Story Lab, e Nuno Moura, diretor de marketing da Federação.

Entre os presentes estarão também Humberto Coelho, vice-presidente da FPF, e os antigos jogadores Jorge Andrade e Vítor Baía. Ao longo dos três dias abordar-se-ão questões estruturantes do futebol mundial, perspetivando um futuro longe das polémicas recentes. ☺

## Ceferin visita Cidade do Futebol

O presidente da UEFA, Aleksander Ceferin, que será um dos oradores no Football Talks, esteve ontem a conhecer a Cidade do Futebol, acompanhado pelo presidente da FPF, Fernando Gomes. "É muito bom que as pessoas se encontrem e discutam sobre futebol", disse ao site da FPF. ☺



Ceferin e Gomes



Anexo 4 d).

## FOOTBALL TALKS PORTUGAL 2017

### Principais oradores

-  **Aleksander Ceferin** (Presidente da UEFA)
-  **Andreas Krannich** (diretor executivo da Sportradar AG)
-  **David Elleray** (diretor técnico da IFAB)
-  **Gianni Infantino** (presidente da FIFA)
-  **Pedro Proença** (presidente da Liga)
-  **Roberto Carlos** (antigo jogador)
-  **Alejandro Dominguez** (presidente da CONMEBOL)
-  **António Costa** (primeiro ministro)
-  **Florence Hardouin** (diretora geral da Fed. Fra. Futebol)
-  **Leonardo Jardim** (treinador do Monaco)
-  **Pierluigi Collina** (presidente Comité de Árbitros da FIFA)
-  **Victor Montagliani** (presidente da CONCACAF)

### Principais participantes

-  **Vitor Bala** (ex-guarda-redes)
-  **João Benedito** (ex-guarda-redes futsal Sporting)
-  **José Morais** (treinador de futebol)
-  **Mónica Jorge** (diretora para o futebol feminino da FPF)
-  **Thiago Freitas** (responsável pelo futebol do Estoril)
-  **Humberto Coelho** (vice-presidente FPF)
-  **Jorge Andrade** (treinador de futebol)
-  **Tiago Ribeiro** (dirigente desportivo)
-  **Luís Norton Matos** (treinador sub-17 da seleção da Índia)

### PROGRAMA

**HOJE 10h00 - ABERTURA**

**Fernando Gomes** (Presidente FPF) Sessão de abertura

**Aleksander Ceferin** (Presidente da UEFA) Tema: **Governança**

**António Costa** (Primeiro-ministro) Tema: **Governança**

**Gary Stevenson** (Presidente da MLS) e **Nuno Teles** (Helsinki USA) Tema: **Governança e Sponsorização**

COFFEE BREAK

**Paul Rawley** (Diretor da Deloitte Sports Business Group) Tema: **Tendências de Negócio do Futebol**

**Silvio Vigato** (Co-Diretor de Receita da Juventus) Tema: **Marketing**

**Leonardo Jardim** (Treinador do AS Monaco) Tema: **Performance Desportiva**

**15h00**

**Florence Hardouin** (Diretora Geral da Federação Francesa de Futebol) Tema: **Governança e Marketing**

**Wolfgang Schöllhorn** (Professor na Universidade Johannes Gutenberg) Tema: **Performance Desportiva**

**Steve Fox** (Diretor Geral de Engenharia da Microsoft) Tema: **Performance Desportiva e Tecnologia**

**Wendell Lira** (Jogador profissional de videojogos) Tema: **E-Games**

COFFEE BREAK

**Geli Thorsteinnsson** (Presidente Honorário da Federação de Futebol da Islândia) Tema: **Governança**

**Alejandro Dominguez** (Presidente da CONMEBOL) Tema: **Governança**

**Victor Montagliani** (Presidente da CONCACAF) Tema: **Governança**

**18h30 - Encerramento**

**AMANHÃ 10h00 - ABERTURA**

**Pedro Proença** (Presidente da Liga) Tema: **Governança**

**Giorgio Marchetti** (Secretário-Geral Adjunto da UEFA) Tema: **Governança**

**Lin Xiaohua** (Vice-presidente da Federação Chinesa Futebol) Tema: **Governança**

**Ajaz Ahmed** (Fundador da Agência AKQA) Tema: **Liderança Criativa**

COFFEE BREAK

**Nuno Santos** (The Story Lab for Iberia and SSA) Tema: **Média**

**Barbara Slater** (Diretora de Desporto da BBC) Tema: **Média e Futebol Feminino**

**Sarah Bareman** (Diretora Divisão Futebol Feminino da FFA) Tema: **Desenvolvimento do Futebol Feminino**

**18h00**

**David Elleray** (Diretor Técnico da IFAB) Tema: **Video-Arbitro**

**Lou Jacobs** (Co-CEO Delaware North e Administrador Sup Boston Bruins) Tema: **Futuro do Desporto**

**Daniel Chao** (CEO Halo Neuroscience) Tema: **Neurociência**

COFFEE BREAK

**Raf Oliveira** (Presidente da CCF Gol de Letra) Tema: **Responsabilidade Social**

**Roberto Carlos** (Antigo jogador) Tema: **Taça das Confederações**

**Nuno Moura** (Diretor Marketing da FPF) Tema: **Marketing**

**18h30 - Encerramento**

**SEXTA-FEIRA 10h00 - ABERTURA**

**Jens Bangsbo** (Professor na Universidade de Copenhaga) Tema: **Nutrição Desportiva**

**Andreas Krannich** (Diretor Executivo da Sportradar AG) Tema: **Match-Fixing**

**Gabriele Marcotti** (Jornalista Desportivo do ESPN) Tema: **Governança**

COFFEE BREAK

**Pierluigi Collina** (Presidente Comité de Árbitros da FIFA) Tema: **Arbitragem**

**Gianni Infantino** (Presidente da FIFA) Tema: **Governança**

**18h00 - Encerramento**



DOIS GOLOS NA SEQUÊNCIA DE CANTO

# REAL EFICAZ NO TEMPORAL

**R** Debaixo de chuva por vezes torrencial, o Real fez da eficácia a principal arma e venceu o Sacavenense (2-0) naquele que é o terceiro triunfo consecutivo da equipa orientada por Filipe Martins. Com este resultado, a equipa da linha de Sintra aproxima-se dos lugares de subida e já é quarto, a dois pontos do líder, Fátima.

Com o sintético do Estádio do Sacavenense alagado, a principal dificuldade das equipas foi sempre fazer rolar a bola. O físico era o tónico de um jogo que foi muito atabalhoado. O Real dominou os primeiros 30 minutos e teve nas bolas paradas a principal chave para contrariar uma equipa da casa coesa, mas pouco ofensiva. Aos 38', na sequência de um canto, Allef cabeceia para o golo, com o conjunto de Tuck a queixar-se de falta sobre o guarda-redes.

O golo surgiu numa altura de algum equilíbrio no encontro, toada que se mante-



DECISIVO. Allef volta a marcar e a ajudar a equipa a vencer

ve. Aos 41', o Sacavenense podia ter chegado à igualdade, com Horta a permitir uma boa defesa a Patrick.

Nos segundos 45 minutos o tempo melhorou, mas o futebol seguiu o sentido inverso. Muita bola pelo ar, muitos duelos a meio-campo, muitas faltas e, mais uma vez, as

bolas paradas a serem decisivas. Aos 59', novamente na sequência de um pontapé de canto, Nuno Tomás aproveitou a confusão na área para, com o pé direito, selar o triunfo. Até final, a partida seguiu o mesmo ritmo com poucas ocasiões de golo, um Sacavenense aguerrido e um Real mais tranquilo. ☺



CARDOSO	PATRICK
OLIVEIRA	J. BERNARDO
YANNICK	MATHEUS COSTA
DUQUE	NUNO TOMÁS
C. BATALHA (79')	LEAL
HORTA (64')	RUBEN
SAAVEDRA	SABRY
NUNO BORGES	KILAS (45')
ARCANJO	ERICO
T. SANTOS (64')	ALLEF (75')
JOÃO OLAVO	PALÁCIOS (88')
JANU (64')	BRASH (45')
HERLANDER (64')	MARCELO (75')
LEO (79')	THABO (88')
Tuck	Filipe Martins

Estádio Sport Grupo Sacavenense, Sacavém

ÁRBITRO: José Laranjeira (Coimbra)

AUXILIARES: Paulo Santos e Duarte Santos

AO INTERVALO: 0-1. MARCADORES: 0-1 Allef (38'), 0-2 Nuno Tomás (59')

DISCIPLINA: ⚡ Allef (55'), Nuno Borges (83') e Yannick (89')

**"TUDO SE RESUMIU À EFICÁCIA. AS EQUIPAS BATERAM-SE BEM E NÃO VOU FALAR DE SITUAÇÕES QUE NÃO CONTROLÓ"**

TUCK, treinador do Sacavenense

**"FOI UM JOGO MUITO DISPUTADO NUM CAMPO MUITO DIFÍCIL. FOMOS MAIS EFICAZES E MERECEMOS GANHAR"**

FILIPE MARTINS, treinador do Real

JUNIORES

# MIÚDOS SEM RECEIO É O ADN DO RESTELO

**Azuis disputam a fase final pela 2.ª época consecutiva e lideram em igualdade com os leões**

ANTÓNIO BARRADAS

Portugal partiu de Belém à descoberta do Mundo nas caravelas e é também aqui que mora o líder – com os mesmos 10 pontos do Sporting após quatro jornadas – da fase de apuramento de campeão do campeonato de juniores. O Belenenses é um líder sem medo, apesar de pensar apenas no imediato. “Não temos qualquer tipo de receio. Aliamos isso a um espírito de equipa enorme que nos faz estar mais perto de ter resultados positivos. Não traçamos objetivos. Só pensamos jogo a jogo”, começou por referir João Santos, de 31 anos, treinador da equipa de juniores, que descarta por completo a intromissão na luta pelo título.

Nos nove anos em que a competição é disputada neste formato, os azuis do Restelo apenas se apuraram por duas vezes para esta fase da competição, sendo que a outra foi na temporada passada. Dessa forma, a estabilidade é uma das palavras de ordem do departamento de formação do emblema da Cruz de Cristo.

As boas épocas recentes têm de ser uma constante e é isso que é defendido pelo coordenador da formação azul, João Raimundo. “Se nos próximos três anos não chegarmos às fases finais, estas duas épocas terão sido obra do acaso. Não queremos isso, mas sim estabilizar o Belenenses entre os quatro primeiros clubes portu-



SURPRESA. Belenenses segue no pelotão da frente e já venceu em casa do campeão

## ARRANQUE FORTE

A boa fase do Belém começou com um triunfo (1-0) no Porto, seguindo-se o nulo com o V. Guimarães e os triunfos sobre Sp. Braga (2-0) e Rio Ave (1-0).

gueses a nível da formação. Tem de ser um processo contínuo”, sublinhou, referindo que é no espírito de equipa e na entreadajuda que reside a grande vantagem.

## Certificados pela UEFA

Outra das chaves para o sucesso recente é a cultura que é transmitida dentro do clube. “Pretendemos que os jogadores enraizem o nosso ADN em tudo o que fazem. Queremos que exista verticalida-

de desde os sub-9 aos sub-19”, referiu João Raimundo, o grande responsável pela revolução de todos os escalões até aos juniores. Essa reestruturação tem dado frutos: o emblema da Cruz de Cristo é um dos certificados pela UEFA a poder assinar contratos de formação, além de contar com 12 escolas de futebol. Dados impressionantes de uma equipa que “luta na mesma guerra, mas com diferentes canhões” com os candidatos ao título, frisou Raimundo.

A Académica é o próximo adversário, amanhã, às 15 horas, no campo Major Baptista da Silva. João Santos prevê um jogo de tripla. “Vai ser muito exigente. Na 1ª fase ganhámos em casa (1-0) e perdemos fora (3-1). Esperamos uma Académica forte e com vontade de reagir”, frisou o técnico. ●

## Com a recompra da SAD no horizonte

A recompra da SAD por parte do clube não deixou de ser referida por João Raimundo, que considera um duro golpe o facto de os juniores não subirem aos seniores do clube. “Acaba por ser um pouco desolador. Gostávamos era de os ver a atuar aqui, a defender as nossas cores.” João Louro e Gonçalo Agrelós já se treinaram esta temporada com os seniores e o clube revelou, em comunicado, que sugeriu cinco jovens para assinarem contrato profissional. “Se a SAD não os quiser, algum clube há de pegar neles. São jogadores com nível de 1.ª Liga”, constatou.



FIGURAS. Tomás Foles e João Louro em forma

## Pérolas em destaque

Tomás Foles é o guarda-redes da única equipa que ainda não sofreu qualquer golo nesta 2ª fase do campeonato de juniores, sendo uma das figuras do conjunto que faz da coesão defensiva um dos alicerces da boa temporada.

O guardião, que chegou esta temporada ao Restelo oriundo do Sporting, não esconde que gostava de integrar o plantel sénior do Belenenses para a próxima temporada (cumpre o último ano de júnior). “Continuar no Belenenses

era algo que via com bons olhos. Jogar na 1ª Liga é o que qualquer um ambiciona”, frisou o dono da baliza azul.

João Louro é outra das figuras dos homens do Restelo. Com 16 golos marcados em 26 jogos é o melhor marcador e um dos mais utilizados por João Santos. “Os golos vêm com o sucesso da equipa. A nível individual o que mais quero é ajudar os meus colegas e no fim da época arranjar um contrato profissional”, frisou o avançado. ●

ROSEBLOOM/SHUTTER

**EXTREMO SAIU EM 2015**

## Direitos de formação de Dálcio cobrados à SAD

**R** A direção do Belenenses liquidou no passado dia 27 de fevereiro a dívida que tinha referente ao pagamento de serviços do Conselho de Disciplina da FPF, que se reuniu a 24 do mesmo mês para resolver o caso dos direitos de formação de Dálcio Gomes, que se transferiu dos azuis para o Benfica em 2015.

O clube do Restelo requereu ao Conselho de Disciplina para que fossem cobrados às águias os direitos de formação referentes à contratação do jogador, em 2015, por 650 mil euros. A decisão final foi que o clube da Luz não terá de pagar o valor associado à formação do atleta, visto ter sido na Belenenses SAD que se



profissionalizou, isto apesar de a FPF não reconhecer em termos de registo que a SAD azul possa celebrar contratos profissionais com jogadores em idade de júnior.

Perante este cenário, **Record** sabe que os direitos de formação de Dálcio serão cobrados pelo clube à SAD no processo de conta-corrente que se prevê que seja decidido em julho e que reúne despesas de vários âmbitos. Além da verba destinada aos direitos de formação, está estipulado no protocolo que o clube terá de receber 15% da Sociedade Anónima Desportiva assim que se oficialize a venda de um jogador formado no Belenenses. ➤

## BELENENSES

# À procura do primeiro triunfo

**R** Quim Machado vai tentar conquistar a primeira vitória frente a um dos grandes. Nas três temporadas em que orientou equipas na 1ª Liga, o técnico de 50 anos conta com 79 jogos – fará no sábado o 80º – e já derrotou FC Porto, Benfica e Sporting por 16 vezes, sendo que o melhor que alcançou foram dois empates frente aos dragões. Um deles já esta temporada (0-0) ao comando do Belenenses e o outro ponto

conquistado remonta a 2011/12, quando orientava o Feirense, também um nulo. O treinador dos azuis do Restelo ainda não sofreu qualquer golo nos jogos que realizou frente aos dragões esta temporada, um bom prenúncio para este confronto.

O Belenenses treinou ontem à porta fechada e hoje volta a fazê-lo pelas 10.30. O único jogador indisponível é o espanhol Rosell, ainda a recuperar de lesão. ● **A.B.**

## 5. Artigo *Premium* escrito para o site

Anexo 5 a).

28.03.2017

### TOTTI: 24 ANOS DEPOIS, UMA ODE À JUVENTUDE

*'Il Capitano'* é um dos maiores ícones da história do futebol italiano



Foto: Epa



Corria o dia 28 de março de 1993 e este podia ter sido mais um quadrado riscado do calendário igual a tantos outros, mas o que aconteceu em Brescia, Itália, impediu que assim fosse. Aos 88 minutos do jogo entre os da casa e a Roma (que acabou por vencer 2-0), o mundo do futebol viu nascer uma lenda: Francesco Totti, um miúdo de 16 anos que entrava para o lugar do não tão bem sucedido Ruggiero Rizzitelli e que viria a marcar a liga italiana e o futebol no geral. A partir desse dia, é história.

Esta terça-feira, celebra-se a efeméride dos 24 anos da estreia do 'il capitano' nos seniores clube do coração e de uma página de glória que se iniciou a sul da Europa. A bola nunca teve segredos para Totti que desde cedo soube onde seria feliz e, mais importante, onde faria os outros felizes. Esse sítio era o Olímpico de Roma, o berço do seu futebol. Primeiro, como fervoroso adepto e depois com a responsabilidade acrescida de fazer vibrar os mais de 70 mil que enchiam as bancadas giallorossi. O italiano nascido e criado na cidade que o fez homem começou a despontar para o desporto rei em 1989, nos sub-14 da Roma. A partir daí não mais deixou o símbolo da loba e dos gémeos Rómulo e Remo.

## Anexo 5 b).

(continuação)

### Carreira entre a elite italiana



 24 anos de carreira, 24 fotos marcantes de Totti

e devolvê-las aos anos de ouro.

Em 2000/01, Totti viveu o melhor momento da carreira (a par da vitória do Mundial de 2006 pela seleção) ao conquistar o único campeonato italiano dos 24 anos de sénior. Ao lado de Vincenzo Montella e Batistuta, formou um trio ofensivo imparável, que conseguiu impulsionar a Roma e fazer história na Serie A, oferecendo à equipa da capital italiana o terceiro campeonato do palmarés. Uma estrutura sólida que alcançou algo que não mais se repetiu.

O melhor do líder romano estava guardado para a temporada 2006/2007 (há 10 anos, exatamente). Já com 30 anos, Totti sagrou-se pela primeira e única vez o melhor marcador da Serie A com 26 golos, numa época que coincidiu com o 2.º lugar da Roma a...22 pontos do Inter (o clube de Milão venceu a liga com 97 pontos). Desde então não mais deixou de marcar - ainda não passou uma temporada em 'branco' desde 1994/95 - e de ser decisivo nas restantes conquistas romanas. O eterno capitão ainda conquistou duas taças de Itália (2006/07 e 2007/08) e uma supertaça (2007) até à data. Pecúlio curto de um jogador com uma importância tão grande no futebol mundial.

### Quando Totti se torna 'Il Capitano'

Os recordes parecem ter sido criados para Francesco Totti os bater. No já longínquo 31 de outubro de 1998, o príncipe romano, de 22 anos, viria a tornar-se rei. Aldair, antigo jogador brasileiro da Roma, cedeu a braçadeira que até aos dias de hoje não mais voltaria a ter outro dono, tendo-se assim tornado o jogador mais jovem de sempre a ser capitão na Serie A.

### Velhos são os trapos

Os tempos mudaram. A longevidade dos jogadores já não é a mesma e os jovens estão cada vez mais aptos para substituir quem chega à casa dos 30. O futebol global veio para ficar, mas Totti mantém-se focado em contrariar a estatística. Mesmo em Itália, onde tradicionalmente os jogadores conservam outra 'aura', os 40 anos - serão 41 em setembro - parecem assustar quem apenas olha para o 'papel'. Porém, o nível do eterno capitão da Roma está cada vez mais perfumado. Sem ser titular indiscutível, a lenda romana tem somado golos e assistências decisivas esta temporada, além de ser a pedra-chave no balneário giallorossi. De acordo com uma estatística publicada pelo Twitter do 'OptaPaolo', 32% dos jogadores da Serie A (168 de 529) ainda não eram nascidos no dia 28 de março de 1993. Sinal claro da longevidade intemporal de um dos símbolos maiores do país do 'catenaccio'.

A vida do príncipe romano nunca teve muitos segredos. A abertura com que se emocionava, a forma como sempre bateu no símbolo quando marcava, a empatia com os adeptos e as juras de amor eterno que proferia a cada entrevista fizeram com que o jovem Francesco se tornasse na lenda Totti, nome incontornável do clube e homem de destaque do futebol italiano. Esta é a história de um amor eterno e de um menino que se fez homem sob a égide de um símbolo que, neste caso, se tornou seu, numa ligação que será sempre indissociável. É assim que o segundo melhor marcador de sempre da Serie A (chegou em novembro ao golo 250) continua a escrever uma das mais bonitas histórias de amor de que há memória. É uma ode à juventude deste 'miúdo' de 40 anos.